

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÕES E ARTES**

MYRIAN CLARK GIANNINI

O TALK SHOW NA ESCOLA

**SÃO PAULO
2019**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÕES E ARTES

O TALK SHOW NA ESCOLA

MYRIAN CLARK GIANNINI

Trabalho apresentado junto ao
Departamento de Comunicações e Artes da
Escola de Comunicações e Artes da USP
para obtenção do título de mestre em
Educomunicação: Comunicação, Mídias e Educação

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Cristina Costa

SÃO PAULO

2019

Giannini, Myrian Clark
O Talk Show na Escola

Tese apresentada à Escola de
Comunicações e Artes da Universidade de
São Paulo para obtenção do título de Mestre em
Educomunicação

Aprovado em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Maria Cristina Costa (Orientadora) Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

_____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

_____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Para o meu amor, Jayme,
por seu humor, por seu saber,
e por me escutar com o coração

Aos meus filhos
Luísa, Maria Clara e Pedro

AGRADECIMENTOS

Aos alunos da ETEC Sapopemba: Abraão M. A. Leite, Arthur Santos de Oliveira, Barbara do Nascimento Pereira, Beatriz Basilio, Bruna Leão Freitas Cintia Azevedo Rodrigues, Davi de Lima Bezerra, Daniel de Oliveira S. Vargas Daniel Yuji Kobayashi, Gabriele Barbosa de Oliveira, Giovana de Carvalho Guimarães, Guilherme A. Kerlin, Guilherme Reis R. Do Nascimento, Iris Minhano Vidoi, Jonathan Ferreira, Lucas Kyota da Costa, Nicolle Cardozo, Victor dos Reis Souza, Vinicius Jesus Rodrigues, Yandra de Araujo R. do Nascimento.

Aos alunos do Arquidiocesano: Bárbara Lelis Airoidi Franzoni Santos, Bianca Tiemi Uehara Lima, Carolina Tiemy Nakano Hashimoto, Daniel Mazucanti Domingos, Eduarda Bechelli Rocha, Gabriel Araújo Fernandes, Gabriel Mendes Avilez, Giovana Del Tedesco Teixeira, Giulia do Nascimento, Guilherme Mendes Franco Camargo, Henrique Fonseca, Laura Magnani Machado, Letícia Santos da Cruz, Mariana de Castro, Pedro Dan Edamatu de Carvalho, Pedro Henrique Xavier Machado, Samuel de Alcântara Barbosa, Thaísa Riezu Bassanese, Victoria Baptista Dias Miotto, Vitoria de Vasconcelos Nascimento.

À equipe da ETEC Sapopemba: Rita Arantes, Denis Le Senechal Klimiuc, Roseli Lovato Terrani e Sandra Regina Ferraz de Campos dos Reis.

À professora doutora Maria Cristina Costa e ao Jô Soares pela orientação generosa e pela trajetória admirável e inspiradora.

A Renato Barreiros, da Fundação Catavento, Douglas Oliveira Pacheco, da Fábrica de Cultura. À Viridiana Bertolini e Lázaro Ramos, da TV Globo; à Tabata Amaral de Pontes, Arthur Zanetti e Fernandinho Beat Box.

Aos amigos que me encorajaram à vida acadêmica: Fabio Clark Giannini, Lis Coutinho, Gabriela Frederico, Claudia Menezes, Cristiane Muniz, Fabiano Curi, Graziela Beting, Mariana Viegas, Priscila Helena Belpiede Simões, Viridiana Bertolini.

Aos meus sogros Neyza e Jayme e aos meus pais Myrian e Fabio por todo o apoio operacional e emocional.

À equipe do canal My News, especialmente a Ana Konichi, Beatriz Prates, Gabriela Lisbôa, Mara Luquet, Marco Aurélio Gois dos Santos e Nelson Garrone.

AGRADECIMENTOS

Alexandre Ohl de Souza, Ana Carolina Giannini Zimmermann, Ana Claudia Costa Pinto, Ana Curi, André Curi, Angelina Giannini Pascale, Antonio Giannini Pascale, Antonio Viegas, Beatriz Clark Giannini, Caio Arruda, Catarina Ohl de Souza, Carlos Moacir Vedovato Júnior, Cesar Zimmermann, Claudio Coelho, César Luquet, Eliana Rocha, Eliane Almeida, Fabio Clark Giannini, Fabio Leopoldo Giannini, Fernando Viegas, Francisco Viegas, Gabriela Lisbôa, Gabriel Giannini, Gloria Martins da Costa Pinto, Gustavo Bertolini de Barros, Helena da Costa Pinto Coelho, Horácio Pascale, Isabel Bertolini de Barros, Jane Drigo Caprara Frederico, José Eduardo Zimmermann, José Ismar Petrola, José Roberto da Costa Pinto, Julia Arruda, Juliana Giannini, Kleber Crespo, Lucas Giannini, Luciana Novelino, Lucília Francisca da Silva, Luísa Giannini da Costa Pinto, Manoela da Costa Pinto Coelho, Marco Arruda, Margareth Ribeiro, Maria Clara Giannini da Costa Pinto, Mariana Viegas, Martina Giannini, Mauricio Ribeiro de Barros, Maya da Costa Pinto, Mozy Matthews da Costa Pinto, Murilo Ohl, Myrian Pineroli Clark, Patricia Clark Giannini, Paulo Fernandes da Costa Pinto, Pedro Arruda, Pedro Giannini da Costa Pinto, Ricardo Rodrigues da Silva, Roberto Ethel, Siena da Costa Pinto, Silvia Helena Fernandes da Costa Pinto, Vico Iasi, Wilson Rodrigues da Silva.

Educar é impregnar de sentido
o que fazemos a cada instante.

Paulo Freire

RESUMO

O Talk Show na Escola é um trabalho que pretende contribuir para o desenvolvimento da Educomunicação a partir de um gênero televisivo. Desenvolvemos uma série de atividades que levam os alunos a produzir um talk nos moldes dos programas profissionais exibidos na TV aberta, mas valorizando a cultura na qual os estudantes estão imersos. O programa é feito pelos alunos e tem como público alvo a comunidade escolar. Aplicamos uma iniciativa do entretenimento da TV na escola, permitindo que os alunos ampliem a sua cultura comunicacional e a visão que têm da realidade e de si mesmos. Unimos nossa experiência por 17 anos como jornalista na produção do Programa do Jô, exibido na TV Globo, com os princípios da Educomunicação. Buscamos assim promover também uma leitura crítica da mídia.

Nesta pesquisa comparamos o desenvolvimento das atividades do Talk Show na Escola em dois ambientes. Em 2015 a atividade foi oferecida a alunos do Ensino Médio de uma escola particular, o Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo. Em 2017, o Talk Show na Escola foi oferecido na ETEC de Sapopemba, uma escola pública de São Paulo. Este experimento tem por objetivo avaliar e incentivar os relacionamentos interpessoais e as práticas educacionais em diferentes contextos. A pesquisa-ação nos amparou enquanto metodologia.

Palavras-chave: adolescente, escola, talk show, Jô Soares, diálogo, Educomunicação, cultura, entrevista, trabalho em grupo, meios de comunicação, pesquisa-ação, leitura crítica

ABSTRACT

GIANNINI, M.C. **O Talk Show na Escola**. 2018. Monografia (especialização em Educomunicação) Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, SP.

The Talk Show in School project is an educommunicative experience in which, from the development of a series of activities, we guide young people in the production of a talk show. The program is made by students with the school community as a target audience. We apply an in-school TV entertainment initiative, allowing students to appropriate a television genre and broaden their view of reality and themselves. We combine our experience as a journalist in the production of the Jô Soares Show, shown on TV Globo, with the principles of Educommunication. We seek to promote a critical reading of the media.

In this research we compare the development of Talk Show activities in the School in two environments. In 2015 the activity was offered to high school students of a private school, the Archdiocesan Marist College of São Paulo. In 2017, the Talk Show at the School was offered at Sapopemba's ETEC, a public school in São Paulo. This experiment aims to evaluate and encourage interpersonal relationships and educommunication practices in different contexts. Action research supported us as a research methodology. From working with a television genre, we seek to explore the culture of the media and value the culture of students.

Keywords: adolescent, school, talk show, Jô Soares, dialogue, Educommunication, interview, culture, group work, media, action research, critical Reading.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – Um panorama da educação no Brasil	28
CAPÍTULO 2 - O desenvolvimento dos meios de comunicação	39
CAPÍTULO 3 - Educomunicação	49
3.1 A importância do projeto Educom.radio.....	58
3.2 Iniciativa inspiradora: Idade média	59
CAPÍTULO 4 - Metodologia	63
4.1 Procedimentos metodológicos	63
4.2 Pesquisa-ação.....	64
CAPÍTULO 5 - Experiência no colégio Marista Arquidiocesano	69
CAPÍTULO 6 - Experiências com as fábricas de cultura e a ETEC de Sapopemba	76
CAPÍTULO 7 – Relatório das atividades desenvolvidas	80
7.1 Proposta das oficinas encaminhada à ETEC de Sapopemba	80
7.2 Apresentação da proposta à direção da ETEC de Sapopemba	84
7.3 Apresentação da proposta aos alunos de Sapopemba	86
7.4 Receptividade e acolhimento.....	87
7.5 Duração / horário/ localização/ perfil dos alunos.....	90
7.6 A divisão das tarefas	92
7.7 Participação	93
7.8 Convites.....	95
7.9 Realização do talk show.....	97
7.10 Avaliação.....	99
7.11 O Talk Show na Escola ETEC de Sapopemba e no Marista Arquidiocesano	100
CAPÍTULO 8 - O Talk Show na Escola para além do Espetáculo	104
8.1 Leitura crítica e o debate suscitado pela visita dos alunos da Etec à TV Globo.....	108
CAPÍTULO 9 - CONCLUSÃO	116
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	121
Anexos	124
10.1 Anexo: Trechos do Programa do (pen drive).....	124
10.2 Anexo: Modelos de monólogos de abertura do Programa do Jô.....	125
10.3 Anexo: Exemplos de pautas	127
10.4 Anexo: Carta convite aos pais.....	128
10.5 Anexo: Lista de alunos selecionados pela ETEC	129
10.6 Anexo: Monólogo de abertura do Talk Show Curto Prazo	130
10.7 Anexo: Trocas de mensagens pelo aplicativo Whatsapp.....	132
10.8 Anexo: Exemplo de sugestão trazida pelos pauteiros da ETEC.....	136

10.9 Anexo: Texto do mural da ETEC sobre o Talk Show na Escola.....	138
10.10 Anexo: Carta convite aos entrevistados.....	140
10.11 Anexo: Exemplo de tabela com detalhamento dos encontros.....	141
10.12 Anexo: Modelo de autorização para visita técnica à TV Globo	142
10.13 Anexo: Entrevistas com Professores da ETEC	143
10.13.01 Entrevista Professora Roseli Lovato Terrani	143
10.13.02 Entrevista Denis Le Senechal Klimiuc - Vice-diretor de serviço da área acadêmica...	148
10.13.03 Entrevista Rita Arantes - Coordenadora Pedagógica.....	151

INTRODUÇÃO

A Educomunicação trata de aproximar as relações de dois campos consolidados: a educação e a comunicação. A Educomunicação pretende melhorar a qualidade das comunicações e do diálogo dentro do ambiente escolar e formar um público crítico, que não seja manipulado, ingênuo ou massificado. A partir de projetos educacionais, escola, professores e alunos podem se posicionar em relação àquilo que recebem dos meios de comunicação, não apenas rejeitando ou aceitando passivamente os conteúdos veiculados, mas também avaliando criticamente, desenvolvendo sensibilidades e, principalmente, apontando caminhos para que a comunidade escolar possa produzir seus próprios conteúdos comunicativos.

A escola, enquanto espaço argumentativo e de liberdade de expressão, precisa encontrar maneiras para tratar das questões complexas da modernidade. A relativização da verdade, o sensacionalismo, o bullying, a manipulação de imagens, a exposição desmedida da intimidade nas redes sociais, as demonstrações de preconceito travestidas de humor inofensivo, e que são reencaminhadas ad nauseam até chegarem a nós pelos meios de comunicação são alguns dos temas que precisam ser incluídos na agenda da escola e dos estudantes. Segundo Cristina Costa¹,

“as redes de comunicação, por onde trafegam não só mensagens, mas também produtos e pessoas, à medida que se multiplicam, passam a exibir sua fragilidade, especialmente naquelas situações em que o controle das informações se tornou tão importante quanto a agilidade e rapidez na distribuição das mensagens”.

A História nos mostra que a educação formal no Brasil originou-se em bases excludentes. Durante o período colonial a educação destinava-se apenas aos homens brancos da elite. Servindo a uma sociedade latifundiária e escravocrata, os jesuítas foram encarregados da catequização e da educação da sociedade colonial. Nas escolas, impuseram uma disciplina férrea, como nos conta Villalobos²:

¹ COSTA, Maria Cristina. Educação e comunicação: textos, imagens e redes. **Comunicação & Educação**, São Paulo, ano 17, n.2, p.8, 1994.

² VILALOBOS, João Eduardo. O problema dos valores na formação e no funcionamento do sistema educacional brasileiro. *Revista Brasileira de estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, v. 33, n76, out-dez, p. 34-49.

“A pedagogia autoritária de que se utilizavam servia tanto aos interesses da Igreja como aos do governo português, que via na fé e na autoridade da religião o melhor instrumento de dominação política e na uniformidade da cultura o melhor freio para os sentimentos nacionais de independência”.

Romanelli³ aponta as divisões nas escolas do período colonial:

“Os padres acabaram ministrando, em princípio, educação elementar para a população índia e branca em geral (salvo as mulheres), educação média para os homens da classe dominante, parte da qual continuou nos colégios, preparando-se para o ingresso na classe sacerdotal, e educação religiosa só para esta última. A parte da população escolar que não seguia a carreira eclesiástica encaminhava-se para a Europa, a fim de completar os estudos, principalmente na Universidade de Coimbra, de onde deviam voltar os letrados”.

A transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro (1807-1808) mudou as relações entre Brasil e Portugal e a educação se transformou para atender à demanda da aristocracia portuguesa. Rocha⁴ aponta que a obra escolar de D. João VI marcou uma ruptura com o programa escolástico e literário em vigor até então.

“é verdade que essa obra esteve circunscrita quase que exclusivamente à Bahia e ao Rio de Janeiro, mas, mesmo assim, ela representa um período importante em que foram lançados, por D. João VI, os germes de numerosas instituições nacionais de cultura e de educação, tais como a Escola nacional de Belas Artes, o Museu Real, o Jardim Botânico e a Biblioteca Pública, com acervo de, aproximadamente, sessenta mil volumes trazidos da Biblioteca do Palácio da Ajuda. Também é fato que o ensino superior foi a maior preocupação, ficando os demais níveis relegados à própria sorte, mas, com essa obra teve início o processo de autonomia que iria resultar na independência política.”

Mesmo com a proclamação da independência do Brasil em 1822, nenhum plano sistemático foi pensado para desenvolver a educação do país. Em 1827 uma lei de 15 de

³ ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. História da educação no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1987, p.35

⁴ ROCHA, Maria Aparecida dos Santos. A educação pública antes da independência, disponível em <<http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/104>> ultimo acesso em julho 2019.

outubro determinou a criação de *Escolas de primeiras letras* em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos, bem como escolas para meninas nas cidades. Os resultados não foram significativos, pois a lei não previa os recursos econômicos e técnicos para a sua aplicação. E também neste período a escola seguiu servindo a uma minoria da elite.

Com a revolução industrial (1820-1840) países como Inglaterra, França e Alemanha passaram a expandir a educação para as camadas mais pobres da sociedade com vistas à formação de operários. No Brasil, dada a manutenção do modelo econômico agrário e exportador, não se faziam grandes exigências à organização escolar brasileira. Ainda que durante a “República Velha”, (1889-1930) o governo tenha empreendido reformas educacionais, estas não foram suficientes para compensar o crescimento da população em idade escolar. Segundo Silva⁵:

“Já então as transformações econômicas e sociais do país e a tomada de consciência de nosso atraso em matéria de educação atuam no sentido da contínua expansão do ensino primário. Porém, aquela tomada de consciência, em muitos administradores, processa-se na direção de abaixar o nível de aspiração com referência a duração e qualidade da escolaridade – seria melhor dar 4 ou 3 anos de escola a muitos, alfabetizando-os, do que um ensino mais longo e de melhor nível a poucos; e a expansão dificulta os problemas de aperfeiçoamento da organização, e acentua a repetência e evasão escolar, que se medem por números como os seguintes: de 1.100.129 alunos que ingressaram na primeira série em 1945, somente 90.657 conseguiram ser aprovados na 3ª série em 1947, e aprovados na 4ª série, em 1948, 54.297.”

Palma⁶ relata que a demanda social de educação na “República Velha”, mesmo quando englobou no seu perfil os estratos médios urbanos, procurou sempre na escola uma forma de adquirir e manter *status*, alimentando, além disso, um preconceito contra o trabalho que não fosse o intelectual. “A função social da escola era, então, a de fornecer os elementos que iriam preencher os quadros da política, da administração pública e formar a “inteligência” do regime”.

⁵ SIILVA, Geraldo Bastos. A Educação secundária: perspectiva histórica e teoria. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1969, p. 319.

⁶ PALMA FILHO, João Cardoso. Pedagogia Cidadã - Cadernos de Formação - História da Educação – 3.ed. São Paulo: Prograd/Unesp/Santa Clara Editora, 2005 p. 49-60.

Durante os anos 1930-1960, alguns acontecimentos marcaram o campo educacional do Brasil. No primeiro período da “Era Vargas” (1930-1937) surgia o Ministério da Educação e Saúde Pública; além da Reforma do Ensino Secundário e do Ensino Superior (1931). O Brasil passou por um contínuo desenvolvimento industrial, mas o setor educacional não respondia às novas demandas sociais de modo satisfatório. Em 1960, apenas 31% das crianças e adolescentes de 4 a 17 anos estavam na escola.

A partir de 1964 a política educacional foi ditada pelo regime militar, sem trazer bons resultados à área: a escola manteve-se excludente e acessível a poucos. Nos anos de 1990, o governo fez um esforço para universalizar o acesso à educação básica mas, novamente, sem os investimentos necessários para garantir boa formação de professores e oferecimento de condições de trabalho e salários adequados. Segundo Marcílio⁷,

“apesar de sua significativa expansão, o ensino público não ganhou em qualidade, como vimos, nas décadas de 1960, 1970 e 1980. Nesse período, as verbas de educação perdiam-se no clientelismo, na corrupção e no desperdício. Um centralismo extremado, ao nível da Federação e dos Estados, sufocava iniciativas criativas ao nível local da escola.”

A partir dos anos 1990, o nosso processo educativo incorporou ideias caras à cartilha neoliberal, como a competição, o individualismo, o elogio à eficiência e à produtividade, o imediatismo e a busca da *qualidade*, - compreendida como qualidade para o mercado. Essas ideias passaram a permear nosso sistema de ensino, que oferecia distintos modos de educação a diferentes grupos sociais. Segundo Romanelli⁸:

“no que diz respeito ao acesso e permanência na escola o sistema de ensino brasileiro foi excludente e dual, isto é, temos um tipo de educação para os filhos das famílias das classes privilegiadas e outro tipo de educação para os filhos das famílias pobres”.

Paro⁹ chama a atenção para a herança neoliberal no ensino brasileiro, presente tanto nas escolas da elite quanto nas escolas frequentadas pelos filhos dos trabalhadores.

⁷ MARCÍLIO, M.L. História da Escola em São Paulo e no Brasil. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2014, p. 372.

⁸ Romanelli, O.O. História da Educação no Brasil. 34. Ed. Petrópolis. Vozes, 2009. p.35

⁹ PARO, Vitor Henrique, Parem de preparar para o trabalho, Reflexões acerca dos efeitos do neoliberalismo sobre a gestão e o papel da escola básica, publicado em FERRETTI, Celso João et alii; orgs. **Trabalho, formação e currículo**: para onde vai a escola. São Paulo, Xamã, 1999. p. 101-120.

Segundo ele, as nossas escolas têm, em geral, como primeira preocupação, ou como preocupação subentendida, a preparação para o trabalho:

“Fala-se, muitas vezes, que se estuda “para ter uma vida melhor”, mas, quando se procura saber o que isso significa, está sempre por trás a convicção de que “ter sucesso” ou “ser alguém na vida” é algo que se consegue pelo trabalho, ou melhor, pelo emprego. Uns, por premência, querem o emprego já; outros, com maior expectativa, se preparam para conseguir passar no vestibular e ter um emprego melhor, depois. Sabendo-se a que tipo de trabalho, ou de emprego, está-se referindo, não é de menor importância perguntar qual o real papel da escola nessa questão”.

A contrapartida a esse movimento viria com o desenvolvimento da pedagogia, da psicologia e das ciências humanas, que buscam um modelo de educação voltado à integralidade do sujeito. Libâneo¹⁰ nos fala dessas novas prerrogativas:

“Não se trata mais de manter aquela velha escola assentada no conhecimento, isto é, no domínio dos conteúdos, mas de conceber uma escola que valorizará formas de organização das relações humanas nas quais prevaleçam a integração social, a convivência entre diferentes, o compartilhamento de culturas, o encontro e a solidariedade entre as pessoas”.

Ao lado dessa evolução da educação, temos o desenvolvimento dos meios de comunicação. Os últimos 200 anos da história da educação coincidiram com o desenvolvimento dos meios de comunicação. Alguns autores viram na comunicação uma possibilidade pedagógica. Considera-se uma marco inicial a criação, por Roquette-Pinto, entre 1922 e 1925, da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro e de um plano sistemático de utilização educacional da radiodifusão como forma de ampliar o acesso à educação. Além das emissões radiofônicas, utilizavam-se contatos diretos com os alunos através de correspondência. Em 1934, Edgard Roquette-Pinto instalou a Rádio-Escola Municipal, no Rio de Janeiro. Em 1936, Roquette-Pinto doou a Rádio Sociedade ao então Ministério da Educação e Saúde, com a exigência de que a emissora jamais fosse utilizada com outras finalidades que não educativas. Surgiu, assim, a Rádio Ministério da Educação.

¹⁰ LIBÂNEO, José Carlos. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n.1, p.13-28, 2012.

Dessa aproximação, surge o embrião da área de conhecimento que modernamente viria a ser chamada de Educomunicação, cujas raízes humanistas buscam aproximar a educação da comunicação, seja pela penetração que a comunicação tem entre o público em geral, como instância de transmissão de conhecimento e saber, seja no sentido de eliminar o caráter elitista da educação. De acordo com Soares¹¹, esse novo campo é caracterizado como processual, mediático transdisciplinar e interdiscursivo, abrangendo quatro grandes áreas com possibilidades concretas de intervenção social:

- a área da educação para a comunicação, voltada à leitura dos meios de comunicação e às reflexões na formação de receptores autônomos frente aos meios.
- a área da mediação tecnológica nos espaços educativos, que reflete sobre o uso das tecnologias da informação no ensino ou em atividades extra-curriculares;
- a área da reflexão epistemológica, voltada aos estudos sobre a natureza da interrelação comunicação e educação
- a área da gestão comunicativa em espaços educativos, que caracteriza-se pelo planejamento, execução e realização de programas e projetos que se articulam no âmbito da comunicação /informação/ educação, criando e implementando ecossistemas comunicacionais.

O presente projeto foca na área da educação para a comunicação, leitura crítica da mídia e apropriação das novas tecnologias por parte dos alunos.

O Talk Show na Escola é uma proposta de intervenção educacional que estimula os alunos em entrevistas, discussões e diálogos. A proposta é acompanhada da produção de um talk show feito pelos alunos e voltado para a comunidade escolar. A sequência de atividades e de vídeos exibidos aos participantes está amparada em nossa experiência na produção do Programa do Jô. Por dezessete anos trabalhamos como redatora, editora, repórter e produtora nesse programa. Durante as gravações ficávamos no ponto eletrônico, passando informações para o apresentador. No ano de 2015 concluímos o curso de Especialização lato sensu Educomunicação: Comunicação, Mídias e Educação, do Departamento de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Ao longo do curso fomos nos dando conta da possibilidade de explorar pedagogicamente o gênero do talk show

¹¹ SOARES, Ismar de Oliveira “Metodologias da Educação para Comunicação e Gestão Comunicativa no Brasil e na América Latina”, in BACCEGA, Maria Aparecida (org) Gestão de Processos Comunicacionais. São Paulo: Atlas, 2002

com os estudantes. O formato do talk show nos possibilitava fazer diversas correlações com o que acontece no cotidiano da sociedade e também na vida dos alunos, partindo de uma escuta voltada à expressão cultural dos próprios alunos.

A TV foi o meio de comunicação hegemônico da segunda metade do século XX. Para Machado¹², a grande maioria das publicações que tratam de televisão focam mais o sistema de difusão do que o conteúdo dos programas exibidos na tela.

“Por mais que pareçam avançar os estudos sobre esse meio, permanece ainda muito amplamente disseminada a ideia antiga de que televisão é um “serviço”, sistema de difusão, fluxo de programação, ou, numa acepção mais “integrada”, produção de mercado. Segundo essa concepção, o que importa não é o que acontece de fato na tela, mas o sistema político, econômico e tecnológico em que se forjam as regras de produção e as condições de recepção”.

Nessa proposta de atividade educacional estamos focados especificamente no talk show de Jô Soares: por ser pioneiro na TV brasileira, por sua longevidade e relevância e por nossos dezessete anos de experiência nos bastidores da produção.

Os talk shows não surgiram do dia para a noite, mas se desenvolveram ao longo dos primeiros 40 anos da história da TV, tendo como antecessores o rádio e o teatro. A diferença mais marcante entre os programas de conversa em mesas ou painéis e o talk show está no roteiro. Apesar do talk show dar a impressão de ser mais uma conversa descontraída da TV, existe um roteiro previamente pensado para o programa. Joe Franklin (1926-2015), um profissional cuja carreira se iniciou no rádio e depois seguiu na TV, é apontado como o primeiro apresentador de talk show dos EUA, com um programa de 1951 na WJZ-TV, uma TV local da cidade de Nova Iorque. Os veteranos Jack Paar (1918-2004) e Johnny Carson (1925-2005) também são citados como os pioneiros do gênero em rede nacional, segundo dados do Museum of Broadcast Communications¹³.

Os talk shows brasileiros seguem uma cartilha importada dos EUA: a presença de um apresentador célebre, a gravação da entrevista como se fosse ao vivo, a presença de uma plateia, uma banda que anima o estúdio, um personagem brincalhão e divertido, fixo do

¹² MACHADO, Arlindo, “Televisão: a questão do repertório”. Imagens, Campinas, n.8, p.0-19, maio/agost. 1998.

¹³ A brief history of the tv talk show. In: Museum of broadcast communications. Disponível em : <<http://www.museum.tv/eotv/talkshows.htm>>. Acesso em 1º de maio de 2018.

programa, com quem o apresentador pode interagir e uma variedade de entrevistados. No início do talk show o apresentador faz um monólogo bem humorado calcado em assuntos da atualidade ou em variedades. A temática das entrevistas é diversificada: projetos ou trabalhos, histórias de vida, questões da sexualidade, relacionamentos interpessoais, práticas políticas, sociais ou atualidades.

A conversa entre entrevistador e entrevistado é feita de maneira a produzir um sentido de espontaneidade e casualidade, sendo que todo o ambiente do estúdio é moldado para contribuir para certa descontração, bom humor e leveza. Nas falas do apresentador há sempre uma boa dose de humor, ironia e irreverência. Os talk shows brasileiros contam com plateia e espera-se uma participação dela. No caso do Programa do Jô, havia no estúdio profissionais encarregados de orientar a plateia a respeito dos momentos certos de se manifestar e também de contê-la caso fosse necessário. Muitos dos componentes do talk show lembram o de um programa de auditório, mas no talk show há um cuidado maior com a preparação das entrevistas, dos monólogos e seus respectivos roteiros. No Programa do Jô a plateia era, preferencialmente, composta por estudantes universitários.

Uma definição corrente para o tipo de entrevista feita num talk show é que a conversa aconteça fluida como num “bate papo”. O entrevistador externa suas opiniões, deixando bem claras suas reações de surpresa, graça, indignação ou até mesmo de desinteresse em relação àquilo que o entrevistado fala. Ainda que a entrevista esteja tratando de assuntos presentes no noticiário do dia, a abordagem nesse tipo de programa é totalmente calcada nas impressões do apresentador, diferenciando-se do jornalismo dito imparcial. Nas entrevistas do talk show, além da conversa, é comum que os entrevistados mostrem, na prática, suas habilidades. Da mesma maneira, um entrevistado pode ser instado a desempenhar uma ação prática que não esteja necessariamente ligada ao cotidiano profissional que o levou a ser convidado num primeiro momento. Sendo assim, um músico pode, por exemplo, tocar um trequinho de uma de suas composições; enquanto um ministro pode ser convidado a passar a ferro uma camisa. No talk show o perfil do entrevistador e o do entrevistado, assim como a maneira como ele se expressa, para além do conteúdo daquilo que fala, têm um papel fundamental no desenvolvimento da entrevista e no conseqüente sucesso ou fracasso dela.

O programa “Bate Papo com Silveira Sampaio”, e sua atração posterior, o “S. S. Show”, respectivamente exibidos nas TVs Paulista e Record, traziam entrevistas como

atração para o fim de noite nos anos 50. Silveira Sampaio foi um pioneiro importante do gênero talk show no Brasil, com seu estilo cômico, sátiras de costumes e da vida política da época. Jô Soares tinha vinte e cinco anos quando trabalhou no programa “Bate Papo com Silveira Sampaio.” Também data dessa época sua admiração por Jack Paar, que apresentou o “The Tonight Show”, nos EUA, entre 1957 e 1962. Em 1973, com o “Globo Gente”, Jô fez sua primeira tentativa como apresentador de talk show. A atração se manteve no ar por apenas sete meses. O “Globo Gente” tinha um estilo que lembrava o americano “The Tonight Show”, apresentado por Johnny Carson, sucessor de Jack Paar. O formato do “Globo Gente” deixou marcas que também seriam recuperadas em empreitadas posteriores de Jô Soares. Durante 12 anos (1988 a 2000) Jô esteve à frente do “Jô Soares Onze e Meia,” no SBT. Nesse período o formato de talk show, nomenclatura importada dos EUA, foi consolidado na TV brasileira e Jô solidificou seu perfil físico –um homem gordo- como marca registrada também de seu talk show. Ao final do programa, despede-se do público com um bordão que tornou-se sua assinatura eletrônica: “um beijo do gordo”.

Em sua fase no SBT, com o “Jô Soares Onze e Meia”, registrou momentos importantes da história recente do Brasil. No ano de 1992, a revista Veja (19-ago, p. 82-88) elegeu o “Jô Soares Onze e Meia” o melhor programa da televisão brasileira, com liderança de audiência para o horário. O motivo de seu sucesso muitas vezes foi creditado à habilidade do apresentador para fazer sátiras políticas e produzir humor mesmo em entrevistas que abordavam assuntos aparentemente áridos. Ser entrevistado por Jô Soares passou a ser, além de uma boa possibilidade de promoção, um sinal de importância e notoriedade.

Em 1999 Jô Soares entrevistou todos os candidatos à presidência da República, na primeira eleição direta após longo período da ditadura militar. Desde o primeiro programa optou por se dirigir a todos os seus convidados usando o mesmo pronome de tratamento: “você”, não importando a idade ou o cargo ocupado pelo entrevistado. Dessa época há entrevistas memoráveis, como por exemplo quando Jô conversava com o então presidente Collor de Mello e o repreendeu por ele só olhar para a câmera e não para ele, o entrevistador.

Foi com esse prestígio que Jô transferiu seu programa do SBT para a TV Globo no ano 2000. Nos primeiros doze anos na TV Globo o programa foi exibido no formato 4X3, analógico, da mesma maneira que era exibido no SBT. Em 2012 passou para o formato HD. As gravações continuaram em São Paulo, no Estúdio 3, com 600m2 e capacidade para comportar até 300 pessoas. O estúdio – apontado na época de sua inauguração para o

“Programa do Jô” como o mais moderno da América Latina- é hoje em dia todo digital e conta com equipamentos de ponta (mesas de vídeo, áudio e luz, grid de luz, pedestais, grid de som). Para cada gravação há 40 técnicos envolvidos, 6 câmeras no estúdio e uma no switcher – local onde fica a mesa de corte que seleciona imagens de várias fontes de câmeras, VTs ou fotos.

Além das vantagens técnicas e recursos oferecidos pela Globo, -a maior rede de TV comercial do Brasil- o programa passou a ter acesso ao amplo elenco da emissora, anteriormente vetado para entrevistas no SBT. Nesse período, o talk show passou a ser exibido mais tarde, sempre depois da meia noite, e transmitido também pela rádio CBN-FM. A equipe original do programa no SBT foi praticamente toda levada à TV Globo e alguns novos produtores e músicos foram contratados. O cenário, apesar de mais amplo e sofisticado, manteve a estrutura do entrevistador numa mesa e o convidado num sofá. De um lado do estúdio ficava a banda, -formada por Bira, Osmar, Derico, Miltoninho, Tomati e Chiquinho- e do outro um telão de onde a plateia e o público em casa podem assistir à exibição de fotos ou vídeos pertinentes à entrevista. Na TV Globo Jô também fazia- a partir do telão-, entrevistas via satélite com pessoas que não podem comparecer ao estúdio ou estão em outros países. Esse foi o caso, por exemplo, da entrevista de 2000 com o escritor Ivan Lessa, que falou diretamente de Londres. O principal líder da oposição ao governo de Nicolás Maduro na Venezuela, Henrique Capriles, também foi entrevistado via telão no início da temporada de gravações do ano de 2014.

Abaixo do telão ficava um bar com um garçom de prontidão para servir bebidas ao apresentador e aos convidados. Alex foi garçom do programa desde o ano 2000 e, apesar de ser também um “personagem” do talk show -que muitas vezes interage com o apresentador-, trata-se de um profissional do ofício. Alex nos conta sobre o seu dia a dia fora da TV Globo:

“Quando entro no ônibus muita gente me reconhece e estranha a minha presença no transporte público. Eles pensam que só porque apareço na TV sou um cara rico; não acreditam que eu seja um garçom de verdade.”

Na TV Globo aumentou também a oferta de pessoas interessadas em sentarem-se no sofá de Jô. Em 2002 o jornal americano “The New York Times”¹⁴ publicou um perfil sobre o apresentador brasileiro Jô Soares, cujo título era “Um Homem do Renascimento”, uma referência à maneira pela qual a atriz Fernanda Montenegro definia o apresentador. O artigo, escrito pelo correspondente americano no Brasil, Larry Rohter – que também lançou um livro e foi posteriormente entrevistado por Jô Soares -, destacava as habilidades artísticas do humorista que, além de apresentador de TV também toca trompete, dirige peças de teatro, pinta quadros e é autor de romances *best sellers*. Rohter nos conta que a principal diferença do talk show de Jô Soares em relação aos programas do gênero nos EUA – que entrevistam apenas pessoas notórias ou celebridades – é que Jô Soares faz entrevistas também com pessoas desconhecidas. Nesse sentido o programa foi pioneiro ao revelar, para o grande público, novos talentos em diversas áreas. A nota publicada em 10/10/2013, no jornal Estado de São Paulo, na coluna de TV da jornalista Cristina Padiglione, nos dá uma medida da repercussão do programa:

“Jô Soares ainda é imbatível na arte de impulsionar o mercado editorial. Aplaudido de pé pela plateia do programa, o filósofo Clóvis de Barros Filho, que lá esteve no último dia 27, teve esgotada a primeira tiragem de seu livro, A Filosofia Explica as Grandes Questões da Humanidade (Ed. Casa da Palavra).”

Na TV Globo, o “Programa do Jô” seguiu mesclando os acontecimentos políticos com variedades e o apresentador seguiu imprimindo cada vez mais sua personalidade nas entrevistas. Não levar demasiadamente a sério seus convidados, galhofar com os que sentam no seu sofá e tratar dos assuntos com humor são características do jeito de entrevistar de Jô Soares. No dia 11/5/2009, por exemplo, ao entrevistar o Deputado Federal pelo PMDB- SP, Michel Temer, na época presidente da Câmara e terceiro homem na hierarquia do governo brasileiro, a equipe de roteiristas escreveu para que Jô questionasse Michel Temer a respeito de sua semelhança física com mordomos de filmes de terror. No telão do estúdio foi mostrada foto-montagem de Michel Temer como vampiro. Ao longo dos anos o programa recebeu muitos elogios e inúmeras críticas também. Jô muitas vezes foi criticado por falar mais que seus convidados, não prestar atenção nas entrevistas ou estar despreparado para conversar. Ainda assim, o programa seguiu líder de audiência para o horário – com um número

¹⁴ ROTHER, Larry. Brazilian talk show host is a renaissance man. The New York Times. Disponível em http://articles.chicagotribune.com/2002-12-05/features/0212050084_1_humor-brazilian-tonight-show-band > Acesso em: 15 maio 2015.

significativo de anunciantes – e Jô se manteve no ar até dezembro de 2016. A audiência do programa variava entre 18 e 6 pontos no Ibope. Durante diferentes CPIs, Correios, Orçamento, Bingos etc, Jô entrevistou parlamentares envolvidos nas investigações e, em 2005, passou a apresentar uma mesa redonda só com jornalistas mulheres para discutir assuntos ligados à política, o “Meninas do Jô”.



Michel Temer, Jô Soares e a fotomontagem de Temer como vampiro, 2009
 Fonte: Ricardo Martins, fotógrafo do Programa do Jô

Para que um desconhecido fosse entrevistado no “Programa do Jô” era preciso passar por uma seleção. A produção recebia, diariamente, cerca de 360 e-mails com sugestões. Havia quem escrevesse para o programa indicando a si mesmo; telespectadores apontando alguém que consideravam interessante e ainda inúmeras indicações que chegavam pelas assessorias de imprensa. Profissionais liberais, editoras, gravadoras, produtoras de filmes, associações e até mesmo os outros programas da emissora, se dirigiam à pauta do programa por meio de seus divulgadores e assessores. Esse material passava por uma pré-seleção. Do volume inicial, cerca de 50 nomes eram levados à reunião de pauta, acompanhados de um breve resumo a respeito do que poderiam falar na entrevista. Nessa reunião, todos os membros da produção votavam a favor ou contra a sugestão de pauta e vencia a maioria.



Votador utilizado nas reuniões de pauta do programa do Jô, 2015. Fonte: Myrian Clark

A escolha para a montagem da semana procurava levar em conta uma variedade de personagens e assuntos de forma a manter um equilíbrio de temas e personagens. No programa “Meninas do Jô”, as jornalistas, excepcionalmente, debatiam assuntos políticos e atualidades. Nessa mesa redonda, vídeo-tapes de um minuto de duração com cenas do noticiário permeavam as discussões.

Os nomes selecionados para a montagem da semana eram distribuídos entre os quatro jornalistas da produção. Com o auxílio de pesquisas do Cedoc, o Centro de Documentação da TV Globo, o jornalista/roteirista lia o que a imprensa já havia publicado sobre determinado entrevistado e “estudava” – no jargão usado no programa- o material enviado à produção. Além de informar, a ideia dessa pesquisa era fazer com que o jornalista buscasse na conversa telefônica, chamada pelo programa de pré-entrevista, assuntos que ainda não tivessem sido explorados pelos outros veículos de comunicação. Isso implicava conhecer a obra sobre a qual o entrevistado queria falar e que poderia servir como gancho para trazê-lo ao programa. Ler o livro, ver o filme, ouvir o disco, assistir à peça de teatro, exposição, navegar no site etc. faziam parte desse trabalho. A pré-entrevista era feita por telefone e os profissionais encarregados dessa tarefa ficavam em pequenas salas isoladas do restante da produção. A conversa telefônica era gravada. O intuito dessa “conversa” era também avaliar se a pessoa daria uma boa entrevista ao programa e também se o entrevistado teria o perfil do talk show. No agendamento dessa conversa prévia com o jornalista do programa, o candidato a sentar no sofá do Jô era informado do caráter seletivo da pré-entrevista, cuja gravação era posteriormente levada para uma reunião, onde novamente a produção avaliava se determinada pessoa iria ou não sentar no sofá do Jô. Só depois dessa reunião de produção o candidato recebia a confirmação de sua ida ao estúdio. O entrevistado só teria contato com o apresentador diante da plateia, no momento da gravação.

Em 2016 Jô Soares gravou a última temporada de seu programa, na TV Globo, sendo substituído no horário pelo apresentador Pedro Bial. O “Conversa com Bial” passou a ser exibido também depois da meia noite, no horário anteriormente ocupado por Jô Soares. Em 2017 Jô Soares foi também entrevistado do “Conversa com Bial” ao lançar sua autobiografia.



O apresentador Jô Soares, 2014. Fonte: site do programa, autor: Ricardo Martins, fotógrafo do Programa do Jô

Segundo Roland Barthes¹⁵: “não sei se, como diz o provérbio, as coisas repetidas agradam, mas creio que, pelo menos, elas significam.” Ainda que o formato do talk show não seja o favorito para todos os alunos, o volume de programas desse tipo na cultura televisiva brasileira faz com que, no mínimo, devamos prestar alguma atenção a esse formato. O talk show, além de propor um formato conhecido pelos alunos, tem um componente de espontaneidade e informalidade que pode levar a uma crítica interessante da mídia entrevistadora, dita “séria” e imparcial. No talk show – quer seja falando de temas prosaicos, quer seja de temas elevados – é permitido indignar-se, surpreender-se, demonstrar as próprias reações. Isso vale tanto para o entrevistado quanto para o entrevistador. Nossa ideia é poder levar os adolescentes a explorar o que Barthes¹⁶ define como um

“sentimento de impaciência frente ao “natural” com que a imprensa, a arte, o senso comum, mascaram continuamente a realidade que, pelo fato de ser aquela em que vivemos, não deixa de ser por isso perfeitamente histórica”.

O diálogo é a tônica da nossa pesquisa. Para Paulo Freire¹⁷, o diálogo não é apenas um método, mas uma estratégia para respeitar o saber do aluno que chega à escola.

“Para pôr o diálogo em prática, o educador não pode colocar-se na posição ingênua de quem se pretende detentor de todo o saber; deve, antes colocar-se na posição humilde de quem sabe que não sabe tudo”.

¹⁵ BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p.7

¹⁶ *Ibidem*, p.8

¹⁷ FREIRE, Paulo, in Moacir Gadotti, *Paulo Freire: Uma Bibliografia*, 1996, p.86

O Talk Show na Escola é um gênero televisivo que possibilita ao educador exercitar o diálogo, explorar a cultura dos meios de comunicação e fazer relações com os acontecimentos da atualidade ao mesmo tempo em que valoriza a cultura na qual os estudantes estão imersos.

CAPÍTULO 1 – Um panorama da educação no Brasil

A educação tem poder para transformar e promover avanços em todas as áreas da vida social. Um assunto fundamental não apenas para o desenvolvimento tecnológico e econômico, mas também para a formação de uma sociedade cidadã. Para pensarmos numa proposta de intervenção ligada à escola precisaremos nos debruçar sobre a situação do sistema educacional, das escolas, professores e estudantes do Brasil.

Desde a Constituição de 1891 o governo federal é a instância responsável pelas políticas públicas relativas à educação, que passou a ser vista como um direito de todos os brasileiros. No entanto, o governo não criava mecanismos de forma a garantir essas prerrogativas. Em 1930, com a criação do Ministério da Educação, foram efetivadas diretrizes gerais para o ensino primário, secundário e superior. As incumbências divididas entre as esferas federais, estaduais e municipais foram mudando ao longo dos anos. Hoje, 2019, a União é responsável pelas políticas públicas educacionais ligadas ao transporte, merenda e ensino integral. Aos estados e municípios, cabe a administração da maior parte das escolas brasileiras. Mas o governo federal também contribui com o financiamento da educação básica, é responsável por universidades e institutos federais; além de traçar políticas de impacto nacional. A separação das competências destas diferentes instâncias de responsabilidade não é muito clara para a maior parte das pessoas. A cobertura do tema educação pelos meios de comunicação não ajuda nesse sentido. As reportagens ou matérias de educação tem sido bastante reduzidas ao longo dos últimos anos e não recebem a mesma atenção dada a assuntos da política, economia e esportes, por exemplo. Uma situação diferente dos anos 2000, quando houve um crescimento no número de avaliações de desempenho de estudantes e escolas. A educação era tema de cadernos especiais, reportagens em grandes jornais e programas na mídia. Hoje, os investimentos jornalísticos na área são menos frequentes. A crise econômica de 2019, cujo início remete à crise econômica de 2008, causada por uma bolha no mercado imobiliário dos Estados Unidos, repercute ainda hoje no Brasil¹⁸. O país vem enfrentando problemas de desemprego e crescimento econômico lento. Essa crise econômica abalou também a imprensa, que também lidava com o desenvolvimento dos meios de comunicação digitais. A imprensa escrita foi especialmente afetada com uma grande perda de público e lucro. Esse cenário trouxe um enxugamento de profissionais nas redações e uma redução de espaço para a cobertura

¹⁸ Relatório Focus resume as estatísticas calculadas considerando as expectativas de mercado e traz a evolução das atividades econômicas. <https://www.bcb.gov.br/publicacoes/focus>

educacional nos veículos. Raramente se vê na mídia um debate sobre a qualidade da educação e de como trabalhar para uma educação cidadã. Da mesma maneira, as relações entre as partes envolvidas no processo educacional – docentes, instituições e alunos – não têm espaço nessa cobertura.

Dessa maneira, o ensino público do Brasil é visto pela ótica do senso comum como ineficiente, ruim, desigual e estagnado. Os meios de comunicação, salvo raras exceções, reforçam o estereótipo da escola pública fraca, despreparada e sem recursos. Já os colégios particulares são apontados como a alternativa de qualidade. É certo que professores e alunos precisam de condições favoráveis ao processo de ensino aprendizagem: menor número de alunos por classe, escolas seguras, com água e saneamento, material didático, equipamentos, eletricidade, acessibilidade, dentre outros aspectos fundamentais. Mas a educação de qualidade passa também pelo professor, pelo aluno, o método, o currículo, a organização curricular e a política pública para o setor.

Na parte empírica da nossa pesquisa trabalhamos com alunos do Ensino Médio. Num primeiro momento, ainda como parte do projeto de conclusão do curso de Especialização lato sensu Educomunicação: Comunicação, Mídias e Educação, do Departamento de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, de 25 de fevereiro a 8 de abril de 2015, montamos um talk show com alunos do 2º Ano do Ensino Médio no colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo. No ano de 2017, já como aluna do programa de mestrado da ECA-USP, trabalhamos com um grupo de alunos do 2º e 3º anos do Ensino Médio da Escola Técnica de Sapopemba de 18 de agosto a 18 de setembro de 2018.

A resolução n.3/98, do Conselho Nacional de Educação – CNE -, institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Segundo Carvalho¹⁹, o documento é amplo, abordando uma diversidade de problemas da escola e apresentando propostas e perspectivas variadas:

“documento abrange desde a veiculação de certas perspectivas éticas, estéticas e políticas até a sugestão de procedimentos e competências que deverão integrar a base comum nacional dos currículos”.

¹⁹CARVALHO, José Sergio, O discurso pedagógico das diretrizes curriculares nacionais: competência crítica e interdisciplinaridade. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742001000100008 > Acesso: fev 2019

Carvalho deteve suas reflexões em dois aspectos pontuais do discurso pedagógico presentes no documento que são também pertinentes à nossa pesquisa: o “desenvolvimento de competências críticas”, e a “interdisciplinaridade”. A ideia de que a escola deva priorizar o desenvolvimento de capacidades ao invés da transmissão de informações não é nova no discurso pedagógico. Suas origens remontam aos anos 1930, com as ideias da Escola Nova aqui no Brasil. A Educação Nova ou Escola Nova é um movimento iniciado por educadores europeus e norte-americanos, no final do século XIX, que propunha uma nova compreensão das necessidades da infância e questionava a passividade na qual a criança estava condenada pela escola tradicional. A noção de interdisciplinaridade, que romperia com a fragmentação das disciplinas escolares “estanques” e “isoladas”, também se origina na mesma época. Carvalho ressalta que, apesar de mais de noventa anos de discurso pedagógico, tais conceitos não têm produzido efeitos consideráveis, a não ser um ou outro caso isolado, sendo pouco aplicados no dia a dia escolar. As razões para esse descompasso apontam para a relutância de professores em inovar suas práticas, a falta de formação, a burocracia escolar e as implicações operacionais. Segundo Carvalho²⁰,

“o que pretensamente deveria ser "um conjunto de definições doutrinárias sobre princípios, fundamentos e procedimentos a serem observados na organização pedagógica e curricular de cada unidade escolar", como aponta o artigo primeiro da resolução, transforma-se em um conjunto de *slogans* educacionais, cujas possíveis significações para o contexto escolar ou mesmo repercussões práticas permanecem tão obscuras como inócuas. Nesse sentido, expressões como "o desenvolvimento da capacidade de aprender e continuar aprendendo, da autonomia intelectual e do pensamento crítico", apontadas pela resolução como competências básicas a serem desenvolvidas, se transformam em um mero jogo retórico das instituições escolares, paradoxalmente muito próximo do tão criticado "verbalismo" da "escola tradicional".

Uma importante observação que podemos fazer a partir das constatações dessa questão é que não basta incluir princípios educativos num documento regulatório. É preciso dar formação àqueles que colocam o discurso em prática no dia a dia escolar. Os professores e o corpo escolar precisam se apropriar do discurso pedagógico e ter uma formação direcionada

²⁰ CARVALHO, José Sergio, O discurso pedagógico das diretrizes curriculares nacionais: competência crítica e interdisciplinaridade. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742001000100008 > Acesso em: fev 2019

para enfrentar os desafios concretos das respectivas instituições onde trabalham. Sobre o jargão do desenvolvimento do “pensamento crítico dos alunos”, Carvalho diz:

“um ensino direcionado ao desenvolvimento do pensamento crítico dependeria, em larga medida, de uma exposição sistemática a exemplos e práticas críticas que levem os alunos a apreciar seu valor e buscar o cultivo e o aperfeiçoamento desses traços em suas próprias atividades. Daí a importância da convivência do aluno com professores capazes de exercitar seu pensamento crítico, inclusive em relação a métodos e informações presentes em livros didáticos ou propostas curriculares”.

O Brasil tem 2,6 milhões de professores na educação básica e Superior, responsáveis pela educação de 57,7 milhões de brasileiros²¹. Cerca de 80% dos docentes de ensino infantil, fundamental e médio atuam em escolas públicas e 15% do total estão em escolas rurais. Nos meios de comunicação há divergência na maneira como se encara o professor. Alguns veículos enaltecem os professores por sua dedicação, labor e vocação. Outros, ao contrário, tentam difamar o professor, colocando nele os grandes problemas da educação. Citelli²² reuniu numa obra educacional artigos sobre a representação dos professores pelos meios de comunicação:

“Como se percebe, enquanto na representação orientada pelas constatações busca-se flagrar aquilo que seria um instantâneo do docente, à moda de um fotograma congelado, na representação predicativa, o objetivo é propor políticas e alternativas para o sistema educativo voltadas, quase sempre, a promover termos como eficácia e eficiência. No jogo das predicções o único produtor discursivo que não comparece é o professor. À exceção de uns poucos casos e situações (a exemplo do filme de João Jardim, *Pro dia nascer feliz*), impressiona como, nas manifestações sobre os educadores que circulam nos media, faltam as vozes dos próprios ou de entidades a eles associadas, como os órgãos classistas. Aliás, estes, quando são invocados, tendem a ser deslegitimados e apresentados como sinônimos de um sindicalismo nostálgico e ultrapassado”.

²¹ Dados do estudo Estatísticas dos Professores no Brasil, produzido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP/MEC) com base no Censo Escolar, Censo da Educação Superior, Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) e Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Onad/IBGE). Disponível em: <http://www.inep.gov.br/estatisticas/professor2003/> Acesso em: dez 2018

²² CITELLI, Adilson (org). Educomunicação. Imagens do professor na mídia. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 16.

A proletarianização tem levado os professores a se sindicalizarem, a se organizarem em movimentos sociais que buscam a melhoria dos salários e das condições de trabalho. Assim como outros operários, os professores hoje são profissionais horistas, que vendem a sua força de trabalho por hora, por jornada, e que não se sentem remunerados pelo que produzem, mas sim pelo número de horas que estão à frente de uma sala de aula. Hoje os professores são reféns do cronômetro, têm pouca liberdade para criar as aulas e muitas vezes precisam reproduzir currículos pedagógicos engessados, que nem sempre condizem com a realidade da sala de aula.

Relatório produzido pelo Comitê Técnico do Conselho de Desenvolvimento Social da Presidência da República mostra que a remuneração média dos professores em 2012 era equivalente a 51% do valor médio obtido por outros profissionais com nível superior completo. Torna-se claro o porquê de a carreira docente não despertar o interesse dos mais jovens. Dados publicados no relatório da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) em junho de 2017 mostram que entre 2006 e 2015, a taxa de adolescentes brasileiros de quinze anos que almejam seguir a carreira docente caiu de cerca de 7,5% para apenas 2,4%. Dentre os motivos alegados para o desinteresse estão fatores como baixos salários e pouco reconhecimento da profissão na sociedade.

Os professores são contratados por jornadas reduzidas e, para aumentar os rendimentos, acumulam compromissos, tendo de trabalhar em diferentes escolas e níveis de ensino. Jornadas duplas e em vários colégios reduzem o tempo para o planejamento das atividades, enfraquecem os laços entre professor e a comunidade escolar e ainda contribuem para o alto nível de absenteísmo docente. Um estudo do Ministério da Educação²³ em parceria com a UFMG, revelou que 69,1% dos professores faltaram ao menos um dia no ano e 14,7% precisaram se ausentar do trabalho por sete dias ou mais. Dos entrevistados, o principal motivo de falta foram problemas de saúde, para 53,3%, seguido de problemas familiares, 33,2%, e problemas no deslocamento, 9%. Os resultados quanto aos motivos das faltas relacionadas ao estado de saúde apontam em primeiro lugar problemas de voz com 17,7% do total de professores da educação básica, na sequência, destacam-se, problemas respiratórios com 14,6% e problemas emocionais com 14,5%. Outros indicadores também foram apurados. Com relação às condições de trabalho foi relatado por 64% dos entrevistados ruído intenso no trabalho,

²³ASSUNÇÃO, Ada Ávila et All, Educatel Brasil, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <https://site.medicina.ufmg.br/nest/wp-content/uploads/sites/79/2018/07/A-pesquisa-Educatel.pdf> . Acesso em fev. 2019.

29,7% sofreram violência verbal praticada por estudantes e 56,2% trabalham 40 horas ou mais por semana. Sobre a qualidade na gestão 40,6% mencionaram não ter apoio social na escola.

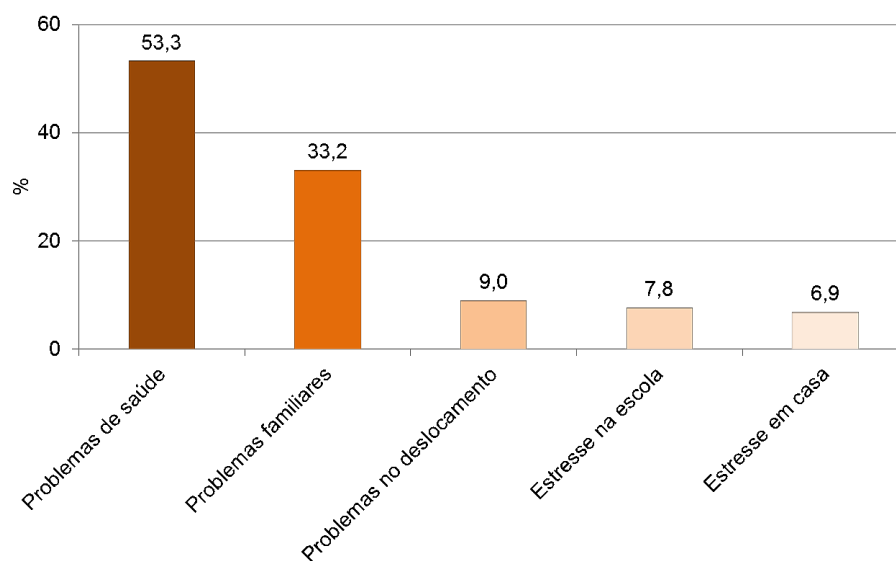


Gráfico - Motivos de faltas ao trabalho. Professores da Educação Básica. EDUCATEL Brasil, 2015/16.

Nesse sentido, Lopes²⁴ nos fala de um mal estar docente, envolvendo a profissão, o lado pessoal do professor e a qualidade da educação. Ele o define como “a existência de uma crise na docência, com origem em mudanças nos parâmetros do exercício profissional e com impacto nefasto no equilíbrio pessoal dos professores e na qualidade da educação”. Para Lopes, essa crise na docência afeta tanto professores das escolas públicas quanto do ensino privado, afetando a qualidade da educação em ambos. No livro *História da Escola em São Paulo e no Brasil*, Maria Luíza Marcílio, da Faculdade de História da USP, focou a escola pública, o aluno e os vários fatores que constituem a educação brasileira tais como legislação, formação de professores, gestão escolar, avaliação, recursos e condições de trabalho. Ela fez uma análise do projeto educacional brasileiro e os reflexos dele nos problemas atuais que caracterizam a educação no Brasil. Marcílio²⁵ nos explica a questão dos docentes:

“Dois pontos essenciais devem ser ressaltados ao tratarmos do docente da escola pública de base neste país: de um lado, a secular precariedade da formação do professor, e, de outro, as condições igualmente seculares e aviltantes de trabalho e de remuneração. Esses dois setores, com exceções raras de local e de época, nunca mereceram atenção adequada das autoridades responsáveis e das

²⁴ LOPES, A. *Mal-estar na docência? Visões, razões e soluções*. Porto: ASA, 2001, p. 07.

²⁵ MARCÍLIO, M.L. *História da Escola em São Paulo e no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2014, p. 411.

políticas educacionais, com sérios prejuízos para a qualidade da educação e da aprendizagem de crianças e adolescentes brasileiros”.

Poucas vezes se aborda a questão do professor como um profissional que precisa ser bem formado, valorizado e cobrado, além de receber condições materiais para realizar seu trabalho de forma adequada. A precariedade da carreira docente não aparece como fator a ser considerado nos rankings de desempenho dos alunos nos testes internacionais avaliativos. Para além da falta de condições e de estratégias, a mídia e o senso comum deixam de lado um fator fundamental apontado no caderno Globo²⁶:

“diante de uma sala de aula, o professor é aquele que lida não apenas com um grupo de alunos, mas está no ponto de confluência de diversas questões da sociedade. Saúde, segurança, carências alimentares, saneamento básico, violência doméstica são alguns dos temas presentes na rotina de cada um dos 2,2 milhões de professores de educação básica que atuam no Brasil. Mas não só: no contato direto com o aluno, o professor está em contato também com a riqueza da diversidade e das potencialidades da sociedade. E sua presença pode, e geralmente é, transformadora”.

O Caderno Globo é uma publicação do Globo Universidade, um dos braços de responsabilidade social da TV Globo. São raros os projetos na mídia que dão voz a alunos e professores e que apontam o poder transformador da educação e da riqueza estabelecida no contato do professor com o aluno.

Outra armadilha que turva as análises a respeito do cenário da educação no Brasil é ver o ensino público do passado muito melhor do que o atual. Segundo Marcílio²⁷,

“apesar de sua significativa expansão, o ensino público não ganhou em qualidade, como vimos, nas décadas de 1960, 1970 e 1980. Nesse período, as verbas de educação perdiam-se no clientelismo, na corrupção e no desperdício. Um centralismo extremado, ao nível da Federação e dos Estados, sufocava iniciativas criativas ao nível local da escola.”

Ainda assim, Marcílio nos conta que é possível dizer que não era tão maravilhosa quanto às vezes se romantiza, mas é possível dizer que era melhor do que é hoje. Ela afirma, no entanto,

²⁶ BETING, Graziella. Professor, Caderno Globo, 14, nov. 2018. Disponível em: app.cadernosglobo.com.br

²⁷ MARCÍLIO, M.L. História da Escola em São Paulo e no Brasil. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2014, p. 372.

que não se deve esquecer que a escola pública daquele período atendia poucos alunos. Em 1960, apenas 31% das crianças e adolescentes de 4 a 17 anos estavam na escola. De acordo com o “Todos pela Educação” hoje, 94% das crianças e adolescentes de 4 a 17 anos estão na escola. O Brasil possui 2.486.245 crianças e adolescentes de 4 a 17 anos fora da escola, segundo levantamento feito pelo Todos Pela Educação²⁸ com base nos resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad) de 2017. O Todos pela Educação é uma organização que se diz produtora de conhecimento, incentivadora de debates e promotora de mudanças na Educação. Os propósitos da entidade em sua página na internet são melhorar o Brasil impulsionando a qualidade e a equidade da educação básica. O Todos Pela Educação tem entre seus mantenedores e apoiadores inúmeras empresas privadas ou institutos oriundos dessas empresas como Fundação Bradesco, Itaú Social, Telefônica, Vivo, Instituto Unibanco, Fundação Lemann, Editora Moderna, dentre outros. A entidade divulga um Anuário Brasileiro da Educação baseado em dados do IBGE e publicado em parceria com a Editora Moderna. Esse anuário é referência para jornalistas, gestores públicos e sociedade.

A queda no analfabetismo, a partir dos anos 2000, foi registrada na maior parte do país, e foi mais acentuada nas regiões mais pobres: no nordeste e no norte. Devido à má qualidade do ensino, muitos alunos considerados alfabetizados, não conseguem compreender um texto simples ou resolver problemas elementares de matemática. Segundo Marcílio²⁹, “são aqueles que embora conhecendo o alfabeto, não sabem fazer uso adequado dele no seu dia a dia. São os denominados “analfabetos funcionais”. A educação deixou de ser para a elite e passou a ser para as massas.

A fim de formular políticas educacionais para os diferentes níveis de governo no Brasil, na década de 90, o Ministério da Educação passou a fazer rankings e avaliações de desempenho dos alunos. Hoje, frequentemente esses números são utilizados para reforçar ou revelar a falta de qualidade do ensino e os baixos níveis de aprendizagem dos estudantes. As listas e ranking têm um apelo muito grande nos meios de comunicação, que os exibem sem as informações que permitiriam interpretar adequadamente o tema. Da mesma maneira, sem nenhuma contextualização ou questionamento, os jornais, o rádio, a TV e os sites de informação repercutiram a ideia de que a solução para a baixa qualidade do ensino público está no ensino

²⁸ <https://www.todospelaeducacao.org.br>, último acesso, fev.2019.

²⁹ MARCÍLIO, M.L. História da Escola em São Paulo e no Brasil. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2014, p. 444.

privado. Libâneo³⁰ fala do agravamento de uma certa polarização em curso no ensino brasileiro atual:

“...circula no meio educacional uma variedade de propostas sobre as funções da escola, propostas estas frequentemente antagônicas, indo desde as que pedem o retorno da escola *tradicional*, até as que preferem que ela cumpra missões sociais e assistenciais. Ambas as posições explicitariam tendências polarizadas, indicando o dualismo da escola brasileira em que, num extremo, estaria a escola assentada no conhecimento, na aprendizagem e nas tecnologias, voltada aos filhos dos ricos, e, em outro, a escola do acolhimento social, da integração social, voltada aos pobres e dedicada, primordialmente, a missões sociais de assistência e apoio às crianças.”

Libâneo busca demonstrar que a escola do acolhimento social tem origem na *Declaração Mundial sobre Educação para Todos*, de 1990, e em outros documentos produzidos sob o patrocínio do Banco Mundial. Nesses documentos, é recorrente o diagnóstico de que a escola tradicional está restrita a espaços e tempos precisos, sendo incapaz de adaptar-se a novos contextos e a diferentes momentos, e de oferecer um conhecimento para toda a vida, que seja operacional e prático.

A influência do nível sócio econômico no desempenho educacional dos alunos tampouco é apontada como um fator de análise em relação à qualidade das nossas escolas. O mesmo acontece com a diversidade da realidade do país, dos professores e alunos. O Brasil é extenso e abriga realidades díspares em suas diferentes regiões. A área da educação engloba um número fabuloso de pessoas: segundo dados do Censo Escolar do MEC de 2017, 48,6 milhões de jovens e crianças frequentavam o ensino básico do Brasil naquele ano. A educação básica abrange a Educação Infantil oferecida em creches (0 a 3 anos) e pré-escolas (de 4 a 5 anos); o Ensino Fundamental (6 a 14 anos) e o Ensino Médio, etapa final do ciclo. Também fazem parte do ensino básico a educação profissional e tecnológica, a educação especial – que dá atendimento a alunos com deficiência e transtornos globais do desenvolvimento – e a educação de jovens e adultos (EJA), uma modalidade para quem não teve acesso ao ensino básico na idade considerada adequada. Os 48 milhões de alunos da educação básica estão divididos entre a rede pública – 39,7 milhões de alunos – e a rede privada, que abriga 8,8 milhões de estudantes.

³⁰ LIBÂNEO, José Carlos. *O dualismo perverso da escolar pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres*. In Edição e Pesquisa, São Paulo, V38, n.1, 2012, p. 16.

Nosso contingente de alunos está espalhado por 184,1 mil estabelecimentos de ensino sendo que 60,7 mil estão na zona rural. Algumas dessas escolas são acessíveis apenas por barco, como pontos distantes da Amazônia. Do total de estudantes, 81,7% frequentam a rede pública e 18,3% colégios particulares. Quando chegam no ensino superior, o quadro praticamente se inverte. O sistema público é para uma minoria 24,7% e o restante dos alunos 75,3% está em instituições privadas³¹. O ensino superior público – que tem, em média, índices de qualidade mais altos do que nas instituições particulares, ainda oferece uma quantidade restrita de vagas. As famílias mais pobres nem sempre conseguem acessar o ensino superior público e pagar um curso particular muitas vezes não é viável. Os números levantados nos ajudam a salientar a grandiosidade do sistema e chamar a atenção para algumas especificidades da educação brasileira. Um estudo apresentado pelo órgão para proteção da infância e adolescência da ONU, o Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância), baseado na pesquisa Pnad, (Pesquisa Nacional por Amostra de domicílios), do IBGE, mostra que 13,8% das crianças e adolescentes brasileiros de 4 a 17 anos estão na escola, mas são analfabetos ou estão atrasados. Some-se a isso o fato de termos 6,5% de nossas crianças e adolescentes fora da escola. Na região Norte do país, a privação à educação de crianças e adolescentes é quase o dobro da observada no Sudeste. Dados³² do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e Ministério da Educação com base em uma metodologia de acompanhamento longitudinal da trajetória dos estudantes mostram que 12,9% e 12,7% dos alunos matriculados na 1ª e 2ª série do Ensino Médio, respectivamente, deixaram a escola, de acordo com o Censo Escolar entre os anos de 2014 e 2015. O 9º ano do ensino fundamental tem a terceira maior taxa de evasão, 7,7%, seguido pela 3ª série do ensino médio, com 6,8%. Considerando todas as séries do ensino médio, a evasão chega a 11,2% do total de alunos nessa etapa de ensino. A evasão é maior nas escolas rurais, em todas as etapas de ensino. O Pará tem a mais alta taxa de evasão em todas as etapas de ensino, chegando a 16% no ensino médio.

Dentre as possíveis causas para o abandono da escola estão as condições socioeconômicas, culturais, geográficas, falta de transporte, questões de saúde, necessidade de trabalhar, a má qualidade do ensino e também questões ligadas ao encaminhamento didático-

³¹ Dados publicados pelo movimento Todos pela Educação

³² dados do fluxo escolar produzidos pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP/MEC) com base em metodologia longitudinal da trajetória dos estudantes. Disponível em: http://inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/inep-divulga-dados-ineditos-sobre-fluxo-escolar-na-educacao-basica/21206 Acesso em: maio 2019

pedagógico. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação³³ (LDB9394/96) e com o Estatuto da Criança e do Adolescente, o abandono dos estudos fere os direitos das crianças e adolescentes. Nesse sentido, cabe à instituição escolar buscar recursos para garantir a permanência dos alunos.

A Educomunicação tenta colocar a serviço da educação as teorias das ciências da comunicação. Vivemos numa cultura midiática, imersos na sociedade da imagem, conectados e, por isso, é preciso que o público conheça melhor os meios de comunicação. Por outro lado, é preciso que a escola trabalhe com todas as linguagens vigentes.

Enquanto esse cenário se firmava na Educação, a sociedade vivenciava o desenvolvimento dos meios de comunicação. Nos últimos 200 anos vimos assistindo à implantação de veículos de comunicação que foram rivalizando com a escola na formação e na informação dos públicos: jornal, revista, rádio, TV, internet... E é sobre o desenvolvimento destes veículos que trataremos no capítulo a seguir.

³³ BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da República. BRASIL, O Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº. 8069, de 13 de julho de 1990.

CAPÍTULO 2 - O desenvolvimento dos meios de comunicação

Nossa pesquisa propõe o uso do Talk Show, uma iniciativa do entretenimento criada pela e para a TV, a fim de melhorar o diálogo no ambiente escolar e promover uma leitura crítica dos meios de comunicação bem como a apropriação destes por parte dos alunos. Todas as estruturas comunicativas, que são parte constitutiva da cultura contemporânea, estão também presentes na construção do talk show. Neste capítulo faremos um breve percurso histórico do desenvolvimento dos meios de comunicação. A história da comunicação começa com a dependência de um contato direto: um emissor que enviasse, pessoalmente ou através de um mensageiro, uma declaração, até o receptor. Depois, com a escrita, a comunicação passou a ser descontínua entre emissores e receptores afastados no tempo. Para Leclerc³⁴:

“quaisquer que sejam os progressos consideráveis que foram tornados possíveis pela escrita, a velocidade da comunicação dependeu durante grande parte da história (na realidade até o século passado) do deslocamento do mensageiro e portanto do estado das técnicas de transporte dos homens. Durante muito tempo, a transmissão das mensagens pelos correios utilizou a marcha a pé ou a corrida do homem”.

Uma das primeiras invenções tecnológicas de comunicação foi o telégrafo, em 1830. O engenheiro francês Claude Chappe construiu uma ferramenta elétrica capaz de enviar letras e frases por meio de um sistema ótico. A partir desta invenção as notícias circulam infinitamente mais depressa do que as mensagens e já não necessitam da intervenção de mensageiros. Era preciso apenas dois indivíduos situados em cada um dos extremos da cadeia de transmissão: emissor e receptor. A invenção do telégrafo é contemporânea dos progressos da imprensa moderna, do nascimento dos grandes jornais de massa e das grandes agências internacionais, como nos conta Leclerc³⁵.

“A agência Havas é criada em 1835. Em 1849 a agência Wolff é fundada por um antigo colaborador da Havas e em 1851 aparece a agência Reuter, também por iniciativa de um empregado da Havas. Os Estados Unidos não se ficam nada atrás da Europa. A agência

³⁴ LECLERC, Gerárd. A Sociedade de Comunicação, Tradução Sylvie Canape, Lisboa, Instituto Piaget, 1999, p.40.

³⁵ Ibidem, p. 48.

Associated Press (AP) é fundada em 1858 e a agência APA, antecessora da agência United Press (UP), em 1869”.

Em 1876 o engenheiro americano Graham Bell inventa o telefone, chamado de telégrafo harmônico, e opera-se uma verdadeira revolução nas comunicações. Cinco anos depois da invenção de Bell, nos Estados Unidos, já estão instalados 123 mil aparelhos telefônicos. Em 1887, as primeiras linhas internacionais entram em operação. E em 1891 é inaugurado o primeiro cabo telefônico sob o canal da Mancha.

O surgimento da imprensa escrita diária, com o jornal New York Sun, nos Estados Unidos, é de 1833. Em 1836, Émile de Girardin funda o La Presse, na França. Nesse período também se registram os avanços da fotografia. Louis Daguerre criou um método em que capturava imagens em uma chapa de cobre revestida com sais de prata e que recebia depois vapor de mercúrio para fixar. O resultado era uma imagem já positiva, que não podia ser copiada. Novas técnicas de exposição em negativo foram sendo desenvolvidas com o passar do tempo. Costa³⁶ nos explica a importância da chegada da fotografia:

“A invenção da fotografia modifica profundamente a relação com a arte e com o mundo circundante, instaurando uma nova visualidade. Há uma valorização do instantâneo, do fugidio, da pose e do movimento – tendência que irá revolucionar os movimentos artísticos e as vanguardas, dando início ao Modernismo. Por outro lado, o homem acreditou ter desenvolvido uma técnica que tornava mais objetivo e vindiável, sem a interferência humana, o registro de fatos e acontecimentos”.

O cinema inaugura uma série de invenções que passam a fazer parte da paisagem cultural, apesar de ainda não ser em si um órgão de comunicação de massa, como relata Leclerc³⁷:

“1892 marca o ano da invenção do cinema feita pelos irmãos Lumière. Em 1895, os irmãos Lumière organizaram em Paris a primeira sessão “pública” de cinema, mais tarde fizeram-no em Berlim. Durante muito tempo vimos os filmes unicamente em salas comerciais obscuras depois de termos pago o bilhete de entrada.”

³⁶ COSTA, Cristina. Ficção, comunicação e mídias. São Paulo, Senac: 2002, p.55

³⁷ LECLERC, Gerárd. A Sociedade de Comunicação, Lisboa, Instituto Piaget: 1999, p.52.

O cinema tinha uma técnica semelhante à da fotografia: impressão de imagens em películas de celulose gerando reproduções positivas e negativas. Mas, do ponto de vista da relação com o público, o cinema percorreu um caminho distinto, como nos explica Costa³⁸:

“a fotografia se integrou facilmente às outras mídias existentes, especialmente as impressas, ao passo que o cinema caminhou em direção à sua especificidade. O cinema foi exigindo uma ampla equipe de produção e um grande capital de investimento. Todo esse aparato industrial, ao mesmo tempo que garante qualidade, suscita desconfianças e críticas. Como na formação da grande imprensa, a indústria cinematográfica foi acusada de ter como objetivos apenas o lucro, o entretenimento e a satisfação escapista do público”.

O cinema falado aparece em 1927, com o filme “Cantor de jazz”, do diretor Alan Crosland. O cinema em seus primórdios relacionou-se com a cultura proletária das ruas. Pouco a pouco vai adquirindo autonomia e se desenvolve como linguagem. Segundo Costa³⁹:

“Almejando atingir um público mais amplo, culto e burguês, o cinema vai aprender a contar histórias, e para isso inspira-se nos romances do século XIX, criando roteiros quase sempre melodramáticos. Com a ficção, o naturalismo e o aparecimento das primeiras salas de exibição, o cinema converte-se numa espécie de espelho da plateia, provocando um processo de identificação nunca antes visto, pelo qual o espectador se projeta no universo fílmico. Com a trilha sonora a impressão de autenticidade se completa, pois ela coopera para a criação de uma ambiência na qual mergulha o espectador”.

Na primeira Guerra Mundial (1914-1918) o cinema já começa a ser utilizado como arma de propaganda política, mas foi só na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), na esteira dos aperfeiçoamentos técnicos da indústria cinematográfica e do crescente fascínio exercido sobre o público pelas imagens na tela grande, que o cinema passa também a constituir um ingrediente importante para a ascensão de regimes políticos, notadamente nesse período, os regimes fascistas. Segundo Pereira⁴⁰:

“Porém, deve-se dizer que não foram apenas os regimes fascistas os que tomaram consciência da importância do cinema como arma de

³⁸ COSTA, Cristina. Ficção, comunicação e mídias. São Paulo, Senac: 2002, p.63

³⁹ Ibidem, p.62

⁴⁰ PEREIRA, Wagner Pinheiro. Cinema e propaganda política no fascismo, nazismo, salazarismo e franquismo. História: Questões & Debates, Curitiba, n.38, p.101-131, 2003. Editora UFPR

propaganda. De forma precursora, Lênin desde os tempos da Revolução Russa de 1917, já afirmava: “o cinema é para nós o instrumento mais importante de todas as artes”. Nas “democracias ocidentais”, o cinema de propaganda também desempenhou um papel de destaque, embora houvesse, por parte dos regimes democráticos, a preocupação de orientá-los para que a mensagem política da propaganda não fosse apresentada de forma tão direta e agressiva, como ocorreu com a propaganda produzida pelos regimes fascistas”.

Um outro meio de difusão de informações, o rádio, surge como substituto do telégrafo, sendo, por isso, conhecido inicialmente como “sem fio”. O aparelho era usado nos navios para transmissões telegráficas em código. Em 1916, houve uma revolta pela independência da Irlanda e os revoltosos, de forma pioneira, usavam o “sem fio” para transmitir mensagens, na esperança de que algum barco as captasse e retransmitisse a sua história à imprensa americana e foi o que se deu, segundo Frederico⁴¹:

“o rádio nasce, assim, para permitir a interação entre os homens e não para ser o que depois se tornou – um aparelho de emissão controlado pelos monopólios e a serviço de sua lógica mercantil. Os estudos sobre a história do rádio na Alemanha mostram, a propósito, que esse meio de comunicação, teve a sua origem também ligada a uma rebelião – a revolução operária de 1918-1919”.

As transmissões radiofônicas feitas para a recepção pelo público em geral iniciaram-se em 1920, nos EUA e em 1922, na Grã Bretanha. Para Frederico⁴², cada novo meio de comunicação parece condenado a representar o papel de vampiro que se alimenta das invenções anteriores.

“Brecht, escrevendo no início da radiodifusão, foi profético: o que ele diz sobre o rádio vale também para a televisão e a internet. A televisão, também, ao surgir, vampirizou os antigos meios de comunicação. Basta lembrar aqui sua relação vampiresca com o cinema e com o teatro. A mesma coisa nos dias de hoje vem ocorrendo com a internet e promete se repetir com a televisão digital. A internet, além de vampirizar os meios de comunicação anteriores, segue os seus passos: o que foi inventado para ser um *novo* instrumento de comunicação para os usuários está se desvirtuando.

⁴¹ FREDERICO, Celso. Ensaio sobre Marxismo e Cultura. Rio de Janeiro, Morula: 2016, p.116

⁴² Ibidem, p. 42.

Estes cada vez mais são meros receptores e consumidores. Receptores de propaganda comercial de produtos que podem ser comprados sem precisar sair de casa. E consumidores “ativos” que trabalham de graça para o capital toda vez que utilizam o computador para fazer transações bancárias”.

O jornalista Leão Serva⁴³, um dos pioneiros da divulgação da “teoria do rádio” de Brecht, escreveu um livro em que comenta a vampirização dos meios de comunicação:

“O jornal publicava trechos de livros e decretos. Os primeiros fotógrafos reproduziam os retratos em óleo. O cinema mostrava pequenas cenas da vida cotidiana e de mercados, de circo, etc. O rádio emite concertos, para ocupar espaço das sinfônicas, e notícias, para ocupar os espaços dos jornais. A TV chega fazendo tudo o que o rádio e o cinema faziam, também jornalismo, concertos etc. Repete-se sempre a mesma rotina: meios novos “fagotizam” os procedimentos anteriores simplesmente para ter seu público”

O rádio ainda não tinha definido o seu lugar entre informação e propaganda, entre a empresa livre e o serviço público, entre o mercado e o monopólio de Estado. Em 1926 a BBC inglesa é criada sob a forma de “serviço público”. Leclerc⁴⁴ explica:

“A Europa escolhe o serviço público e o monopólio, sem saber que corteja as tentações da propaganda; os Estados Unidos escolhem o mercado e a concorrência com o risco de darem poderes exorbitantes às potências de dinheiro. Nos Estados Unidos, dedicados ao liberalismo, uma regulamentação aparece, no entanto, como necessária, e o governo de Roosevelt cria em 1934 a Federal Communications Commission (FCC)”.

Os Estados Unidos, com uma dezena de anos de avanço em relação aos países da Europa, fazem a primeira experiência televisiva em 1930, sob a direção de Zworykin. E em 1939 já existiam 100.000 receptores de televisão no país. Uma das condições que favoreceram

⁴³ SERVA, Leão. A mídia antes do dilúvio e nos últimos tempos. São Paulo: Mandarim, 1997, p. 32.

⁴⁴ LECLERC, Gerárd. A Sociedade de Comunicação, Tradução Sylvie Canape, Lisboa, Instituto Piaget: 1999, p.53.

o desenvolvimento da TV foi o aperfeiçoamento dos satélites de telecomunicações. Segundo Leclerc⁴⁵:

“Em 1957 os Soviéticos põem em órbita o primeiro satélite da história, o célebre Sputnik. Os americanos, ofendidos, replicam ao lançarem logo em 1958 o seu primeiro satélite, Explorer 1, seguido do segundo Vanguard1. Em 1962 o Telstar, primeiro satélite de televisão a funcionar bem, é posto em órbita: este liga os Estados Unidos à Europa no plano das imagens televisuais”.

As características da sociedade midiática e da cultura de massa se intensificam em meados do século XX, quando a televisão se torna uma realidade e vai monopolizar a produção cultural contemporânea. Para Costa⁴⁶:

“Nascida em uma época em que o uso comercial das mídias já se universalizara e a própria publicidade se transformava em programa e arte, a televisão exhibe, quase indecorosamente, não só sua ascendência popular e plebeia como seu perfil comercial. Ela não teve, como o rádio, um momento de ingenuidade em que se pensava numa mídia voltada para a educação e a disseminação da cultura erudita. A televisão surge proletária como os vaudevilles europeus ou como as feiras em que se misturam vendedores e encantadores de serpentes”.

A comunicação passou a incorporar de forma mais significativa a imagem e o som, tendência que se consagra no século XX com o rádio, o cinema e a TV. As redes de comunicação se entrecruzam e apoiam umas nas outras. Aos poucos a nossa percepção do mundo e a maneira como vivemos nele, também se transforma. Segundo Costa⁴⁷, os círculos de relações se ampliam, mas o entorno se apequena e perde a importância. O homem comum vai substituindo o contato direto com a realidade por informações recebidas de fontes cada vez mais impessoais, distantes e desconhecidas:

⁴⁵ LECLERC, Gerárd. A Sociedade de Comunicação, Tradução Sylvie Canape, Lisboa, Instituto Piaget: 1999, p.55.

⁴⁶ COSTA, Cristina. Ficção, comunicação e mídias. São Paulo, Senac: 2002, p.62, p. 68

⁴⁷Ibidem, p. 56

“A sociedade se projeta para fora de si mesma, em busca do outro, do estrangeiro, do alheio, do desconhecido. De 1850 em diante desencadeia-se o maior movimento migratório de que se tem notícia. – levas de pessoas se transportam de um canto para outro do mundo em busca de trabalho, de matéria-prima, de clientes”... “A migração de populações pelo planeta, a indústria cultural mundializada, a mediação tecnológica das relações entre as pessoas e destas com a realidade e a emergência de uma sociedade baseada principalmente na imagem e no audiovisual provocam uma súbita ruptura nos limites da cultura, alterando decisivamente as formas de pensar e ser do homem”.

A década de 1980 marcou a instauração de uma nova concepção de comunicação por meio da união entre as telecomunicações e a informática. Passou-se a traduzir toda e qualquer linguagem sonora ou visual, produzida por qualquer veículo ou técnica, para a linguagem numérica através de código binário. Em 1981 a IBM fabrica o primeiro computador pessoal, o PC, e em 1989 surge a World Wide Web- WWW, integrando as comunicações em rede. Segundo Leclerc⁴⁸:

“A separação, até aqui bem definida, entre as comunicações privadas (telégrafo, telefone, correios clássicos) e as comunicações públicas (mass media: rádio, televisão) é posta em causa de uma forma radical pelos novos sistemas que combinam as possibilidades de comunicações interindividuais e as dos mass media... tal revolução foi possível graças à invenção do microcomputador, que põe a informática ao dispor de particulares e que lhes permite receber nos seus terminais programas colectivos como discursos individuais e privados aos quais podem reagir imediatamente através do que chamamos a “interactividade””.

Os primeiros aparelhos celulares datam de 1947 e, em 2007, sofrem uma revolução com o lançamento do Smartphone da Apple. O temor de que o surgimento de novas

⁴⁸LECLERC, Gerárd. A Sociedade de Comunicação, Tradução Sylvie Canape, Lisboa, Instituto Piaget: 1999, p. 56.

mídias implicaria no desaparecimento das anteriores é relativizado por Jenkins⁴⁹ em “Cultura do Convergência:

“Os professores de história dizem-nos que os velhos meios de comunicação nunca morrem – nem desaparecem necessariamente. O que morre são apenas as ferramentas que usamos para acessar seu conteúdo – a fita cassete, a Betacam. São o que estudiosos dos meios de comunicação chamam de tecnologias de distribuição (delivery technologies). As tecnologias de distribuição tornam-se obsoletas e são substituídas. CDS, arquivos MP3 e fitas cassetes são tecnologias de distribuição. Sistemas de distribuição são apenas tecnologias e meios de comunicação persistem como camadas dentro de um estrato de entretenimento e informação cada vez mais complicado”.

Entendemos assim que o conteúdo de um meio pode mudar, seu público pode ser modificado e seu status social pode subir ou cair, mas uma vez que um meio se estabelece, ao satisfazer alguma demanda humana essencial, ele continua a funcionar dentro de um sistema maior de opções de comunicação, gerando uma convivência dos meios antigos com os meios emergentes. Aí reside a convergência apontada por Jenkins como sendo a forma mais plausível de entender os últimos dez anos de transformações dos meios de comunicação.

Convivemos hoje com uma forte aceleração da velocidade de transporte das mensagens entre pessoas de culturas diferentes, afastadas por grandes distâncias. As transformações dos meios de comunicação causaram um impacto no comportamento, na sociabilidade e nas sensibilidades humanas, como afirma Costa⁵⁰:

“criando padrões de relacionamento, valores e formas de representar seu estar no mundo, constituindo o que podemos chamar de cibercultura – uma cultura promovida por relações estabelecidas através de redes informacionais, que gerenciam as mais diversas ações humanas”.

⁴⁹ JENKINS, Henry. Cultura da convergência. São Paulo: Aleph, 2008.

⁵⁰ COSTA, Cristina. Ficção, comunicação e mídias. São Paulo, Senac: 2002, p.62, p. 86

A relação da sociedade com os meios de comunicação é questionada e criticada por estudiosos da comunicação, como aponta Baccega⁵¹:

“A reverência tem caracterizado a relação da sociedade com os meios de comunicação. E reverência significa tanto submeter-se sem questionamento, a partir de determinados dogmas, quanto temer os meios – e essa é outra forma de dar-lhes largo espaço em nossas vidas – a ponto de gastarmos muito tempo de nossas preocupações maldizendo-os, negando-os, transformando-os na bruxaria maior de nossos tempos: da falta de empregos à banalização da nudez, criando, portanto, uma sociedade dita sem valores; das eleições manipuladas à prática da violência; por todas as mazelas, enfim, eles têm sido responsabilizados. Concretamente plantados em nossas vidas, os meios de comunicação atraem para si a culpabilidade de todos os males, só que de forma pontual: os males são arrolados um a um, como se não formassem um conjunto, uma totalidade. Algum tempo, fala-se só de nudez; outro tempo, só na manipulação das eleições. Com isso deixam-se de lado discussões absolutamente indispensáveis para entendê-los e ao final, certamente modificá-los”.

Partindo destas considerações podemos ter em mente algumas questões a serem discutidas num projeto educacional como o Talk Show na Escola. Qual o papel do Estado na chamada modernidade? Quais os direitos dos cidadãos (Ou antes, o que é ser cidadão? E quem consegue ser cidadão no Brasil?) Como os meios de comunicação aparecem neste projeto de Estado? Qual consideramos deve ser o papel na formação de homens que saibam que têm direitos e que consigam reivindicá-los? Devemos também lembrar que os meios de comunicação foram e seguem sendo construídos e sustentados por seres humanos e que podemos designar a eles o espaço que bem entendermos em nossas vidas.

Paulo Freire é considerado um dos mais importantes precursores da interface comunicação/educação, que se desenvolve por meio de ações que culminam em políticas públicas e pesquisas acadêmicas, conhecidas como educação midiática, educação, dentre outras expressões. O processo educacional nas escolas envolve a formação de professores e não depende de aparatos tecnológicos. Segundo Martín-Barbero⁵², estamos

⁵¹ BACCEGA, Maria Aparecida. Meios de comunicação: dos homens para os homens, Revista Comunicação e Educação, Ano II, no 6, maio/agosto, 1996. (7-12)

⁵² MARTÍN-BARBERO, Jesús. A comunicação na educação, São Paulo, Contexto, 2014, p.18

acostumados a confundir a comunicação com os meios e a educação com seus métodos e técnicas.

“Ambas convergem em nos fazer esquecer que o primeiro aporte inovador da América Latina à teoria da comunicação produziu-se a partir do campo da educação: a *pedagogia* de Paulo Freire. Aquela que, partindo da análise do processo de esvaziamento de sentido que sofre a linguagem nas técnicas normalizadas da alfabetização, traça um projeto de prática que possibilite o desvelamento de seu próprio processo de inserção no (e apropriação do) tecido social e, portanto, de sua recriação. Pois é só lutando contra sua própria inércia que a linguagem pode se constituir em palavra de um sujeito, isto é, *fazer-se pergunta* que instaura o espaço da comunicação. Por isso, Freire chamará de *palavra geradora* aquela que, ao mesmo tempo que ativa/desdobra a espessura de significações sedimentadas nela pela comunidade dos falantes, torna possível a geração de novos sentidos que possam reinventar o presente e construir o futuro”.

A escola pode ser também o local onde alunos e professores reflitam sobre o que fazer com as informações entregues pelos meios de comunicação e disto trataremos no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3 - Educomunicação

O trabalho educomunicativo está ligado ao diálogo, pesquisa e criação. Segundo Ismar de Oliveira Soares⁵³, coordenador do NCE (Núcleo de Comunicação e Educação da USP),

“uma educação eficiente precisa inserir-se no cotidiano de seus estudantes e não ser um simulacro de suas vidas. Fazer sentido para eles significa partir de um projeto de educação que caminhe no mesmo ritmo que o mundo que os cerca e que acompanhe essas transformações. Que entenda o jovem. E não dá para entendê-lo sem sequer escutá-lo”.

A Educomunicação é uma prática que vem sendo desenvolvida na América Latina, e especialmente no Brasil, que pensa a escola e os espaços da educação como um cenário em que as pessoas se encontram na sua integralidade. Quanto às resistências que ainda dificultam o uso das novas tecnologias da informação e da comunicação por educadores em suas atividades didáticas, Cristina Costa⁵⁴ nos lembra que:

“a educação para os meios é a área da interface entre comunicação e educação que mais colabora no sentido de conscientizar o usuário das implicações mercadológicas, publicitárias e manipuladoras das mídias, sejam elas analógicas ou digitais. Assim, trata-se não apenas de incluir as redes como recurso tecnológico na relação professor-aluno, mas de fazer uso consciente e crítico de seu potencial comunicativo”.

A cidade de São Paulo foi a primeira do país a ter a educomunicação como requisito obrigatório no plano de ensino das escolas municipais. A Lei nº 13.941 foi instituída em dezembro de 2004, seis meses antes do Programa Educom – Educomunicação pelas ondas do rádio ter sido oficialmente regulamentado pelo decreto nº 46.211. A formalização da lei

⁵³ SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação*. São Paulo: Paulinas, 2011, p.8.

⁵⁴ COSTA, Maria Cristina Castilho. Educação e comunicação: textos, imagens e redes. *Comunicação & Educação*, revista do curso de Gestão da Comunicação do Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Ano 17, n.2 (jul/dez.2012) – São Paulo: CCA/ECA/USP: Paulinas, 1994, p

estabeleceu o desenvolvimento contínuo dos educadores. O uso da linguagem midiática como prática educativa, através de oficinas, foi legitimado pelo Ministério da Educação, em 2007, com o desenvolvimento do Programa Mais Educação, que incluiu o assunto - sob a denominação de Educomunicação - entre os dez macro campos abertos à matrícula das escolas de ensino médio de tempo integral interessadas em receber suporte financeiro e metodológico pra trabalhar com os meios de comunicação em sala de aula. A iniciativa foi coordenada pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD/MEC), em parceria com a Secretaria de Educação Básica (SEB/MEC) e com as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação. Sua operacionalização era feita por meio do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

A Educomunicação inclui produtos como: Jornal escola, Rádio escolar, História em quadrinhos, Fotografia e Vídeo. O programa visava fomentar atividades para melhorar o ambiente escolar, tendo como base estudos desenvolvidos pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), utilizando os resultados da Prova Brasil de 2005. Nesses estudos destacou-se o uso do “Índice de Efeito Escola – IEE”, indicador do impacto que a escola pode ter na vida e no aprendizado do estudante, cruzando-se informações socioeconômicas do município no qual a escola está localizada. Por esse motivo a área de atuação do programa foi demarcada inicialmente para atender, em caráter prioritário, as escolas que apresentassem baixo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), situadas em capitais e regiões metropolitanas. Para o desenvolvimento de cada atividade, o governo federal repassa recursos para ressarcimento de monitores, materiais de consumo e de apoio segundo as atividades. As escolas beneficiárias também recebiam conjuntos de instrumentos musicais e rádio escolar, dentre outros; e referência de valores para equipamentos e materiais que poderiam ser adquiridos pela própria escola com os recursos repassados.

As atividades tiveram início em 2008, com a participação de 1.380 escolas, em 55 municípios, nos 27 estados para beneficiar 386 mil estudantes. Em 2009, houve a ampliação para 5 mil escolas, 126 municípios, de todos os estados e no Distrito Federal com o atendimento previsto a 1,5 milhão de estudantes, inscritos pelas redes de ensino, por meio de formulário eletrônico de captação de dados gerados pelo Sistema Integrado de Planejamento, Orçamento e Finanças do Ministério da Educação (SIMEC). Ao longo de 2010, o programa atendeu a 10 mil escolas nas capitais, regiões metropolitanas - definidas pelo IBGE - e cidades com mais de 163 mil habitantes, para beneficiar três milhões de estudantes. Durante o

governo Temer (2017 e 2018) o programa “Mais Educação” foi transformado em aulas de reforço escolar para Português e Matemática.

Os meios de comunicação e as TIC (Tecnologias de Informação e da Comunicação) desempenham papel singular na sociedade moderna. A maneira como nos informamos, compramos, nos divertimos, relacionamos ou aprendemos passou por enormes transformações. Não há como negar que o ecossistema comunicativo passou a ter papel decisivo na vida de todos nós. Citelli nos lembra que esse novo ecossistema propõe valores, ajuda a constituir modos de ver, perceber, sentir e conhecer, reorientando práticas e configurando padrões de sociabilidade. Basta, para tanto, nos perguntarmos o que os computadores, a internet, as redes sociais, os telefones celulares têm feito em nossa vida. Citelli⁵⁵ questiona:

“como as instituições tradicionais, aquelas responsáveis, em tese, pela formação educativa, religiosa, política, ética, moral, à maneira das escolas, igrejas, partidos, família e etc, localizam-se no afeito à aceleração do tempo social, da dominância, dos dispositivos tecnocomunicativos, tecnoculturais, do aparente desconforto que decorre do já discutido *shrinkng of the presente*”.

A Educomunicação é uma área para pensar, pesquisar, trabalhar a educação formal e informal. Aprender requer tempo e reflexão; e as experiências educacionais podem contribuir para que os jovens possam refletir a respeito do conteúdo produzido e transmitido pelos meios de comunicação. Num sistema superabundante de informações e conhecimento, cabe ao educador trazer elementos que favoreçam o diálogo e a criticidade. É preciso propiciar na escola momentos em que os jovens possam pensar o mundo, a comunicação, os outros e a si mesmos.

Mas as mudanças da sociedade comunicacional nem sempre estão refletidas na escola. Os ambientes educacionais, muitas vezes, mostram-se divididos. Ora apegam-se a um discurso tecnofóbico ora transformam a vida em uma corrida atrás do novo como se apenas com a tecnologia pudéssemos garantir o processo de aprendizagem. Já há conhecimento suficiente para mostrar que o antigo método das aulas expositivas para alunos imóveis e

⁵⁵ CITELLI, Adilson Odair (org). *Educomunicação - Comunicação e Educação – Os desafios da aceleração social do tempo*. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 19.

passivos é pouco produtor para o desenvolvimento dos estudantes. Também sabemos que se a educação dependesse somente de tecnologias já teríamos achado a solução para as questões da qualidade de ensino. Para Brito e Purificação⁵⁶, as TIC, na escola, precisam estar inseridas num processo de reflexão e ação e ser utilizadas de forma significativa,

“tendo uma visão aberta do mundo contemporâneo, bem como realizando um trabalho de incentivo às mais diversas experiências, pois as diversidades de situações pedagógicas permitem a reelaboração e reconstrução do processo ensino-aprendizagem”.

Buckingham⁵⁷ organizou e editou o livro *Watching Media Learning*, em que onze autores relatam suas experiências educacionais em sala de aula e chama a atenção para a existência do fato de os professores de Educação (media education), ao contrário dos de outras disciplinas, recebem alunos que já trazem um volume considerável de conhecimentos prévios.

“Eles já são, de certa forma, especialistas. E nesse sentido, é fundamental que professores reconheçam e valorizem esse conhecimento que os alunos já têm. Ao mesmo tempo, porém, nosso objetivo, enquanto professores, é capacitar o aluno a usar esse conhecimento prévio como ponto de partida para desenvolver novos aprendizados. Não queremos simplesmente que o aluno estacione onde está ou que seja capaz de expressar aquilo que já sabe. Queremos dar-lhes acesso a discursos diferentes, a novas maneiras de atribuir sentido a suas respectivas experiências com a mídia.”

Buckingham⁵⁸, defende que a escola seja um facilitador para que os alunos façam escolhas mais conscientes. A escola deve preparar os jovens tanto como consumidores - interpretando e julgando o que leem e assistem- quanto como produtores de mídia - usando as tecnologias para expressar seus pontos de vista.

“O objetivo da Educação não é simplesmente capacitar o aluno a “ler” a mídia (atribuir sentido) ou a produzir, escrever a própria

⁵⁶ BRITO, Gláucia da Silva; PURIFICAÇÃO, Ivonélia da. *Educação e novas tecnologias: um (re)pensar*. 3. ed. Rev. atual. e ampl. Curitiba: IBPEX, 2011, p.26.

⁵⁷ BUCKINGHAM, David, *Watching Media Learning: making sense of media education*, The Falmer Press: Londres, 1990. P. 215

⁵⁸ Ibidem, p.219

mídia: a Educomunicação deve também capacitá-los a refletir sistematicamente sobre o processo de leitura e composição, a entender e analisar a sua própria atividade enquanto receptores e produtores de mídia”.

O papel do educador é o de ajudar os jovens a perceber que os conteúdos de qualquer veículo de comunicação não nos trazem o mundo, mas uma versão dele. O educador deve lembrar sempre da pergunta: de quem veio essa informação? Quais são os interesses de quem a divulgou? De que forma ela representa o mundo? É confiável? Como podemos comparar essa informação com outras fontes? Também é preciso pensar no design porque muitas vezes é a linguagem visual que nos leva a confiar em determinado dado. Além disso, o docente tem o papel de municiar os estudantes com conhecimentos necessários até mesmo para poder julgar uma informação.

O Educador é o profissional que conhece, de um lado, teorias e práticas dialógicas do processo educacional, e, de outro, os procedimentos que envolvem o mundo das linguagens das mídias e o uso das tecnologias, de forma a exercer atividades de caráter transdisciplinar, tanto na docência quanto na coordenação de trabalhos de campo, na interface comunicação/educação. Nos dois casos, sua formação contempla o desenvolvimento de habilidades para gerenciar conflitos, atuando com criatividade para encontrar soluções que qualifiquem os processos educativos, sejam os formais (escolares), sejam os não formais (desenvolvidos pelas organizações sociais) e, finalmente, os informais (meios de comunicação e uso de tecnologias visando à educação e à cultura) .

Se no final dos anos 1990 não havia um olhar sistêmico nem muita profundidade sobre o tema, hoje novos projetos despontam nas escolas do Brasil afora. A USP criou a Licenciatura em Educomunicação e nós fizemos o curso Especialização lato sensu Educomunicação: Comunicação, Mídias e Educação, do Departamento de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo no ano de 2015. O NCE (Núcleo de Comunicação e Educação), também da USP, em conjunto com os cursos para formação profissional oferecidos na universidade, apresentam-se como espaços teóricos para a formação de educadores.

Para entender o conceito da Educomunicação é preciso relembrar também o cenário educacional brasileiro recente no tocante à relação entre família e escola, de um lado, e os meios de comunicação, de outro. Há entre esses dois polos um embate permanente pela

hegemonia na formação dos valores dos sujeitos. Na escola a situação também é complexa. Com a evolução das tecnologias de comunicação, das redes sociais e dos meios de comunicação em geral, a sociedade - os jovens especialmente - estão cada vez mais imersos neste universo. Mas a escola com sua estrutura curricular engessada, parece não ter olhos para estas mudanças. Justamente o ambiente escolar - local onde os jovens passam grande parte do dia, socializam e supostamente devem aprender sobre o mundo - ignora a transformação por que passa seu material mais precioso: os alunos. Como afirma Jesus Martín-Barbero⁵⁹,

“a transformação nos modos de circulação do saber é uma das mais profundas transformações que pode sofrer uma sociedade e essa nova diversificação e difusão do saber, fora da escola, é um dos desafios mais fortes que o mundo da comunicação apresenta ao sistema educacional”.

No Brasil, a escola e os professores, em geral, viam essas novidades com certo receio e resistência. Ainda que os professores tentassem usar as novas tecnologias em sala de aula, tinham de driblar uma cultura educacional verticalizada. Para além da questão tecnológica, há na nossa tradição escolar uma prioridade por transferir grandes volumes de conteúdo aos alunos. Igualmente importante para esta discussão é o conceito de Inteligência Emocional, que dá nome ao título do primeiro livro de Daniel Goleman, publicado em 1995. Naquela época, o QI (quociente de inteligência) era o único critério considerado capaz de aferir a competência acadêmica dos alunos. A partir do conceito de QE (quociente emocional), surgiu uma nova maneira de pensar quais seriam as características emocionais de pessoas capazes de utilizar bem quaisquer outras aptidões. Passou-se a prestar atenção na capacidade de criar motivações para si próprio e de persistir num objetivo apesar dos percalços, de controlar impulsos e saber aguardar pela satisfação de seus desejos; de se manter em bom estado de espírito e de impedir que a ansiedade interfira na capacidade de raciocinar; de ser empático e autoconfiante. Para Goleman⁶⁰, esse tipo de inteligência pode ser tão ou mais importante que o QI.

“A inteligência acadêmica não oferece praticamente nenhum preparo para o torvelinho - ou para a oportunidade - que ocorre na vida. Apesar de um alto QI não ser nenhuma garantia de prosperidade,

⁵⁹ BARBERO, Jesús Martín. Desafios culturais da comunicação à educomunicação in CITELLI, A.O. E COSTA, MC.C. (org). *Educomunicação - construindo uma nova area de conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2011, p.126.

⁶⁰ COLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente*, 2ª edição, Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p. 58 e p.60

prestígio ou felicidade na vida, nossas escolas e nossa cultura privilegiam a aptidão no nível acadêmico, ignorando a inteligência emocional, um conjunto de traços (...) que também exerce papel importante em nosso destino”.

Não há fórmula exata e definitiva para preparar alunos a fim de que se sintam satisfeitos e competentes com sua própria vida. Mas almejar jovens capazes de planejar, criar e desenvolver a intuição e a sensibilidade certamente nos leva ao exercício do autoconhecimento e do diálogo.

Nos anos 1990, o pensador e sociólogo francês Edgar Morin⁶¹, foi convidado pelo Ministério da Educação do seu país a reformular o ensino secundário. Morin criticou o conhecimento fracionado em disciplinas na escola e a compartimentação de saberes. Avaliou a falta de conexão e interrelação de conteúdos. Condenou as verdades imutáveis aprendidas na escola, no ambiente onde se espera a construção da cidadania. Na obra *Uma cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*, Morin propõe uma nova estrutura para a educação, capaz de modificar também o pensamento.

“Uma cabeça bem-feita significa que, em vez de acumular o saber, é mais importante dispor ao mesmo tempo de: uma aptidão geral para colocar e tratar os problemas; princípios organizadores que permitam ligar os saberes e lhes dar sentido”.

O pensamento de Morin mostra-se extremamente pertinente à realidade brasileira.

“Assim, seria preciso ajudar as mentes adolescentes a se movimentar na noosfera (mundo vivo, virtual ou imaterial, constituído de informações, representações, conceitos, ideias, mitos que gozam de uma relativa autonomia e, ao mesmo tempo, são dependentes de nossas mentes e de nossa cultura) e a instaurar o convívio com ideias, nunca esquecendo que estas devem ser mantidas em seu papel mediador, impedindo que sejam identificadas com o real. As ideias não são apenas meios de comunicação com o real; elas podem tornar-se meios de ocultação. O aluno precisa saber que os homens não matam apenas à sombra de suas paixões, mas também à luz de suas racionalizações”.

⁶¹ MORIN, Edgar, *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*, 8ª edição, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003, p.21.

Morin chama atenção para a tradição do ensino calcado em certezas imutáveis, numa estrutura que acaba por matar a curiosidade dos alunos. “É nossa constante desgraça e também é nossa graça e nosso privilégio: tudo que há de precioso na terra é frágil, raro e destinado a futuro incerto. Assim, quando conservarmos e descobriremos novos arquipélagos de certezas, devemos saber que navegamos em oceanos de incertezas”. Na escola, o desenvolvimento da inteligência emocional de Goleman é um dos caminhos para se chegar na cabeça-be-feita de Morin. E estas ações passam por projetos educacionais.

Apesar da conscientização sobre os direitos individuais e coletivos, o cenário geral nos mostra escolas – tanto públicas quanto privadas – com pouca ou sem capacidade mediadora. Sem força para reorientar, ressignificar, ampliar ou reduzir os sentidos postos em circulação pelos discursos midiáticos. Ao contrário, há um esvaziamento dos espaços de diálogo. Segundo Bakhtin ⁶²,

“a multiplicidade de vozes e as consciências individuais representam pontos de vista sobre o mundo. Assim, num trabalho colaborativo, diferentes vozes e visões de mundo dialogam, num processo dinâmico, envolvendo tensões e conflitos de significações; portanto, há a necessidade de constantes negociações de sentidos”.

E, para além dos méritos do trabalho colaborativo, podemos também lembrar os benefícios emocionais dessa troca de experiências na formação de ideias e sentimentos dos alunos. Melo ⁶³ aponta que, para Vigotski,

“as funções psíquicas humanas – como a linguagem oral o pensamento, a memória, o controle da própria conduta, a linguagem escrita, o cálculo – antes de se tornarem internas ao indivíduo, precisam ser vivenciadas na relação entre as pessoas”.

Nesta perspectiva surgiu o projeto de pesquisa O Talk Show na Escola, com ações que privilegiam a escuta, o diálogo, a leitura crítica dos meios, a pertinência da educação em relação à cultura da imagem e dos meios de comunicação e a participação dos pesquisadores e pesquisados na transformação da realidade escolar. Um conjunto de ações que faz com que o público passe a entender melhor o que os meios de comunicação produzem, evitando também uma recepção ingênua. Dados alarmantes da evasão escolar e o fraco desempenho dos alunos

⁶² BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem* 7 ed. São Paulo, SP, Hucitec, 1981.

⁶³ MELO, S.A. *A Escola de Vigotski*. In: CARRARA, K. (org) *Introdução à Psicologia da Educação: epistemologia seis abordagens*. São Paulo: Avercap Editora, 2007, p24

brasileiros nas avaliações internacionais como o PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos) levaram nossa sociedade a refletir mais detidamente sobre o tema. A busca do diálogo entre a comunicação e a educação se fez urgente e necessária.

Concluimos que nos dias de hoje a Educomunicação ganhou lugar e vitalidade. Segundo Adilson Odair Citelli⁶⁴,

“trata-se de expressão que não apenas indica a existência de uma nova área que trabalha na interface comunicação e educação, mas também sinaliza para uma circunstância histórica, segundo a qual os mecanismos de produção, circulação e recepção do conhecimento e da informação se fazem considerando o papel de centralidade da comunicação”.

A Educomunicação chegou para ficar num mundo onde a comunicação está deixando cada vez mais de ser algo somente midiático e passa a integrar as dinâmicas de formação. A Educomunicação é ferramenta importante na construção do diálogo e da cidadania, de tomada de consciência ante a produção de mensagens pelos veículos, de posicionamento perante um mundo fortemente editado pelo complexo industrial dos meios de comunicação. Um dos desafios da Educomunicação, segundo Baccega⁶⁵,

“é levar o sujeito a ter consciência da construção da cultura na qual vivemos, da importância da comunicação na trama da cultura e, sobretudo, levá-lo ao conhecimento e à reflexão sobre as mediações que conformam nossas ações. Para obter êxito neste desafio, é fundamental levar o sujeito a ter consciência de como se processam (nos seus vários âmbitos) as práticas midiáticas que nos envolvem e que colaboram tão fortemente para a configuração de nossa identidade. Em outras palavras: conhecer que comunicação e cultura são inseparáveis, dois lados de uma mesma moeda.”

Não podemos afirmar que a câmera seja a nova caneta da modernidade, mas formar bons “escritores” nessa linguagem pode ser também papel da escola. A partir de uma crítica dos meios de comunicação, os alunos podem produzir e se apropriar dos meios.

⁶⁴ CITELLI, Adilson Odair. *Educomunicação – construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2011, p.7.

⁶⁵ BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica in CITELLI, A.O. e COSTA, M.C.C. (org). *Educomunicação – construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2011, p.4

3.1 A importância do projeto Educom.radio

Um marco da história da Educomunicação é o projeto “Educomunicação pelas ondas do rádio”, cujo nascimento foi em 2001. O projeto atendeu 12 mil professores, alunos e membros das comunidades educativas de 455 escolas da Secretaria de Educação da Prefeitura de São Paulo. O Educom.radio provou, em grande escala, que era possível, também na escola pública, construir uma metodologia em comunicação e educação com foco na expressão do estudante. O objetivo inicial para implantação do Educom.rádio era construir ambientes favoráveis à cultura de paz nas escolas. Para esse projeto o NCE trabalhou com a linguagem radiofônica e a elaboração, pelos professores e alunos, conjuntamente, de projetos educacionais solidários e integrados às práticas curriculares, propiciando uma melhora na compreensão e na aprendizagem das várias linguagens próprias da sociedade da informação.

Experiências como essa provam que com a Educomunicação é possível ampliar o repertório cultural dos alunos e de sua rede de contatos sociais, fazendo com que eles se apropriem dos veículos de comunicação e da produção original de mídia. A Educomunicação mostrou que a escola pode ser um espaço transdisciplinar de cidadania, criatividade e expressão. Um espaço de comunicação à disposição dos alunos e que trabalhe a favor da criatividade deles. Segundo Mogadouro⁶⁶,

“o campo da intersecção entre Educação e Comunicação é, por definição, um campo de diálogo, espaço para conhecimento crítico e criativo, para a cidadania e solidariedade. O campo da Educomunicação nasceu, entre outras influências, da corrente intitulada “leitura crítica dos meios”, hoje atualizada em “leitura crítica da mídia”, que defende como papel da escola o auxílio para que os educandos possam conhecer a linguagem e a gramática audiovisual, com o objetivo de formar sujeitos críticos diante das mensagens midiáticas.

No “O Talk Show na Escola” os alunos lidaram com a produção áudio visual, a produção de um programa de TV e o desenvolvimento de um letramento voltado para a mídia

⁶⁶ MOGADOURO, C.A. Educomunicação e escola: o cinema como mediação possível (desafios, práticas e proposta), 2011, 428f. Tese de Doutorado, ECA, USP, maio 2011, p.20

e da leitura crítica do meio. Nesse sentido, lembramos a definição de Maria Aparecida Baccega⁶⁷:

“Educomunicação é sobretudo a construção da cidadania, a partir do mundo editado devidamente conhecido e criticado. Não importa o suporte ou a linguagem – televisão, rádio, teatro, cinema, jornal, cyber cultura etc. Tudo é percorrido com olhos de congregação das agências de formação, como escolas e meios de comunicação, voltados sempre para a construção de uma nova variável histórica”.

Jenkins⁶⁸ nos fala no mesmo sentido: um projeto educutivo pode fazer

“com que os jovens tenham uma atuação crítica e transformadora de sua própria realidade, e a de seus pares, o que envolve muitas outras competências que não são as restritas à habilidade no manejo técnico.”

3.2 Iniciativa inspiradora: Idade mídia

O desenvolvimento dos meios digitais, da comunicação por rede de computadores e a comunicação globalizada aceleraram os processos comunicacionais. No início, os meios analógicos eram ligados ao entretenimento, resultando daí também o fato da escola rejeitar a TV e o rádio, a menos que estes fossem exclusivamente voltados para a educação, como as TVs educativas. Já a informática teve uma penetração mais fácil no ambiente escolar, dado o seu caráter peculiar, ligado ao trabalho e à produção material. As próprias famílias reconheciam e pedias às escolas uma formação dos alunos na área. Havia um consenso de que para formar profissionais seria preciso que eles se tornassem aptos a trabalhar com os computadores e com isso surgiram os laboratório de informática nas escola. Alexandre Le Voci Sayad⁶⁹, jornalista e educador, fundador e membro da diretoria da Associação Brasileira dos Profissionais de Educomunicação (ABPEDUCOM) e membro do conselho da GAPMIL (Aliança Global em Mídia e Educação) da UNESCO internacional desenvolveu, em 2003, no Colégio Bandeirantes, um laboratório para amostrar como as linguagens da comunicação e da educação influenciam a aprendizagem.

⁶⁷ BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica in CITELLI, A.O. e COSTA, MCC (org). Educomunicação – construindo uma nova area de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011, p.32.

⁶⁸ JENKINS, H. Confronting the challenges of participatory culture – Media Education for the 21st Century disponível em:

<https://mitpress.mit.edu/sites/default/files/titles/free_download/9780262513623_Confronting_the_Challenges.pdf

> Acesso: 9 maio, 2015

⁶⁹ SAYAD, Alexandre Le Voci. Idade Mídia: a comunicação reinventada na escolar. São Paulo: Aleph, 2011, p.22

“As práticas ligadas à Educomunicação mostraram que é possível, tanto na escola pública quanto na escola particular, no curriculum ou no contra turno, estimular um projeto de ensino que tenha no jovem a sua peça central”

O laboratório do colégio Bandeirantes é chamado de Idade Mídia e realiza atividades extracurriculares dentro do contexto escolar. A partir de 2016, os estudantes da primeira série do Ensino Médio do Colégio Bandeirantes passaram a contar com uma “Oficina de Mídia”, um projeto curricular que aplica princípios da Educomunicação como parte fundamental da cadeira de Língua Portuguesa. De acordo com as publicações da escola, a “Oficina de Mídia” trabalha com fundamentos e resultados do projeto Idade Mídia. A oficina procura trazer o aspecto do “aprender fazer”, um dos quatro pilares da educação proposto pela UNESCO para uma educação de qualidade. O foco é desenvolver habilidades de comunicação e expressão, trabalho em grupo, criatividade e leitura das mídias por meio da elaboração de um projeto de comunicação que seja útil para a sociedade.

Fomos conhecer as práticas do colégio Bandeirantes em setembro de 2014. Acompanhamos as atividades de alguns alunos do grupo para a realização do trabalho acadêmico da disciplina de Práticas em Comunicação em Rede, sob a orientação da professora Luci Ferraz, como parte do curso de Especialização lato sensu Educomunicação: Comunicação, Mídias e Educação, do Departamento de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Na época, chamou-nos a atenção que, a despeito de toda a riqueza e complexidade do aparato tecnológico com o qual os alunos lidavam no laboratório, estes nos relataram que o principal fruto do projeto foi o aprendizado do trabalho em grupo. No laboratório que visitamos, uma turma do 9º ano estava desenvolvendo, de maneira educacional, dentro do jogo Minecraft, uma versão digital da estrutura física da escola.

O reconhecimento, por parte de todos os alunos, de que seria impossível realizar tal empreitada isoladamente foi outra característica apontada pelo grupo. Da parte dos professores ficou destacado o quanto os alunos vivenciaram o processo real da construção de um game, com seus benefícios e frustrações. No trabalho, interdisciplinar, o grupo refletiu sobre construção de personagens, cronogramas de planejamento, narrativas, storyboard, programação do game em si etc. Trabalhar com a tecnologia não era uma ambição do projeto. Nesse aspecto, segundo os professores, os alunos dominavam e até ensinavam os professores. Os professores ficaram com a orientação a respeito das ações do grupo, mediando as reflexões sobre as diretrizes do projeto, etapas, divisão do trabalho e metas a serem perseguidas.

Naquele momento os professores do colégio Bandeirantes nos salientaram também a importância da percepção, por parte dos alunos, da dimensão do mundo do trabalho e da pesquisa. Cristina Mattos Assunção, coordenadora de tecnologia educacional do Colégio Bandeirantes na época, nos disse:

“Como realmente construímos tudo do zero eles puderam ter uma boa dimensão do mundo do trabalho e da pesquisa. É um mundo distante do mundo escolar, onde tudo já vem pronto e mastigado”.

Assunção referia-se à realidade dos alunos do colégio Bandeirantes, mas trata-se de uma realidade que não difere muito das outras escolas particulares que abrigam filhos das classes mais privilegiadas economicamente em grandes cidades como São Paulo.

A fala da coordenadora do colégio Bandeirantes veio ao encontro de uma afirmação feita pela professora de Tecnologia da Informação do colégio Marista Arquidiocesano, Cleusa Raquel de Paula Diniz, e que nos chamou a atenção:

“Essas escolas são, em geral, o único espaço em que crianças e adolescentes têm, de fato, de assumir responsabilidades. As novas estruturas familiares e a falta de obrigações dos adolescentes dentro dessas famílias podem estar gerando pessoas pouco preocupadas com o próximo. Nas redes sociais se vê, muitas vezes, uma atitude irresponsável e inconsequente desses adolescentes, que vivem em “bolhas”, e apenas reproduzem seus comportamentos egoístas nas redes sociais.”

Na época discutíamos com a professora Diniz um projeto para desenvolver o uso, com fins educacionais, do aplicativo *Instagram* por parte de alunos do colégio Marista. O Instagram é uma rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos que permite aos seus usuários tirar fotos e vídeos, aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais como Facebook, Twitter, Tumblr e Flickr. Sobre o uso do celular Diniz nos disse:

“Muitas vezes eles (alunos) usam burramente o celular. Acham que só porque estão numa rede não são responsáveis por aquilo que escrevem ou publicam. É preciso que eles desenvolvam ética e cidadania nas redes sociais. E se nós não tratarmos dessas questões no ambiente de trabalho deles, que é a escola, quando vamos falar disso?”

Os depoimentos aqui transcritos apenas reforçam a relevância e importância do desenvolvimento de projetos educacionais nas escolas e encontram eco no pensamento de Citelli⁷⁰ sobre o uso da internet e da comunicação por rede de computadores na escola.

“Ignorar essa discussão revela-se, em última instância, uma forma pouco educativa, pois abandona à lógica dos próprios veículos os sentidos das mensagens nele gerados e isso pode servir à tudo, menos à proclamada vontade social de construção da cidadania.”

⁷⁰ CITELLI, Adilson. Educação e Mudanças: novos modos de conhecer In. CITELLI, Adilson, (org.) Outras linguagens na escolar. São Paulo: Cortez, 2000, p.28

CAPÍTULO 4 - Metodologia

4.1 Procedimentos metodológicos

Maria Immacolata Vassallo Lopes⁷¹ defende uma metodologia em que a pesquisa não se reduza a uma sequência de operações, procedimentos imutáveis e normas rígidas, como em um receituário ou manual. O pesquisador deve aceitar como pressuposto a relativa autonomia do método. Ou seja, sempre existirá uma tensão entre o pensamento formal e a experiência humana que se pretende conceituar. “De qualquer forma, o posicionamento do pesquisador é essencialmente político – na medida em que este é consciente do corpo teórico e de sua posição no campo científico e dos problemas que dizem respeito à sua existência social”. Durante o experimento do projeto “O Talk Show na Escola” estávamos lidando com um programa de entretenimento calcado no ideário individualista e baseado na cultura do grande público. São conceitos ligados ao nosso ofício profissional e que permeiam o gênero do talk show. Para muitos educadores, trabalhar sob esta perspectiva pode ser pouco pedagógico, o equivalente a caminhar na direção oposta à percorrido por outras teorias educativas. Nesse sentido, a Educomunicação é uma área do conhecimento que possibilita lidar com essas aparentes oposições, permitindo o fluxo entre a chamada cultura de massa e a escola; levando a produção dos meios de comunicação para o dia a dia acadêmico. Um ganho para os dois lados, pois assim estaremos formando um público menos ingênuo, e portanto mais exigente, e ao mesmo tempo atualizando as práticas educativas.

Gostaríamos de ressaltar a importância do papel dos professores, funcionários e equipe de direção da ETEC Sapopemba e da Fábrica de Cultura de Sapopemba. Rita de Cassia Batista Arantes, professora de literatura e coordenadora pedagógica da ETEC, nos acompanhou no processo e foi muito generosa em sua aceitação, respeito e seriedade para conosco. A professora Roseli Lovato Terrani também estava sempre pronta a contribuir e se dispôs a ser entrevistada pelos alunos. Já o vice-diretor Denis Le Senechal Klimiuc, nos acompanhou em praticamente todos os dias de oficina do Talk Show, ajudou-nos com a captação das imagens da pesquisa e nos incentivou com sua presença e empolgação.

⁷¹ LOPES, Maria I. V. Pesquisa de Comunicação: questões epistemológicas, teóricas e metodológicas. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v. XXVII, n. 1, p.18, jan./junho de 2004

4.2 Pesquisa-ação

Nossa proposta metodológica para esta investigação foi a pesquisa-ação. A própria denominação da proposta metodológica não é unânime. As expressões “pesquisa participativa” e “pesquisa ação” são frequentemente dadas como sinônimas. Mas há uma diferença importante entre as duas abordagens: a pesquisa-ação, além da participação, supõe uma ação planejada que nem sempre se encontra em propostas de pesquisa participante. As áreas mais tradicionais em que se aplica a pesquisa-ação são as de educação, formação de adultos, serviço social, extensão ou comunicação rural. Em nossa pesquisa, privilegamos a participação dos alunos na transformação da realidade escolar. Segundo Thiollent⁷²,

“a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com uma resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.”

No atual contexto marcado por transformações rápidas e uma grande diversidade de iniciativas sociais, a pesquisa-ação continua bastante solicitada como meio de identificação e resolução de problemas coletivos e como forma de aprendizagem dos atores e dos pesquisadores, profissionais ou estudantes. Para Thiollent⁷³:

“a vontade de pesquisar e transformar situações não significa “fazer agitação” ou “propaganda” a favor de soluções preestabelecidas que, na maioria das vezes, revelam-se ilusórias. Não existe neutralidade na pesquisa social em geral, e tampouco na pesquisa-ação, mas isso não significa que tal proposta metodológica deva se confundir com as vontades (ou veleidades) de tal ou qual entidade política ou religiosa.”

A pesquisa-ação é um instrumento de trabalho e de investigação com grupos, instituições e coletividades de pequeno ou médio porte. Os aspectos estruturais da realidade social não podem ficar desconhecidos uma vez que a ação só se manifesta num conjunto de relações sociais estruturalmente determinadas. Em nossa pesquisa, demos ênfase aos dois

⁷² THIOLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez2011, p.20.

⁷³ Ibidem, p. 9.

grupos com os quais trabalhamos: alunos do Ensino Médio de uma escola particular de elite da cidade de São Paulo, e alunos de uma escola pública localizada distante do centro, numa região com problemas de infraestrutura e geração de emprego. Podemos dizer que a pesquisa-ação constitui uma abordagem qualitativa de pesquisa.

Segundo Thiollent⁷⁴,

“podemos considerar que, no desenvolvimento da pesquisa-ação, os pesquisadores recorrem a métodos e técnicas de grupos para lidar com a dimensão coletiva e interativa da investigação e também técnicas de registro, de processamento e de exposição de resultados. Em certos casos os convencionais questionários e as técnicas de entrevista individual são utilizados como meio de informação complementar. Também a documentação disponível é levantada. Em certos momentos da investigação recorre-se igualmente a outros tipos de técnicas: diagnósticos de situação, resolução de problemas, mapeamento de representações etc. Na parte “informativa” da investigação, técnicas didáticas e técnicas de divulgação ou de comunicação, inclusive audiovisual, também fazem parte dos recursos mobilizados para o desenvolvimento da pesquisa-ação”.

Os dados obtidos na pesquisa-ação são denominados qualitativos quando apresentam um caráter descritivo e rico de significados. A operacionalização desses dados não se dá através do controle de variáveis, mas da investigação de fenômenos tais como se encontram em seu contexto e na riqueza de seu ambiente natural.

A pesquisa-ação é advinda das ciências sociais e chegou ao Brasil no campo da educação e no planejamento rural através do sociólogo brasileiro João Bosco Pinto. A pesquisa-ação baseia-se teoricamente no conceito de educação libertadora e cria espaços onde as pessoas participam do projeto de atuação organicamente estabelecido. Na pesquisa-ação o “conhecer” e o “agir” acontecem ao mesmo tempo. Mas uma pesquisa só pode ser qualificada de pesquisa-ação quando:

“houver realmente uma ação por parte das pessoas ou grupos implicados no problema sob observação. Além disso, é preciso que a ação seja uma ação não trivial, o que quer dizer uma ação

⁷⁴ THIOLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez 2011, p.33.

problemática merecendo investigação para ser elaborada e conduzida.”⁷⁵

Durante a maior parte dos encontros os alunos trabalharam de maneira coletiva ou divididos em grupos. Nesse sentido, os alunos se revezaram na produção do monólogo de abertura, trabalharam na pré-produção das entrevistas, na organização da pesquisa e produção do roteiro, na abordagem e convite aos entrevistados, na redação dos roteiros do vídeo convite, na organização da plateia e até na produção de objetos e personagens de cena. Mas, para além dessa organização, o grupo também exerceu a experiência da tomada de decisões em conjunto e abordou temas como as metas para a vida, a pressão do vestibular, a necessidade de prover o próprio sustento, religião, sexualidade e namoro.

A base para o nosso posicionamento perante o grupo e para a mediação dos diálogos do projeto “O Talk Show na Escola” foi a escuta. Procuramos participar dos grupos e votações de maneira educacional, tentando enxergar e respeitar as individualidades tanto nas questões éticas quanto nas questões práticas, elucidando aspectos da situação colocada sem imposição unilateral de nossas próprias convicções. Segundo Thiollant⁷⁶.

“Na pesquisa-ação os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas. Sem dúvida, a pesquisa-ação exige uma estrutura de relação entre pesquisadores e pessoas da situação investigada que seja de tipo participativo”

A pesquisa-ação não é constituída apenas pela ação ou pela participação. É preciso produzir conhecimentos, adquirir experiência, contribuir para a discussão ou fazer avançar o debate acerca das questões abordadas. Thiollant⁷⁷ nos diz que

“é necessário definir com precisão, qual ação, quais agentes, seus objetivos e obstáculos, qual exigência de conhecimento a ser produzido em função dos problemas encontrados na ação ou entre os atores da situação”.

⁷⁵ THIOLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez2011, p.21.

⁷⁶ Ibidem, p.22.

⁷⁷ Ibidem, p. 22.

Nesse sentido foi fundamental estruturar a programação dos encontros, a organização dos grupos, bem como ouvir dos alunos quais eram suas ambições no início do projeto. Por outro lado, a delimitação dos objetivos nos possibilitou a reflexão sobre a execução ou a frustração de nossos planos. Estes são cuidados para evitar que se obtenham muita participação e pouco conhecimento. E nesse sentido a metodologia tem um papel importante a desempenhar. Ainda que a lógica da pesquisa-ação contenha momentos moldados por processos de argumentação ou de diálogo, essa metodologia procura oferecer ao pesquisador melhores condições de compreensão, decifração, interpretação, análise e síntese do “material” qualitativo gerado na situação investigada.

Algumas noções da perspectiva argumentativa da pesquisa-ação:

- colocação dos problemas a serem estudados conjuntamente por pesquisadores e participantes;
- nas “explicações” ou “soluções” apresentadas pelos pesquisadores e que são submetidas à discussão entre os participantes;
- nas “deliberações” relativas à escolha dos meios de ação a serem implementados;
- nas “avaliações” dos resultados da pesquisa e da correspondente ação desencadeada.

Para a produção desta pesquisa registramos cada uma das etapas percorridas em nossa trajetória em um caderno de campo. O caderno de campo é uma ferramenta de trabalho da etnografia, metodologia esta utilizada para o estudo dos veículos de comunicação e seus públicos. A etnografia, ou observação participante, é uma forma básica de investigação social criada na antropologia. Para a nossa pesquisa empírica o caderno de campo constituiu uma importante ferramenta. Os relatos contidos nos dois próximos capítulos conterão as descrições das experiências nos colégios Marista Arquidiocesano e na Escola Técnica de Sapopemba tal qual constam em nossas anotações no caderno de campo, onde sistematizamos os encontros com os alunos e registramos nossas impressões, dúvidas, dificuldades e conquistas. Nesse relatório também estão transcritas falas de alunos e interações com o corpo diretor das duas escolas. A obra do antropólogo Rui Coelho⁷⁸ nos serviu de base e modelo para a elaboração do caderno de campo. Essa observação participantes, que se materializou no caderno, baseou-se na pesquisa ação e na etnografia.

⁷⁸ COELHO, Rui. Dias em Trujillo – um antropólogo brasileiro em Honduras. São Paulo: Perspectiva, 2000.

Para a construção do caderno de campo procuramos ter em mente questões que pudessem nortear a nossa prática e que, se não pudessem ser totalmente sanadas, que pelo menos indicassem um caminho a partir delas. Como os professores propiciam situações de diálogo enriquecedoras? Em qual momento acontece esse diálogo? Este conteúdo pode ser propositalmente relacionado com o aprendizado em sala de aula? É possível fazer uma análise estética das mensagens audiovisuais e digitais? O que estes alunos entendem por talk show? Quais são as aspirações do grupo? Como serão avaliados os resultados desses encontros? E, por fim, que tipo de contribuição poderíamos legar aos educadores?

CAPÍTULO 5 - Experiência no colégio Marista Arquidiocesano

O nascimento deste projeto de pesquisa deu-se em 2015, Na época, trabalhava como jornalista no Programa do Jô fazendo a pauta, pré-entrevistas, roteiros, ponto eletrônico para o apresentador e edição. Movida pela vontade de aprender mais sobre a área da educação, encontramos no curso de Especialização lato sensu Educomunicação: Comunicação, Mídias e Educação, do Departamento de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, uma possibilidade de conjugar os estudos com o trabalho. A empresa exigia dedicação integral e a função de estar no ponto eletrônico durante as gravações exigia a nossa presença diária. Além disso, o envolvimento nas gravações do Programa do Jô muitas vezes se estendia até tarde da noite. Felizmente, as aulas do curso de especialização eram ministradas às sextas-feiras à noite e durante todo o dia de sábado. Assim, conseguimos conjugar o trabalho de segunda a sexta com o universo acadêmico nos finais de semana. Ao final do curso, sob orientação da professora doutora Maria Cristina Castilho Costa, desenvolvemos o projeto “O Talk Show na Escola” no Colégio Marista Arquidiocesano. O Arqui, como é conhecido entre todos da comunidade, é uma instituição de ensino particular da Vila Mariana. Como dispúnhamos de uma agenda pouco flexível de trabalho na TV Globo, foi fundamental ter desenvolvido a parte empírica da pesquisa durante as minhas férias profissionais. A distância entre a escola e a casa onde moro também tornou viável os preparativos antes do início do projeto e o acompanhamento ao final do projeto para a coleta de dados. O colégio Marista Arquidiocesano nos deixou livres para executarmos a nossa pesquisa com alunos do segundo ano do Ensino Médio. Fundado no século XIX, o Arquidiocesano tem em seu legado uma formação humanista e o ensino religioso. Atualmente, o colégio atua em todos os segmentos do ensino básico: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Tem mais de três mil e quinhentos alunos matriculados, majoritariamente pertencentes às classes A e B. A mensalidade escolar varia entre três e quatro salários mínimos, dependendo da série e se o aluno opta, ou não, pelo período de regime integral.



Pátio central e capela do Arqui, 2015. Fonte: site do colégio

As observações colhidas para a primeira versão o projeto O Talk Show na Escola foram realizadas de 25 de fevereiro a 8 de abril de 2015. Fizemos cinco encontros no Colégio Marista Arquidiocesano e uma visita à TV Globo com alunos do 2º ano do Ensino Médio. Os encontros na escola aconteceram no anfiteatro, situado no segundo andar do pátio central da escola, situada à Av. Domingos de Moraes, 2565, na Vila Mariana, São Paulo. A sala do anfiteatro estava equipada com um computador, lousa digital conectada a um lap top, mesa, câmera no tripé e assentos fixos e móveis. Para a realização do projeto, tivemos o apoio do diretor geral, da diretora pedagógica, da professora de tecnologia e dos três técnicos da sala multimídias da escola, encarregados da montagem, posicionamento da câmera e transferência das imagens para o computador.

No primeiro momento em que o projeto foi apresentado aos cerca de 200 alunos do 2º ano do Ensino Médio, 33 alunos manifestaram interesse em participar do workshop O Talk Show na Escola. Mas depois de definirmos as quartas-feiras como o dia dos encontros, ficamos com 22 alunos e 18 seguiram até a última reunião. Os desistentes alegaram incompatibilidade de agendas. Para conciliar o horário disponível da sala oferecida pela escola com o horário livre dos alunos no contra turno e também com a nossa disponibilidade, os encontros do workshop foram sempre às quartas-feiras às 14h e tiveram cerca de 1h30 de duração.

Não fizemos um controle de presença dos alunos porque queríamos distanciar o experimento de uma atividade programada que pudesse ser interpretada pelos jovens como mais uma obrigação dentre tantas a serem cumpridas por eles. Nas nossas reuniões os alunos falaram sobre seus gostos e preferências em termos de entretenimento eletrônico -incluindo TV, internet e games-, ambições e incertezas profissionais, metas para o futuro; assistiram a vídeos com trechos do Programa do Jô e os criticaram; conversaram sobre os bastidores da

TV; discutiram a respeito de sua postura enquanto estudantes; decidiram temas referentes ao grupo por meio de votações; fizeram entrevistas; questionaram o diretor da instituição onde estudavam; votaram sobre o nome do projeto; escreveram um monólogo de abertura e uma carta-convite; fizeram um roteiro de perguntas e elegeram os nomes a serem convidados para dar entrevista no encontro final do grupo: o apresentador e jornalista do Globo Esporte, Tiago Liefert, um professor de Literatura da própria escola, Silvio Luis Scalco Bedani, e uma mulher que estava encarando de maneira positiva o câncer e praticava muitos esportes, Maria Ivonete Gomes da Silveira. Todo o processo foi realizado em grupo ou em sub-grupos divididos de acordo com funções e tarefas específicas. O talk show final foi batizado pelos alunos de “Talk Show do Arqui”.

Também foi por meio de uma votação que os próprios alunos escolheram um membro do grupo para ser o apresentador (Daniel) durante a gravação do talk show final. Cada um dos alunos candidatou-se para cumprir uma função dentro da produção do projeto. Ao final de cada encontro no colégio foram oferecidos bolinhos aos alunos.



A preparação dos bolinhos nas quartas-feiras pela manhã. Nesse dia eram de chocolate, 2015.
Foto: Myrian Clark

Nesse nosso experimento, a ideia de oferecer os bolinhos ao final dos encontros surgiu, num primeiro momento, como forma de agradecer aos alunos pela participação no desenvolvimento da pesquisa. Além disso, queríamos criar nas aulas do projeto o mesmo ambiente festivo e acolhedor oferecido às pessoas que participavam de uma gravação do Programa do Jô. Mas, depois, percebemos que os bolinhos desempenharam um papel importante na construção da relação com os alunos. No primeiro dia todos comeram, mas não entenderam muito bem o que estava acontecendo, de onde vinham aqueles bolinhos e por que estavam ali. À medida que nos conhecíamos, os alunos foram sendo tocados pelo gesto de receber um bolo fresquinho, feito por mim, naquele mesmo dia, especialmente para tornar

nossos encontros mais agradáveis. No último encontro, alguns chegavam já perguntando sobre os bolinhos do final. Consideramos que os bolinhos foram um instrumento importante para conseguir a adesão do grupo e também para mantê-la.

Durante todo o processo os alunos comunicaram-se também por meio de um grupo criado no aplicativo Whatsapp. Muitas tarefas, dúvidas, sugestões e impressões do grupo foram compartilhadas nesse fórum. Desde o início do grupo no aplicativo foram trocadas cerca de 600 mensagens.

Características como o dinamismo, a improvisação, a concisão das perguntas, a rapidez de raciocínio e as negociações processadas entre entrevistador e entrevistado foram percebidas pelos alunos nos diversos trechos de entrevistas selecionados do “Programa do Jô”. (DVD Anexo 10.1). Para suscitar a conversa a respeito destas questões tínhamos, por exemplo, a entrevista de uma mulher que dizia não se alimentar e apenas viver de luz. Foram distribuídos textos aos alunos que abordavam a censura e as amarras do politicamente correto. Estes materiais também foram utilizados como ponto de partida para conversas e reflexões.

Um aspecto importante surgido nas conversas entre os jovens foram as metas de vida. Eles discutiram os sonhos vivenciados nessa etapa da vida e as expectativas impostas a eles pela sociedade. A questão das metas mostrou-se tão importante ao grupo que eles a escolheram como tema do monólogo de abertura do talk show final. O assunto das metas, e a garra para persegui-las ou não, encontrou no grupo um ambiente privilegiado para discussão. Dentre os alunos que participavam do projeto estavam também quatro alunos oriundos da ONG Ismart (Instituto Social para Motivar, Apoiar e Reconhecer Talentos). Trata-se de uma entidade privada, sem fins lucrativos, que identifica jovens talentos de baixa renda, de 12 a 14 anos de idade, e lhes concede bolsas em escolas particulares de excelência. Os alunos da ONG, por sua condição sócio-econômica, trouxeram um olhar diferenciado a respeito das questões debatidas entre o grupo, o que enriqueceu significativamente o diálogo. A autonomia, ou a falta dela, também foi um tema abordado pelos adolescentes. Nesta primeira etapa do projeto O Talk Show na escola pudemos constatar que a escuta e as práticas educacionais demandam mais tempo do que as atividades curriculares.

No último encontro do projeto O Talk Show na Escola com os alunos do Arquidiocesano fizemos uma visita à TV Globo de quatro horas de duração. A empresa enviou um micro-ônibus até a escola para o transporte dos alunos. Para essa visita a escola reuniu 26 pessoas, sendo duas delas professoras e dois membros do departamento de

marketing. Na primeira hora de visita o grupo circulou pelas instalações da emissora com uma estagiária do Globo Universidade, encarregada de apresentar o ambiente aos alunos e dividir com eles informações técnicas e curiosidades dos programas jornalísticos e de entretenimento. Os alunos conheceram a produção do Programa do Jô, a ilha de edição, os camarins e a sala de maquiagem para convidados. Também puderam acompanhar parte da gravação de um quadro do programa “Bem Estar”⁷⁹ no estúdio. Caminharam pela redação do jornalismo, do Departamento de Esporte, do setor de arquivos de mídia, da redação paulista do programa Fantástico e por parte das instalações do site G1. Os alunos também puderam trocar algumas palavras com profissionais desses departamentos. Depois da visita, o grupo acompanhou a gravação, no estúdio 3, de quatro programas do Jô, sendo um deles uma mesa redonda com quatro jornalistas que cobrem política, o “Meninas do Jô”. Num intervalo da gravação, o apresentador Jô Soares foi até a plateia e posou para uma foto junto ao grupo do “Talk Show do Arqui”.



Alunos do projeto “O Talk Show na Escola” e Jô Soares no estúdio do programa, 2015.

Fonte: José Paulo Cardeal, fotógrafo da TV Globo.

A visita à TV Globo foi o último dia em que reunimos todos os alunos. Durante o processo os alunos conheceram truques de bastidores, como a edição de áudio e a condução de ensaios, conversaram sobre roteiro, pré-entrevista, o trabalho de quem fica no ponto eletrônico etc. Além dos vídeos, os textos sobre censura e as histórias contadas a eles a respeito da minha experiência profissional e dos desafios no mundo trabalho também ampliaram a visão crítica dos alunos. Juntos, debatemos questões éticas, trabalhamos a transdisciplinaridade e exercitamos uma série de saberes.

⁷⁹ O “Bem Estar” este no ar de 21 de fevereiro de 2011 a 5 de abril de 2019 na TV Globo. Primeiro programa matinal e diário da emissora a ser apresentado totalmente em alta definição. O programa tinha dois apresentadores no estúdio e quadros externos. Toda a temática era voltada às questões de saúde.

A intervenção educomunicativa deu voz aos alunos e modificou o consagrado na escola. Ao revelar novas habilidades o projeto alterou expectativas, criou o inusitado e abriu a possibilidade de ser diferente, de fazer algo distinto do que todos fazem. Os alunos puderam vivenciar novos papéis. Nos encontros eles não eram simplesmente alunos. Foram também diretores, redatores, produtores, músicos, apresentadores, entrevistadores e entrevistados. Os estudantes mostraram novas competências e puderam discutir questões latentes do seu cotidiano. Os encontros do projeto do Talk Show mostraram-se um espaço para refletir sobre o dia a dia e aumentar a comunicação na escola. Alguns alunos mudaram de opinião no decorrer dos encontros. Acreditamos que todas estas experiências ampliaram conhecimentos e enriqueceram o repertório comunicacional do grupo. Em vista destas colocações nos dispusemos a fazer no projeto de mestrado um estudo comparativo da experiência no Colégio Marista Arquidiocesano com o Talk Show na Escola com o desenvolvimento de um talk show em uma escola pública.

No Colégio Marista Arquidiocesano tivemos uma fartura de recursos tecnológicos e um anfiteatro bastante confortável para aplicar o projeto. O desafio de aplicar o Talk Show na Escola numa escola pública era também avaliar se as etapas do Talk Show na Escola poderiam ser desenvolvidas com a mesma amplitude e descobrir quais seriam os resultados do trabalho.



Alunos do projeto “O Talk Show na Escola” no anfiteatro do Arqui, 2015
Fonte: imagem da câmera posicionada na lateral do ambiente, Myrian Clark

Sabíamos que a maior parte das atividades do projeto estavam ligadas à pesquisa, criação, ao diálogo e à produção de textos. Também apoiados em Freinet⁸⁰, podemos dizer que o aprender deve passar pela experiência de vida e isso só é possível pela ação, através do trabalho. O trabalho desenvolve o pensamento, o pensamento lógico e inteligente que se faz a partir de preocupações materiais, sendo que esta, é um degrau para abstração.

“O desenvolvimento das operações intelectuais provém da ação efetiva no sentido mais completo (isto é, inclusive dos interesses, o que não quer dizer, de modo algum, que sejam exclusivamente utilitários), porque a lógica é, antes de tudo, a expressão da coordenação geral das ações; e que esta coordenação geral das ações implica necessariamente uma dimensão social, porque a coordenação interindividual dos atos e sua coordenação intra-individual constituem um único e mesmo processo, sendo as operações do indivíduo socializadas todas elas, e consistindo a cooperação no sentido mais estrito em tornar comuns operações de cada um.”

Os resultados enriquecedores do Talk Show no colégio Marista Arquidiocesano nos deixaram ainda mais entusiasmados para desenvolver o projeto numa escola pública. Fato este que nos levou a esta pesquisa de mestrado.

⁸⁰ SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker. Freinet, Evolução histórica e atualidades. São Paulo: Scipione, 2007, p.10

CAPÍTULO 6 - Experiências com as fábricas de cultura e a ETEC de Sapopemba

Durante os anos de 2016 e 2017 participamos de rodas de conversa com professores em escolas, fizemos palestras e workshops sobre Educomunicação, falamos sobre a entrevista como gênero jornalístico e do Programa do Jô. Em maio de 2017, já como aluna do programa de mestrado da ECA, fui convidada a fazer oficinas nas Fábricas de Cultura da Zona Leste. As Fábricas de Cultura são equipamentos do governo do Estado de São Paulo criadas com o objetivo de ampliar o conhecimento cultural por meio da interação com a comunidade, onde são oferecidos cursos e uma programação cultural. As vagas para frequentar cursos nas Fábricas de Cultura são bastante disputadas. Adolescentes de 12 a 21 anos e pessoas da terceira idade frequentam cursos de música, teatro, capoeira, dança, artes, bordado, culinária, tocam instrumentos musicas etc.

Foram cinco encontros entre 17 e 30 de maio nas seguintes Fábricas de Cultura: Itaim Paulista, Sapopemba, Vila Curuça, Cidade Tiradentes e Parque Belém. As Fábricas de Cultura surgem como oásis numa região da periferia da cidade onde as ruas são estreitas, sem planejamento e não se vê sinais do poder público. Ao avistar esses bairros do alto vê-se inúmeras caixas d'água azul sobre lajes de construções com blocos de cimento e tijolo aparente. Praticamente não há árvores, praças, quadras ou acabamento nas casas. As Fábricas de Cultura da Zona Leste são os únicos equipamentos culturais a oferecer cursos gratuitos para as populações destes bairros. Para as crianças e adolescentes cujos pais trabalham o dia todo fora, a Fábrica é uma opção de atividade cultural monitorada no contra turno escolar.

O tema que me foi pedido envolvia o conhecimento em conduzir ou conceder uma entrevista abordando também aspectos desta técnica para disputar uma vaga no mercado de trabalho. Para além de contar um pouco dos bastidores da TV e do talk show, a coordenação da Fundação Catavento, que administra as Fábricas de Cultura, mostrou interesse em saber mais sobre a Educomunicação. Pediram que eu falasse também sobre essa área do conhecimento que prioriza o trabalho em grupo, o autoconhecimento e o aprender fazendo.



Cartaz de uma das palestras nas Fábricas de Cultura da Zona Leste, 2017
 Fonte: divulgação Fundação Catavento

Os encontros nas Fábricas de Cultura duravam cerca de três horas, no período da tarde. O prédio tem uma arquitetura moderna, com desenho harmonioso, funcional, com muita luz entrando pelas janelas amplas. As Fábricas têm um teatro de 300 lugares, salas de aula, bibliotecas, cozinhas, banheiros, camarins, projetores, microfones, fotógrafo e equipe técnica de áudio. Todos os equipamentos funcionavam perfeitamente. O ambiente é bastante organizado, limpo e ao mesmo tempo descontraído. Os profissionais de apoio foram muito colaborativos e prestativos. Optei por levar bolinhos para a minha audiência e a aceitação foi bastante positiva. Resolvi adotar o padrão de distribuir os bolinhos sempre depois de terminadas as atividades.

As minhas oficinas foram apresentadas aos alunos como uma atividade opcional, fora das aulas regulares nas quais eles já estavam matriculados. Falei para grupos de diferentes idades e de diversos tamanhos: 20, 30 ou 40 pessoas. Organizei a minha fala com atividades práticas, pensando sempre em dar espaço para ouvir os alunos e favorecer a interação entre eles. Apresentei vídeos e contei histórias do trabalho na produção do Jô. Como ponto de partida para as atividades, elenquei cinco passos para uma boa entrevista:

- 1- preparar-se, estudar sobre o entrevistado e redigir perguntas num pré-roteiro
- 2- deixar o entrevistado à vontade, estabelecer relação de sintonia com ele
- 3- perguntar sobre o histórico de vida e família.
- 4- colocar perguntas sem juízo de valor
- 5- manter uma postura de entrevistador a fim de desenvolver a escuta.

Os alunos trabalharam em pares, em pequenos grupos, fizeram entrevistas gravadas com o celular, escutaram, deram risada, questionaram e falaram sobre o futuro. Ao final dos encontros comíamos os bolinhos e registrávamos o evento com o fotógrafo da Fábrica de Cultura.



Público prova os bolinhos ao final de uma das oficinas na Fábrica de Cultura de Sapopemba, 2017
Fonte: Myrian Clark

Na Fábrica de Sapopemba encontrei um comprometimento e entusiasmo especiais das pessoas ali trabalhando. Professores de distintas disciplinas quiseram saber mais informações a respeito da Educomunicação e do conteúdo das minhas oficinas. Sapopemba é um bairro densamente povoado na cidade de São Paulo, com problemas de infraestrutura e geração de empregos. Distante do centro, a região ocupa a 78^a posição entre os 96 bairros catalogados no ranking de IDH⁸¹ (Índice de Desenvolvimento Humano) da cidade. Em Sapopemba havia uma vibração extra na realização das atividades. O gerente da Fábrica, Douglas Pacheco, é morador do bairro e prioriza, dentre seus funcionários, moradores do entorno do prédio. Depois das oficinas, conversamos com Pacheco sobre a possibilidade de aplicar o projeto do Talk Show naquele espaço, mas não foi possível. As aulas já haviam começado e iniciar um novo curso naquele momento não seria viável por questões administrativas e burocráticas. Além disso, a diferença de idade entre os alunos seria um fator a dificultar o projeto. Pacheco nos colocou em contato com a Escola Técnica Estadual (ETEC) de Sapopemba. Uma escola pública, próxima à Fábrica de Cultura. Na ETEC a coordenadora pedagógica, Rita Arantes, nos foi apontada como uma “parceira” da Fábrica de Cultura. Arantes não media esforços para fazer com que seus alunos desfrutassem dos eventos culturais da Fábrica, o que também garantia público para os espetáculos com a organização ou curadoria de Pacheco. Arantes leciona literatura na ETEC e é famosa pelo empenho em proporcionar novas oportunidades aos alunos, a despeito do trabalho que estas ações possam acarretar. Ao contrário do público da Fábrica, a ETEC me possibilitaria trabalhar com grupos mais homogêneos de estudantes do Ensino Médio. Entramos em contato com a professora Rita Arantes por telefone. Explicamos a intenção da nossa pesquisa educacional e obtivemos um sinal positivo para um encontro presencial. Marcamos uma conversa na ETEC para discutirmos as oficinas e enviamos por e-mail a proposta de atividades a serem executadas com as turmas, um currículo impresso e um vídeo currículo onde nos apresentávamos.

⁸¹ Dados de 2009 do Atlas do Trabalho e Desenvolvimento da Cidade de São Paulo, publicado pela Secretaria Municipal do Trabalho disponível em: www.atlasmunicipal.prefeitura.sp.gov.br/ Acesso em 26 de nov 2017

CAPÍTULO 7 – Relatório das atividades desenvolvidas

7.1 Proposta das oficinas encaminhada à ETEC de Sapopemba

Para que o leitor compreenda e avalie o processo de apresentação e desenvolvimento do projeto O Talk Show na Escola, reservamos este capítulo para o detalhá-lo. Abaixo encontram-se os modelos utilizados nas escolas onde o experimento se desenvolveu.

Proposta curso “O Talk Show na Escola” enviada à direção da ETEC de Sapopemba

Tendo em vista minha monografia para conclusão do mestrado em Educomunicação na Escola de Comunicações e Artes da USP, venho solicitar a autorização para a realização de um experimento junto aos alunos da ETEC Sapopemba cujo título é “O Talk Show na Escola”.

Gostaríamos de convidar um grupo de cerca de 20 alunos da escola para participar deste experimento. A atividade, a ser desenvolvida no contra turno escolar, insere-se na Educomunicação, campo que trata da introdução das ciências da comunicação e dos meios de comunicação na escola. Trata-se de uma atividade gratuita e facultativa. Os onze encontros do projeto “O Talk Show na Escola”, terão uma hora e meia de duração e acontecerão numa sala da ETEC no mês de agosto de 2017. Os participantes farão um talk show passando por todas as etapas: da pauta inicial à produção de roteiro até a gravação da entrevista. Nestes encontros os alunos irão assistir a trechos de entrevistas do “Programa do Jô”, exibido na TV Globo, refletir sobre eles e debater a respeito da vivência do dia a dia de um programa de TV e as competências necessárias a esse trabalho. Este espaço de diálogo pretende ampliar os conhecimentos da linguagem televisiva, dos meios de comunicação e da comunicação no ambiente escolar. Espero poder contribuir para o desenvolvimento do projeto somando aos meus conhecimentos acadêmicos minha experiência profissional como jornalista da produção do Programa do Jô, onde atuei por 17 anos redigindo roteiros, pautas, editando e entrevistando.

Todos os encontros serão registrados com uma câmera. O uso das imagens será exclusivamente para fins acadêmicos. Sendo assim, também iremos explicitar aos pais e

alunos o teor dos encontros e a proposta de execução do experimento, solicitando também a eles, por escrito, autorizações para a participação dos filhos. (Anexo 10.4)

Primeiro encontro:

15 minutos - Em círculo, alunos se apresentam e contam o que os levou a participar da oficina “O Talk Show na Escola”. Falam sobre seus conhecimentos com a produção audiovisual e a respeito desse tipo de programa que mistura informação e entretenimento. Programa do Jô foi o escolhido por ser o precursor do gênero no Brasil, ter estado no ar por 25 anos, ter mais de 14 mil entrevistas e bons índices de audiência.

30 minutos – Foco em experiências já existentes. Explicitação do formato que segue a cartilha importada dos EUA: convidado, apresentador ilustre, plateia, banda e gravação da entrevista como se fosse ao vivo. A entrevista corre dando um sentido de espontaneidade e casualidade. Há um monólogo de abertura e depois a entrevista em que o apresentador trata os convidados por “você”. A conversa se desenvolve como num bate papo. O ambiente é leve, descontraído e informal.

Exibição de vídeo de 3,5 minutos com trechos do programa que destacam o caráter versátil, cômico e a capacidade de improvisação do apresentador. (Anexo 10.1). Discussão sobre o quanto esses trechos são de fato “espontâneos”. O trabalho do produtor de TV nos exemplos vistos no vídeo. A produção da piscina usada na entrevista com a professora de hidrorumba, Orieta Castilho, como produzir a cena em que Gisele Bündchen ensina Jô a desfilas e o chute com Van Dame. Certificar-se de que todos os alunos conheçam os entrevistados mostrados nos trechos dos vídeos.

Exercício 1: que outras sugestões alunos dariam para incrementar as entrevistas? O que fariam de diferente?

30 minutos – Apresentação de vídeo e texto escrito com os dois tipos diferentes de monólogos de abertura de talk show. Alunos colocam suas impressões. (Anexo 10.2)

Exercício 2: em grupos, alunos preparam um texto pertinente para o monólogo de abertura de um programa na Etec. O monólogo pode estar calcado no noticiário, na agenda da Etec, no dia a dia escolar ou em qualquer outro tema de interesse dos alunos. Alunos apresentam seus monólogos. Para essa atividade levamos exemplares dos jornais do dia para que possamos ter contato com os assuntos de destaque daquela semana.

15 minutos – Pequena explicação sobre o que é Educomunicação: área da ciência que agrega educação e comunicação. A importância do diálogo, o aprender fazendo, media “literacy” ou alfabetização para a mídia. Combinados sobre as produções do próximo encontro. Avaliação, por parte dos alunos, do resultado do encontro.

Segundo encontro:

30 minutos – A apresentação das tarefas e funções dos profissionais de um talk show. O que faz um produtor de TV, um diretor de palco, um produtor de reportagens etc. Triagem das pautas, ofertas de materiais, formas de acesso ao talk show. Alunos entram em contato com diferentes textos de pautas que chegam ao talk show e discutem pontos positivos e negativos a respeito da maneira como eles foram escritos. (Anexo 10.3).

15 minutos – Alunos escrevem pequeno texto com sugestões de pauta a serem enviadas ao programa.

15 minutos – Leitura das sugestões e avaliação das mesmas pelo grupo.

30 minutos - Discussão sobre a importância do trabalho em equipe e as dificuldades de um trabalho em grupo. Alunos falam sobre suas experiências. Conversa sobre a interdependência das funções nos bastidores e a influência desses agentes na condução da entrevista. O papel do apresentador, do ponto eletrônico, do controlador de tempo, do diretor de palco, da participação da plateia, da banda etc. Leitura do artigo “O triunfo dos porcos”, de João Pereira Coutinho.

Terceiro encontro

15 minutos – Conversa sobre os obstáculos do dia a dia. Fatores que podem dar errado na produção de um talk show e a importância do improviso e da criatividade dos profissionais envolvidos.

15 minutos – Discussão sobre a maneira correta de abordar alguém a ser entrevistado num talk show. Cuidados nessa abordagem e na triagem para que a entrevista tenha conteúdo inovador, credibilidade e seja interessante/divertida.

15 minutos – Com a ajuda de um profissional da escola produção de dados que possam valorizar o convite ao candidato a ser entrevistado. Credibilidade da instituição, número de alunos, localização, tradição... Levantamento de dados.

15 minutos – Alunos simulam o ato de convidar alguém a participar do talk show na escola. Como se estivessem falando ao telefone, vivenciam as duas posições: de quem convida e de quem está sendo convidado. Além disso, passem pela experiência de ter de contornar os obstáculos desse momento.

30 minutos – Discussão sobre as fontes usuais de pesquisa. Como obter informações sobre alguém a ser entrevistado? Critérios para a análise de uma sugestão de entrevista. Vale uma entrevista com uma mulher que diz viver de luz? Alunos assistem a trecho de entrevista com Evelyn Levy Torrence no Programa do Jô e discutem critérios para fontes de pesquisa. O que é uma boa entrevista?

15 minutos – Planejamento para que alunos tragam sugestões de entrevistados. Avaliação do encontro.

Quarto encontro e quinto encontros

15 minutos – A importância da pré entrevista, os cinco passos para uma boa entrevista

30 minutos – Alunos vivenciam, em pares, a produção de uma pré-entrevista.

15 minutos – Discussão sobre a prática da pré-entrevista

30 minutos – Produção de roteiros de entrevista. A linguagem do vídeo: pessoal X impessoal, formal X informal. Até que ponto é interessante “brincar” com o entrevistado. Aspectos que podem esbarrar na falta de respeito e colocar por água abaixo o clima descontraído da entrevista. Legislação defendendo direito à imagem, fontes, a pluralidade e à dignidade. Leitura de notícia da Folha de S. Paulo “Guerra ao humor”.

Sexto e sétimo encontros

15 minutos – Gravação, com os celulares dos alunos, de entrevistas entre o grupo. Será o nosso projeto piloto.

15 minutos – Alunos trocam de posição e vivenciam as duas experiências: entrevistador e entrevistado. Avaliação das gravações.

15 minutos – Discussão do grupo sobre as respectivas funções na gravação do talk show diante de toda a comunidade escolar. Divisão de tarefas.

15 minutos – Distribuição das tarefas.

30 minutos – Pesquisa e produção coletiva de roteiro da entrevista final e organização da plateia.

Oitavo encontro

Certificação das produções textuais dos alunos, dos convidados para o talk show e finalização do monólogo. Distribuição de tarefas e checagem de todas as etapas da produção. Finalização dos objetos do cenário, figurino e músicas da banda.

Nono encontro

Diante de uma plateia da comunidade escolar a equipe de alunos participantes do workshop realiza um talk show. O material será gravado pelos próprios alunos com os recursos disponíveis do grupo.

Décimo encontro

Visita à emissora de televisão e preenchimento da autorização para saída da escola (Anexo 10. 12)

Décimo primeiro encontro

Conversa com o grupo para avaliação do projeto

7.2 Apresentação da proposta à direção da ETEC de Sapopemba

A ETEC Sapopemba é uma instituição pública de ensino pertencente ao Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS), autarquia do Governo do Estado de São Paulo, vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia. Em nossa primeira visita à ETEC fomos apenas para conhecer e conversar com a coordenadora pedagógica, Rita Arantes. O prédio não foi construído para abrigar uma escola. Lembra mais o ambiente de um posto de saúde, com rampas largas que dão acesso aos três andares. Não há quadras nem anfiteatro. Quando os alunos querem jogar bola, os professores e a direção estacionam seus carros do lado de fora da escola e o cimentado do estacionamento transforma-se num campo de futebol. A entrada no prédio se dá por um portão largo de ferro.

Ali há um vigia e uma casinha de cachorro. O próprio vigia apresentou-nos à cachorra Sabrina⁸², mascote da escola. A cachorrinha tem bastante idade e interage com toda a comunidade escolar. Ela mora na ETEC e, aos finais de semana, é cuidada por pais e alunos da instituição. Sabrina tem uma caixa de papelão forrada com uma coberta em dois locais da escola: na entrada e na sala da secretaria, que antecede a sala da direção.



A cadela Sabrina, mascote da ETEC de Sapopemba, 2017
Foto: Myrian Clark

Arantes recebeu-nos com alegria e levou-nos para conhecer a escola. Num passeio pelos corredores ela questionava o porquê de alguns alunos estarem fora da sala de aula e os instava a voltar para dentro da classe. A ETEC não tem monitores ou funcionários para “cuidar” de alunos que tenham saído da sala de aula, como no Arquidiocesano, por exemplo. Na ETEC, essa tarefa é feita, informalmente, pelos próprios professores. Além da direção e dos professores, a instituição conta com funcionários da limpeza, da secretaria e um funcionário da biblioteca.

A coordenadora pedagógica Rita Arantes ouviu atenta sobre o projeto, ofereceu-nos água e café. Dispôs-se a providenciar o que fosse preciso para a aplicação do experimento. Arantes avaliou que O Talk Show poderia ser uma boa oportunidade para marcar a comemoração dos 10 anos da escola. Lembramos de perguntar se poderíamos levar os bolinhos para finalizar os encontros, a fim de manter o clima informal, festivo e descontraído

⁸² Segundo a direção da escola a cachorra Sabrina faleceu, de velhice, em 2019.

das gravações do programa do Jô. A diretora Sandra Regina Ferraz de Campos dos Reis e o vice-diretor Denis Le Senechal Klimiuc vieram até a pequena sala da coordenação pedagógica a fim de nos conhecer. Ao final da nossa conversa, Denis fez questão de nos acompanhar até o portão. No trajeto contou-nos que era fã do Programa do Jô e, para nosso espanto, pediu para fazer uma “selfie”. Fomos tratados com tanta deferência nesta visita que decidimos levar bolinhos não só para os alunos, mas também para aquela equipe tão gentil. Encaminhamos por e-mail a autorização a ser assinada para os pais e combinamos de voltar novamente à ETEC, ainda naquela semana para convidar os alunos.

7.3 Apresentação da proposta aos alunos de Sapopemba

Conforme combinado com a coordenadora, voltamos naquela mesma semana à ETEC para convidar os alunos a participarem do Talk Show. Assim como na experiência com o colégio Marista Arquidiocesano, passei de sala em sala, explicando a oficina e convidando a todos. Na ETEC fomos acompanhados da coordenadora Rita Arantes. Explicamos a proposta, dias e horários conforme acordado com a direção. Arantes frisava com os alunos a importância da nossa presença na ETEC: “uma jornalista experiente veio até aqui para desenvolver um trabalho com vocês, uma coisa muito interessante, vocês devem aproveitar”.

Arantes deixava claro para as turmas que aquela era uma oportunidade incrível e que todos deveriam se esforçar para conseguir participar. Tínhamos disponibilidade para apenas 20 vagas e oferecemos o curso aos alunos do período da manhã da ETEC, cujas atividades curriculares se encerravam às 15h. A ETEC responde por 1100 alunos distribuídos em três turnos. Alguns destes alunos frequentam a ETEC em outros endereços, compondo o que eles chamam de “classes descentralizadas”. Isso significa que a direção e coordenação da escola também respondem por duas turmas, em três turnos, distribuídas na Extensão EE Stefan Zweig, na Vila Ema, e no CEU Sapopemba, no Jardim Sapopemba. Na ETEC onde desenvolvemos o nosso projeto 120 alunos se inscreveram para participar do Talk Show na Escola.

A coordenadora pedagógica nos informou que o critério para a seleção dos alunos seriam as melhores notas e maiores índices de frequência. Segundo ela, se adotássemos qualquer outro critério, estaríamos sendo injustas com os alunos mais esforçados e comprometidos. A oficina foi vista e apresentada aos alunos como um “prêmio”, uma oportunidade única. Arantes queria que a recompensa aos alunos mais esforçados servisse

também de estímulo para que os demais alunos da ETEC estudassem e frequentassem as aulas. Ficamos em dúvida com relação à escolha do critério e resolvemos que, naquela situação, deveríamos seguir as regras determinadas pela escola que estava nos acolhendo. Nas conversas com os alunos, na apresentação de sala em sala, foi possível perceber o entusiasmo dos alunos e a curiosidade dos professores; que interromperam suas aulas para que expuséssemos a proposta das nossas oficinas.

7.4 Receptividade e acolhimento

Para iniciar a oficina na ETEC a coordenadora pedagógica, Rita Arantes, montou, em conjunto com outros professores, uma lista de presença com os nomes dos alunos selecionados. (Anexo 10.5) . Ao contrário do que tínhamos feito no Colégio Marista Arquidiocesano, preferimos controlar a presença dos alunos para aferir a assiduidade e também para utilizar a chamada como uma ferramenta para nos auxiliar a gravar os nomes de cada um dos alunos. Cada estudante selecionado levou para casa uma autorização a ser assinada pelo responsável. As famílias estariam cientes de que eles ficariam mais tempo na escola durante aqueles dias. Antes da primeira oficina a coordenadora pedagógica Rita Arantes já tinha todos os papéis com as devidas autorizações assinadas.

O primeiro dia de oficina com os alunos da ETEC foi numa sexta-feira, 18 de agosto de 2017. A necessidade de cumprir todos os encontros antes de uma possível data no teatro da Fábrica de Cultura, onde apresentaríamos o talk show final, nos fez correr contra o relógio. Para o primeiro encontro levei jornais -dois exemplares da Folha, dois do Estado de S. Paulo e dois do Valor Econômico-, DVD com vídeos e uma caixa com bolinhos de chocolate feitos por nós naquela manhã. Já tínhamos constatado que os bolinhos poderiam ser um fator de incentivo aos alunos e resolvemos repetir o gesto mais uma vez. A ETEC tem um projetor e ele já estava separado, na sala dos professores, para que pudéssemos usar. Estava tudo certo com as autorizações das famílias, exceto com a de um aluno, cuja própria assinatura constava no local previsto para os pais. Arantes o repreendeu, mas ele se justificou contando que tinha achado melhor assinar o papel por conta própria para não perder a chance de participar. Depois prometeu trazer o papel assinado pelos pais na segunda-feira. O espaço designado para as oficinas do talk show foi uma sala de aula normal, mobiliada com cadeiras de fórmica com um braço de prancheta para escrever.

Pedimos que os alunos fizessem um círculo com as carteiras. Tínhamos levado uma câmera para gravar os encontros a fim de facilitar a redação do caderno de campo. Enquanto tentávamos posicionar a câmera num pequeno tripé os próprios alunos nos ajudaram a ligar os equipamentos: um lap top e um projetor. Quando já estávamos prontos para começar a coordenadora Rita Arantes entrou na sala e parabenizou os alunos. Reforçou que eles deveriam empenhar-se muito nesta oficina uma vez que eles se candidataram e foram escolhidos. Rita Arantes disse aos alunos: “Vocês estão tendo uma oportunidade muito especial, espero que saibam valorizar. Comportem-se e aproveitem ao máximo”.

Neste primeiro encontro pedimos que os alunos se apresentassem e perguntamos quais eram as preferências deles no universo audiovisual. Quais programas gostavam na TV, no Netflix ou no You Tube? O que faziam nos momentos de lazer? Qual curso técnico estavam cursando? Por que?

Durante a conversa em nosso primeiro encontro os alunos da ETC pediram que falássemos um pouco a respeito da nossa experiência profissional. Contamos das nossas atividades iniciais no jornalismo impresso e depois da passagem para o jornalismo de vídeo. Mostramos o nosso vídeo curriculum e falamos que já existem instituições que pedem, além do currículo impresso, uma versão em vídeo. As oficinas do Talk Show certamente poderiam inspirá-los a produzir um vídeo currículo, caso algum dia tivessem esta necessidade. Explicamos a respeito da Educomunicação e dos cursos de graduação na área. Sobre a experiência no talk show de Jô Soares apenas um aluno quis saber se algum dia alguma entrevista do Programa do Jô tinha dado errado. Contamos o caso da senhora que plantava bananas no interior do Amazonas e saiu de casa muito cedo para tomar um avião em Manaus e participar do talk show em São Paulo. Na hora da gravação a senhora estava exausta e dormiu na plateia. A direção do programa nos repreendeu por nossa avaliação em relação à participação da senhora. Com base nas histórias apuradas na pré-entrevista por telefone, estávamos tão confiantes no sucesso dos relatos dela que havíamos sugerido que ela participasse do programa durante dois blocos de entrevista. Havíamos avaliado mal a participação da senhora no programa ou erramos ao fazê-la viajar tantas horas no dia da entrevista? Contamos aos alunos que não importava o motivo: a responsabilidade pelo fracasso da entrevista era nossa. Os alunos riram do caso, mas nos pareceram tímidos para fazer perguntas.

Exibimos aos alunos da ETEC alguns vídeos com trechos curiosos do programa do Jô, exibido na TV Globo de 2000 a 2016. Os trechos denotavam a versatilidade do apresentador, a importância de criar coisas curiosas durante a entrevista e do trabalho em equipe que há nos bastidores de um talk show. Distribuímos exemplos impressos de monólogos de abertura. Ressaltamos as diferenças mais marcantes entre os monólogos: aqueles cujo texto era permeado de piadas e outros que fazem uma crítica bem humorada de assuntos da realidade. Explicamos que havíamos trazido os jornais para inspirá-los com notícias que pudessem dar ideias para os temas do monólogo. Um dos alunos perguntou-me se um caderno do jornal era um jornal, ou se o jornal eram todos os cadernos juntos.

No final do primeiro encontro distribuímos os bolinhos que havíamos feito naquela manhã especialmente para o nosso encontro. Eles aceitaram timidamente e a bandeja foi passando com os quitutes pela roda. A mesma rotina de distribuição de bolinhos ao final dos encontros foi repetida nos demais dias. Explicamos aos alunos da nossa urgência de tempo e pedi que pensassem em temas para o monólogo na próxima aula. Na saída um aluno nos apresentou uma ideia de monólogo já rascunhada no caderno. Recomendamos que ele tentasse escrever e ler em voz alta em casa, para apresentar a proposta na aula seguinte. Ao tratar do tema do monólogo, explicamos que seria interessante ter algo relacionado ao nosso público, ou seja, os alunos da ETEC. Precisávamos de algo que falasse da realidade de todos eles, algo que todos ali tivessem em comum. Lembraram da Sabrina, a cachorra que mora na escola. Explicaram que ela já vivia ali quando a escola foi construída e por isso adaptou-se tão bem à rotina do lugar. Antes de saírem, pedimos a eles que recolhessem com o guardanapo os pedacinhos ou farelos de bolo que pudessem ter caído no chão. Todos colaboraram. Sem que precisássemos pedir, dois alunos nos ajudaram a desligar, guardar e levar o projetor de volta à sala dos professores.

7.5 Duração / horário/ localização/ perfil dos alunos

Nossos encontros tinham um planejamento minucioso com o tempo estimado para execução de cada tarefa: desde a redação de textos até o planejamento visual do cenário. Nesse processo os estudantes vivenciaram as diferentes funções de uma produção de talk show profissional. Apresentamos à ETEC nosso projeto com a divisão das atividades e a cronometragem de cada etapa a ser realizada nos encontros. Nosso planejamento de aula determinava os minutos previstos para cada atividade e os materiais – textos, vídeos, jornais impressos etc – necessários

Na ETEC de Sapopemba as atividades foram realizadas durante os meses de agosto e setembro de 2017 em onze encontros consecutivos, nos dias de semana, com 1h30 de duração cada. Como a ETEC não dispõe de anfiteatro ou espaços que acomodem mais de uma turma, para a apresentação do talk show final buscamos uma parceria com a Fábrica de Cultura de Sapopemba. O teatro da Fábrica de Cultura tem um auditório com capacidade para 300 pessoas e o projeto foi apresentado para todas as turmas da ETEC que cursavam as aulas no período da manhã. O talk show final foi nomeado de “Curto Prazo” pelos alunos em alusão ao prazo exíguo para o término daquele ciclo escolar e também ao período de que dispúnhamos para desenvolver a atividade. As oficinas foram realizadas depois do término das aulas vespertinas, das 15h às 17h30. Algumas vezes os alunos ficaram além do horário e em praticamente todos os dias fizeram atividades ligadas à produção do talk show em casa.

Em relação ao espaço físico, as oficinas foram realizadas de acordo com a disponibilidade logística da escola: numa sala de aula, na biblioteca, na sala de ginástica e até mesmo na sala da direção quando precisamos utilizar a internet e computadores para enviar e-mails ou escrever textos. Por problemas nos nossos equipamentos não pudemos manter num canto da sala uma câmera para registrar as atividades desenvolvidas com os alunos.

O grupo do Talk Show da ETEC tinha 16 alunos do 3º ano do Ensino Médio e 4 alunos do 2º. A coordenação da ETEC priorizou alunos que estavam no último ano escolar a fim de estimulá-los a tentar o ingresso numa faculdade. A maior parte do grupo da ETEC é do curso técnico de alimentos, três eram de administração e um de informática. A escolha pelo curso técnico não tinha ligação com a preferência pela área e sim com a disponibilidade de vagas. As vagas na ETEC são disputadas e para entrar na escola é preciso passar por uma prova com questões de múltipla escolha. O processo seletivo é chamado de “Vestibulinho”.

Os alunos relataram que haviam passado nesse teste e encaixaram-se nas vagas disponíveis. Para eles, o fato mais relevante era ingressar na ETEC, ficando em segundo plano a escolha do curso técnico. A ETEC tem laboratórios de informática, de alimentos -microbiologia, física e química, processamento e panificação- e um laboratório de redes que ainda estava em construção. Alguns alunos interessados nas oficinas não puderam participar porque tinham o compromisso de ir para casa ao final das aulas para cuidar dos irmãos menores ao ou porque exerciam algum tipo de trabalho no contraturno escolar. Antes do início do segundo encontro uma aluna nos procurou para explicar que estava no grupo, mas tinha perdido a primeira aula por não ter com quem deixar a sobrinha naquela tarde. A aluna nos contou ter conversado com a irmã, mãe da criança, e a convencido de providenciar uma substituta para que ela pudesse ficar na ETEC até mais tarde. Ao nos contar o caso, a aluna frisou a alegria de ter esta oportunidade e chorou ao dizer que o curso representava a conquista de algo que ela queria muito. O projeto do Talk Show foi também apresentado pela direção da ETEC como uma oportunidade para conhecer o mundo do trabalho e da pesquisa. Uma experiência que pudesse jogar alguma luz sobre a escolha da profissão ou de um curso universitário.



Alunos da ETEC Sapopemba discutem as músicas do talk show Curto Prazo, 2017
Foto: Denis Le Senechal Klimiuc

Os jovens da ETEC têm hábitos televisivos bastantes similares aos hábitos dos jovens do colégio Marista Arquidiocesano. Gostam do Talk Show do Fabio Porchat (ao ar na TV Bandeirantes de agosto de 2016 até dezembro de 2018), Danilo Gentili (2011 e 2013 Record e 2014 a 2019 SBT) e Tatá Werneck (Multishow desde 2017). Assistem a alguns programas da

TV aberta como o programa Altas Horas, exibido pela TV Globo. Boa parte do tempo de lazer deles é dedicada a séries e filmes na Netflix, a provedora global de filmes e séries de TV via streaming. O grupo nos contou também das intenções em relação à carreira universitária a seguir: letras, engenharia, psicologia, design, artes cênicas, direito, medicina, publicidade, odontologia, arquitetura e ciências sociais. Ainda assim, muitos reforçaram o fato de não saber como conseguiriam ingressar numa faculdade ou pagar as mensalidades.

7.6 A divisão das tarefas

No segundo encontro apresentamos aos alunos as funções dos profissionais que trabalham numa produção de talk show: pauteiro, produtor, roteirista, pesquisador, entrevistador, repórter, figurinista, cenógrafo, músico, diretor de palco, cantor, assistente de palco, garçom, diretor geral, sonoplasta, iluminador, coordenador de imagens digitais, editor, diretor de arte e apresentador. Fizemos a divisão de tarefas entre o grupo por meio de uma votação: as pessoas se candidatavam e preenchíamos cada vaga com pelo menos duas pessoas. Algumas das funções só seriam exercidas no dia da gravação e por isso designamos mais de uma pessoa para cada função. Desta maneira também estaríamos garantidos caso alguém faltasse ou não pudesse ir no dia da gravação do talk show final. Assim que dividimos as tarefas cada aluno passou a pensar na construção do talk show a partir da sua função. Teríamos sempre uma dupla ou trio encarregado para a função. O grupo também votou, dentre os alunos que se candidataram, quem seriam os apresentadores do Talk Show. Trabalharíamos como uma produção de profissional. No caso da produção do Programa do Jô todos nós tínhamos substitutos, menos o apresentador. Ainda assim, foram raríssimas as vezes em que a produção precisou desmarcar uma gravação. Todas as semanas gravávamos um programa extra, no jargão jornalístico, um programa de gaveta, para ser guardado e exibido nas férias da produção ou em alguma eventualidade que impedisse a gravação. Nos anos eleitorais, por exemplo, o estúdio do programa era usado para os debates pré-eleitorais.

A divisão de tarefas na ETEC ficou assim:

- Apresentadores: Gabriele Barbosa Oliveira e Abraão M.A. Leite
- Diretores: Victor dos Reis Souza e Bárbara do Nascimento Pereira
- Roteiristas das entrevistas: Beatriz Basilio, Gabriele Barbosa, Bruna Leão Freitas e Lucas Kyota da Costa

- Roteiristas do monólogo: Abraão M. A. Leite, Beatriz Basilio e Daniel Yuji Kobayashi
- Garçon: Daniel de Oliveira S. Vargas
- Músicos e sonoplastas: Arthur Santos de Oliveira, Guilherme A. Kerlin, Iris Minhano Vidoi, Guilherme Reis R. do Nascimento, Davi de Lima Bezerra
- Figurinistas: Daniel Yuji Kobayashi e Jonathan Ferreira.
- Pauteiros: Arthur Santos de Oliveira, Lucas Kyota da Costa e Jonathan Ferreira.
- Produção de cenário: Beatriz Basilio, Yandra de Araujo B. Pereira e Nicolle Cardozo.
- Produção de plateia: Lucas Kyota da Costa, Cintia Azevedo Rodrigues e Giovana de Carvalho Guimarães.
- Produtores: Vinicius Jesus Rodrigues, Guilherme Reis R. do Nascimento, Bruna Leão Freitas, Daniel de Oliveira S. Vargas, Iris Minhano Vidoi, Nicolle Cardozo, Vitor dos Reis Souza
- Assistentes de palco: Giovana de Carvalho Guimarães e Yandra de Araujo R. do Nascimento
- Iluminadora e sonoplasta: Cintia Azevedo Rodrigues
- Coordenador de imagens digitais: Vinicius Jesus Rodrigues

Para o monólogo (Anexo 10.6) de abertura um aluno trouxe duas ideias logo no segundo encontro. O grupo trabalhou no roteiro do monólogo e escolheu, por votação, falar das pressões para aquele momento de terminar a escola e prestar o vestibular.

7.7 Participação

Os alunos foram avisados de que as oficinas eram gratuitas e aconteceriam no contra turno escolar. A presença dos alunos foi voluntária e o resultado do processo não alterou as notas de avaliação dos alunos. Optamos por anotar a frequência dos alunos numa lista de presença (Anexo 10.5) e isso nos ajudou a memorizar os nomes dos participantes. Os alunos não faltaram aos encontros e, caso precisassem perder alguma oficina ou fossem se atrasar, avisavam com antecedência.

Dois alunos foram nomeados diretores do talk show e ficaram encarregados de criar um grupo de trabalho no aplicativo de troca de mensagens, o Whatsapp. Tarefas, dúvidas, sugestões e impressões foram compartilhadas nesse fórum, muitas vezes acionado assim que

saíamos da escola, com as conversas se estendendo até a noite. Ao todo foram trocadas 974 mensagens, 62 fotos e 10 vídeos (Anexo 10.7). Os membros do grupo, ao se mostrarem empenhados em criar os detalhes do talk show, estimulavam-se uns aos outros. Os alunos mais tímidos também usaram o aplicativo como passo inicial para colocar uma ideia para o grupo. Os alunos escreviam no grupo sempre que estavam fora da ETEC. Apesar de a escola ter internet no laboratório de informática, ela é lenta e o ambiente não tem wi-fi. Segundo a coordenação, a escola conta com 100 mega de internet, mas a localização afastada dificulta a transmissão do sinal.



Durante as oficinas do talk show da ETEC os alunos, em círculo, discutem as pautas, 2017
Foto: Denis Le Senechal Klimiuc

No terceiro encontro um aluno trouxe-me três sugestões de pauta já com os respectivos contatos e fotos (Anexo 10.8) para que pudéssemos pensar na pauta do nosso talk show. Tal atitude chamou a nossa atenção. No talk show profissional quando alguém sugere uma entrevista, já com os contatos para acessar o entrevistado, os produtores sentem-se poupados em seu trabalho. Havíamos apenas mencionado que precisaríamos de sugestões de nomes para tocarmos o projeto e logo elas estavam ali na nossa mão.

Os estudantes também participavam da organização da sala antes das oficinas, preparando as cadeiras em círculo ou colocando-as de volta em seus lugares ao término dos encontros. Sem que precisássemos pedir, dois alunos nos ajudavam a ligar e desligar o projetor e o lap top e levá-los de volta à sala dos professores ao final os encontros. No primeiro encontro o vice-diretor Denis Le Senechal Klimiuc havia entrado na sala para

fotografar e acabou ficando para assistir a oficina. No intervalo nos contou que era ex-aluno de ETEC, um entusiasta do áudio visual, e que queria muito poder apreender o conteúdo daquelas aulas. Klimiuc participou de todos os encontros e foi incrivelmente colaborativo na coleta de imagens desta pesquisa.

Na ETEC os alunos recebem gratuitamente almoço e merenda seca, composta de um bolinho de baunilha da marca Renata e um pacote de biscoito salgado integral, servidos com uma bebida láctea na temperatura ambiente.

Assim como fizemos no colégio Marista Arquidiocesano e nas oficinas realizadas nas Fábricas de Cultura, oferecemos bolinhos aos alunos ao final dos encontros. Ainda que a ETEC tenha disponibilizado merendas extras para os alunos do grupo que ficariam até mais tarde na escola, optamos por levar nossos bolinhos. Percebemos que os bolinhos também tiveram um papel importante na adesão e participação dos alunos nas atividades da ETEC.

Denis Le Senechal Klimiuc, o vice-diretor, fez um texto sobre as nossas oficinas para afixar no mural da escola. (Anexo 10.9) Segundo ele, muitos alunos estavam interessados em saber o que acontecia “naquelas aulas com a jornalista”. Klimiuc buscava maneiras de melhorar a comunicação na escola, valorizar o projeto e sanar a curiosidade dos demais alunos. Ele nos contou estar interessado na parte pedagógica do projeto e surpreso com a fala dos estudantes. Para Klimiuc, o talk show estava abrindo uma oportunidade dele conhecer e se comunicar melhor com o público da ETEC.

7.8 Convites

Durante as oficinas do Talk Show Curto Prazo os alunos criaram coletivamente roteiros, interpretaram e gravaram chamadas audiovisuais para os convidados, o que passamos a denominar “vídeo-convites”. Num primeiro momento os vídeo-convites surgiram como alternativa à ligação telefônica, recurso com o qual os estudantes afirmaram não se sentirem confortáveis. Outras formas de contato, porém, como e-mails e mensagens escritas via redes sociais, não surtiram efeito. Mas, uma vez que as aulas educomunicativas são construídas coletivamente, surgiu do próprio grupo a ideia do vídeo-convite. Algumas das pessoas abordadas, famosos ou notórios da nossa sociedade, ao receber o vídeo convite, fizeram questão de responder. Nos vídeos, todos com cerca de 30 segundos, os alunos da ETEC se apresentavam e explicavam o motivo da abordagem. Cada um dos vídeo-convites foi pensado especialmente para a pessoa que se tentava contatar (Anexo 10.1). Os alunos

surpreenderam-se ao constatar o poder do material criado por eles. Não imaginavam que fossem obter respostas tão prontamente. O ator Lázaro Ramos e o ginasta Arthur Zanetti, por exemplo, apesar de não poderem comparecer ao talk show, gravaram vídeos em resposta aos alunos. (Anexo 10.1)

Para a gravação final do talk show “Curto Prazo” os alunos conseguiram três entrevistados: Rita de Cassia Batista Arantes, (professora de literatura da ETEC, docente querida entre os alunos, escolhida por unanimidade); Tabata Amaral, (cientista política de Harvard e colunista da Rádio CBN, nascida na periferia de São Paulo) e Fernandinho Beat Box (um rapper especializado em beat box, subgênero do hip hop em que o artista produz sons vocais que reproduzem batidas eletrônicas). A professora de literatura e coordenadora pedagógica Rita Arantes foi convidada por meio de uma carta, cujo texto foi pensado e escrito pelos próprios alunos. Uma aluna postou a carta-convite no grupo de Whatsapp e alguém logo se ofereceu para imprimir e entregar nas mãos da coordenadora. (Anexo 10.10) Rita Arantes chorou emocionada ao receber o convite. À exceção da professora Arantes, os outros dois entrevistados precisaram se deslocar até o local da gravação do Talk Show, na Fábrica de Cultura de Sapopemba. O bairro de Sapopemba dista cerca de 25 km do centro de São Paulo e este projeto de pesquisa não dispunha de verbas. Pagamos do nosso bolso as despesas de transporte destes convidados.

Fizemos uma votação com todas as sugestões de nomes de possíveis entrevistados aventados do grupo. Fomos colocando os nomes na lousa e o grupo foi votando. Assim como na escola particular, na ETEC eles sugeriram majoritariamente que o talk show entrevistasse pessoas famosas do Youtube ou da televisão: Tiago Liefert, Jout Jout, PC Siqueira, Arthur Zanetti; e também pessoas com alguma proximidade da realidade deles: a cantora transexual Linn da Quebrada, que mora no bairro e gravou um vídeo clip na rua da ETEC e a ex-aluna da periferia que conseguiu estudar em Harvard, Tabata Amaral. Os alunos encarregados da produção da pauta entrariam em contato com os nomes mais votados. A professora Rita Arantes foi escolhida, por unanimidade, entre o grupo do talk show. Alguns nomes de políticos foram aventados, mas foram descartados por não terem conseguido maioria: Lula 3 votos, Haddad e João Doria, um voto cada.

7.9 Realização do talk show

Como parte das nossas atividades da oficina, agendamos um membro da escola para estar no centro de uma coletiva em que os alunos vivenciariam a experiência de entrevistar alguém coletivamente. Solicitamos esta entrevista junto à coordenadora pedagógica, Rita Arantes. Imediatamente, fomos levados à sala da diretora, Sandra Regina Ferraz de Campos dos Reis, que nos recebeu com alegria. Ela também tinha provado dos nossos bolinhos, elogiou-os, e prontamente ofereceu-se para providenciar uma pessoa da escola que pudesse ocupar o centro da nossa entrevista coletiva. Preparamos com os alunos um roteiro e repassamos os cinco passos para uma boa entrevista:

- 1- preparar-se, estudar sobre o entrevistado e redigir perguntas num pré-roteiro
- 2- deixar o entrevistado à vontade, estabelecer relação de sintonia com ele
- 3- perguntar sobre o histórico de vida e família.
- 4- colocar perguntas sem juízo de valor
- 5- manter uma postura de entrevistador a fim de desenvolver a escuta.

A professora Roseli Lovato Terrani, coordenadora do Etim, Ensino Técnico Integrado Médio, foi designada para a tarefa. Na entrevista, Terrani contou que mora no bairro há muitos anos e explicou aos alunos como era aquela região antigamente: “uma fazenda perigosa, usada como local para desova de cadáveres”. Os alunos a questionaram sobre a escolha profissional e o vínculo com a ETEC. Roseli falou da própria realidade na infância, do desejo não realizado de ter uma boneca japonesa e contou que toda a sua vida esteve sempre ligada à escola. O relato de que ela frequentava a escola antes mesmo de ser uma estudante cativou os alunos. O irmão mais velho de Terrani estava matriculado, mas fugia da escola. Ela acompanhava a mãe nas reuniões com a diretora para equacionar o problema do irmão fujão. Terrani gostava do contato com o ambiente escolar, cheio de crianças. Quando começou a estudar já estava acostumada com o espaço e descobriu bem cedo que aquela era a sua vocação. Os alunos da ETEC mostraram-se curiosos em relação ao desenvolvimento profissional da entrevistada. Queriam saber como foi a vida na faculdade, o início da carreira e a faixa salarial de um professor iniciante. Alguns aproveitaram o ambiente descontraído da atividade para colocar as próprias preocupações em relação ao final do Ensino Médio e a dificuldade de ingressar num curso superior ou de conseguir um emprego. O aluno Guilherme

Reis R. do Nascimento contou da satisfação de ouvir as histórias da professora: “Não sabia que a Roseli tinha passado por tantas coisas. Ela se parece com a gente. Foi bacana saber que ela conseguiu achar uma profissão que ela gostava e que também desse para ajudar com as contas de casa”.

Na sequência da entrevista coletiva os alunos realizaram, em duplas, a experiência de fazer e conceder uma entrevista. Primeiro no papel de entrevistador, perguntando e gravando a entrevista com o celular. Depois, inverteram as posições. Nesta atividade instigamos os estudantes a pensar sobre suas narrativas e refletir a respeito dos próprios sonhos para a vida adulta. O exercício foi favorável para o entrosamento do grupo e para a reflexão em relação às expectativas de futuro dos alunos.

Ao final desta aula Terrani nos contou que gosta de lecionar na ETEC, especialmente pela receptividade e calor dos alunos. Segundo Terrani, a escola tem apenas dez alunos que ela classificaria como “problemáticos e indisciplinados”.

Nosso décimo encontro previa uma visita à TV Globo. Combinamos por e-mail com a equipe do departamento Globo Universidade, que dá apoio às pesquisas acadêmicas, de levar os alunos até a sede da empresa em São Paulo, na Av. Berrini, 160, Vila Cordeiro. Neste dia as famílias dos alunos também entregaram autorizações por escrito permitindo a saída da escola. A TV Globo enviou um micro-ônibus à escola para o transporte dos alunos. Para a visita, a ETEC reuniu três professores e 19 alunos. Um estudante do grupo precisou faltar neste dia, mas nos avisou antecipadamente. O grupo do talk show Curto Prazo circulou pelas instalações da emissora, tirou fotos e conversou com profissionais. Alguns trabalhadores puderam responder a dúvidas dos estudantes e contar curiosidades do dia a dia nos bastidores da TV. A visita durou quatro horas e contribuiu para que os alunos vissem de perto como trabalham os profissionais da TV. O grupo visitou a redação do site G1, caminhou pela redação do jornalismo, das produções, circulou pelos camarins onde os entrevistados aguardam para dar entrevistas, conheceu os estúdios, os bastidores de montagem de cenário e a sala onde os apresentadores fazem cabelo e maquiagem. Ao final da visita, o grupo assistiu a uma gravação do talk show “Conversa com Bial”. Conseguimos marcar para o aluno que perdeu a visita com o grupo um acompanhamento, posterior, da gravação do programa Altas Horas, apresentado por Serginho Groisman. O aluno foi por conta própria e estava acompanhado de um familiar maior de idade.

A visita à TV Globo serviu como conteúdo para a gravação do Talk Show Curto Prazo, que seria realizado no dia seguinte, 4 de setembro de 2017. Para a gravação do talk show “Curto Prazo” os alunos da ETEC de Sapopemba conseguiram convidar os seguintes nomes: Rita de Cassia Batista Arantes, professora de literatura da ETEC; Tabata Amaral, cientista política formada por Harvard, nascida na periferia de São Paulo e vencedora de olimpíadas de matemática; e Fernandinho Beat Box, rapper especializado em beat box, subgênero do hip hop em que o artista produz sons vocais que replicam batidas eletrônicas. Para chegar nestes nomes os alunos

7.10 Avaliação

A fim de obter um retorno dos professores e avaliar os efeitos e a recepção do projeto O Talk Show na Escola aplicamos um questionário avaliativo aos seguintes profissionais da ETEC: Roseli Lovato Terrani, coordenadora do ETIM, Denis Le Senechal Klimiuc, vice-diretor e Rita Arantes, coordenadora pedagógica (Anexo 10.13). Partindo destes questionários pudemos constatar que os aparelhos de televisão da escola são utilizados como telas para exibir vídeos previamente selecionados pelos professores ou para mostrar cursos e aulas do Youtube. A ETEC não tem uma antena de TV aberta e isso impossibilita o acesso à programação da TV aberta. Ainda assim, os alunos falam com os professores sobre seus programas preferidos na TV aberta e, dentre eles, estão talk shows como o de Danilo Gentili e Tatá Werneck. Além da TV aberta, os alunos assistem Youtube e séries na Netflix, a provedora global de filmes e séries via streaming. A escola não tem um mapeamento comunicacional ou práticas especificamente voltadas para estimular o diálogo entre a comunidade e apenas uma minoria dos professores faz um trabalho interdisciplinar.

Os profissionais da ETEC foram unânimes em dizer que seria possível implementar um projeto como o Talk Show na Escola de forma regular e que o experimento quebrou barreiras e paradigmas culturais e sociais. A coordenadora Rita Arantes apontou ser preciso o envolvimento da direção da escola. Dentre as contribuições das oficinas do Talk Show na Escola os entrevistados destacaram uma melhora na autonomia e autoestima dos alunos, um maior estímulo para dedicar-se aos estudos, um maior empenho em pesquisar e aprofundar os conteúdos trabalhados, uma cultura comunicacional menos ingênua e uma

valorização de outras áreas do conhecimento que são pouco lembradas numa metodologia restrita ao livro e à lousa.

Segundo os entrevistados, os maiores entraves para a implantação de um projeto como o Talk Show na Escola seriam a falta de interesse e disponibilidade dos professores e a ausência de vontade da direção. A experiência do Talk Show na ETEC foi muito potente para os alunos, mas infelizmente, não pode ser oferecida a todos.

7.11 O Talk Show na Escola ETEC de Sapopemba e no Marista Arquidiocesano

Existem diferenças já esperadas entre uma escola particular e outra pública. Na ETEC de Sapopemba os alunos têm, em geral, uma condição econômica inferior e a estrutura escolar é menos favorável. Muitos dos alunos da ETEC já trabalham ou ajudam a família em afazeres domésticos, enquanto no Marista Arquidiocesano os alunos, de classe média alta, via de regra, apenas estudam. Durante as oficinas os alunos da ETEC queixaram-se da falta de oportunidades e da preocupação de não ter meios para ingressar numa universidade pública nem tampouco condições de pagar uma universidade particular. Nas duas experiências as questões da adolescência surgiram nas conversas com os alunos. Na ETEC, porém, os alunos lidam também com diferenças na situação econômica e financeira da família. A aluna Bárbara do Nascimento Pereira nos disse: “Nem acabei o ensino médio e já tenho conta para pagar, minha mãe avisou que em janeiro do ano que vem a conta da internet vai ser minha. Não sei se vou conseguir trabalho e muito menos fazer a faculdade que eu quero”.

No momento em que passamos por todas as turmas, de sala em sala, para convidar os alunos da ETEC a coordenadora, Rita de Cassia Batista Arantes nos acompanhou e disse frases estimulantes que valorizaram o nosso trabalho perante o público da ETEC. Consideramos que aquelas palavras influenciaram os alunos, que se mostraram bastante interessados em participar das oficinas.

Na ETEC o projeto do Talk Show Curto Prazo foi amplamente divulgado dentro da escola, o que despertou a curiosidade de todos e fez com que o auditório da Fábrica de Cultura de Sapopemba estivesse cheio no dia da apresentação final do talk show. No colégio Marista Arquidiocesano apenas a diretora pedagógica, a professora de informática e os técnicos da sala multimeios estavam a par das oficinas. O professor de literatura escolhido

pelos alunos para ser entrevistado, Silvio Luis Bedani, ficou surpreso ao constatar a estrutura do talk show montada no teatro pelos participantes das oficinas. Como o projeto foi pouco divulgado dentro do coleégio Arquidiocesano, ele só ficou sabendo do Talk Show ao comparecer para a gravação.

Nas experiências desenvolvidas nas duas escolas o apoio da direção ao projeto foi fundamental e ambas não nos impuseram nenhuma restrição para aplicar o experimento. No colégio Marista Arquidiocesano tivemos receio quanto à entrevistada escolhida pelos alunos para participar do talk show final no anfiteatro da escola. A atriz e youtuber Bruna Louise é famosa pelo uso corrente de palavrões e, ao ser contatada, nos avisou que já havia participado de um evento numa escola marista no sul do Brasil e que a fala dela, recheada de palavrões, não tinha agradado a direção da escola. Questionamos a diretora pedagógica do Arquidiocesano de São Paulo, Marisa Esther Rosseto, a esse respeito. Marisa afirmou que, por tratar-se de uma experiência educacional, deveríamos respeitar a decisão do grupo e receber a convidada escolhida por eles. O grupo do Talk Show do Arqui fez o seu espetáculo com os seguintes entrevistados: a atriz e youtuber Bruna Louise, o professor de literatura da própria escola, Silvio Luis Scaldo Bedani e Maria Ivonete Gomes da Silveira, uma paciente com câncer conhecida por sua história de superação.

Pudemos perceber que os alunos da ETEC de Sapopemba têm muita autonomia. Um grupo de produtores do Talk Show Curto Prazo, formado por alunos da ETEC, me acompanhou numa visita à Fábrica de Cultura de Sapopemba a fim de conseguirmos a reserva do teatro para a nossa gravação final. Os próprios alunos designaram um representante de cada área para a visita à Fábrica de Cultura, o que enriqueceu a experiência com questionamentos, por parte dos alunos, aos responsáveis pelo áudio, luz, cenário e produção dos camarins da Fábrica de Cultura. Em Sapopemba, no dia da gravação do talk show, os alunos da produção começaram a montar o cenário assim que o prédio abriu, às 9h horas da manhã. A ideia era deixar tudo pronto para a gravação no final da tarde. Eles haviam feito uma “cortina” de jornal, com várias folhas de papel emendadas que serviriam de fundo para o cenário. Os técnicos da Fábrica não permitiram o uso da “cortina” uma vez que o jornal estaria demasiadamente próximo das luzes, representando risco de incêndio. Os alunos decidiram, então, transformar aquela “cortina” de jornais num tapete redondo que emoldurava o cenário no placo: sofá dos convidados e mesa dos entrevistadores. Os alunos da ETEC operaram a cabine de áudio e de luz da Fábrica de Cultura, tornando esta experiência ainda mais enriquecedora.

Ao final das atividades com o grupo da ETEC a organização do espaço por parte dos alunos chamou a nossa atenção. Sem que fosse preciso pedir, o grupo reorganizava a sala, recolhia papéis e verificava se alguém havia deixado algo para trás.

Uma das atividades do Talk Show demandava a realização de uma entrevista coletiva com algum profissional da escola. O intuito era levantar informações sobre a instituição – histórico e data de fundação da escola, perfil e quantidade de alunos, relevância no sistema educacional etc, - e assim embasar os convites a serem feitos aos entrevistados do nosso talk show final. No colégio Marista Arquidiocesano fizemos o pedido à diretora pedagógica: Marisa Ester Rosseto. Tínhamos agendado com um profissional do marketing do colégio, mas fomos surpreendidos pelo diretor-geral, Ascânio João Sedrez, que se disponibilizou a conversar com os alunos. Havíamos preparado previamente algumas das questões e discutido a respeito da importância de não embutir um juízo de valor ao questionar e não presumir resposta ou transformar a pergunta numa reclamação. Ainda que todos tivessem entendido o objetivo da entrevista, surgiram diversas perguntas completamente fora do nosso propósito naquele momento. Os alunos queriam questionar o diretor sobre o direito de namorar e beijar na escola, obter dele uma declaração sobre a posição da escola em relação aos alunos homossexuais, saber mais sobre a vida pessoal do diretor etc. Depois da entrevista coletiva com o diretor do Arqui pudemos observar que a atividade supriu uma carência comunicacional do espaço. Os alunos estavam surpresos com as respostas do diretor e felizes por terem tido seus questionamentos acolhidos.

Um aluno da ETEC que não pode ir na visita à TV Globo escreveu-me pedindo para assistir à gravação do programa do Bial em outra data. Conseguimos encaixá-lo na plateia do programa na semana seguinte à nossa visita e ele foi, com os próprios recursos, conhecer a empresa e acompanhar a gravação do programa. No projeto O Talk Show na Escola da ETEC nossa taxa de evasão foi zero. No colégio Marista Arquidiocesano dois alunos desistiram da oficina antes de terminá-la. Sendo que uma aluna desistiu no terceiro encontro, quando ela descobriu que não poderia estar presente na gravação do Talk Show final.

Os dois grupos, da ETEC e do Arquidiocesano demonstraram afeto e carinho pelos professores e com ambos desenvolvemos nós também uma relação de afeto. No Talk Show Curto Prazo, gravado na fábrica de Sapopemba, os alunos da ETEC compraram flores como forma de agradecimento à conclusão do processo e me deram como lembrança um porta retrato

com uma foto nossa. Pudemos constatar que a direção da escola também esteve envolvida nesse gesto de demonstração de afeto.

A rotina dos encontros do projeto O Talk Show na Escola é bastante clara e os encontros são estruturados com atividades minuciosamente planejadas e cronometradas. (Anexo 10. 11). Em ambas experiências, os alunos adaptaram-se tranquilamente ao papel desempenhado por um educador. Procuramos mediar os diálogos e intervir de maneira crítica nos diferentes discursos e produtos do universo audiovisual e das redes sociais. Incentivamos a autonomia e a tomada de decisões do grupo e também a produção de conteúdos.

Com o grupo da ETEC, fizemos uma reunião de avaliação das atividades, o que nos faltou na experiência do Marista Arquidiocesano. Perguntados o que poderia ser melhorado no projeto nenhum dos alunos criticou, apenas frisavam que muitos alunos de outras turmas gostariam de poder passar pela experiência. A reunião de avaliação foi muito mais uma reunião em que eles riram e lembraram dos melhores momentos da gravação do talk show e dos obstáculos vencidos no dia. A pilha de um dos microfones dos apresentadores acabou no meio do programa, mas a equipe mostrou-se ágil e contornou o problema, substituindo as pilhas sem que isso interferisse no andamento da gravação. Os alunos falaram muito da participação da Tabata Amaral, um exemplo para eles. “Ela saiu de um bairro pobre como o nosso e conseguiu muitas coisas. Fiquei até com vontade de estudar mais. Já tô até achando que posso fazer faculdade”, disse a aluna Bruna Leão Freitas. “A gente pode muita coisa, mas tem que lembrar o que a Tabata disse: a nossa luta vai ser dobrada. Por que só assim alguém que saiu de onde a gente está, consegue chegar em algum lugar”, completou a aluna Nicolle Cardozo

Pensando posteriormente sobre este último encontro, avaliamos, porém, que talvez não tenha ficado muito claro para todo o grupo que estávamos avaliando o processo e não a performance de cada um.

CAPÍTULO 8 - O Talk Show na Escola para além do Espetáculo

Entre as mudanças que as novas tecnologias trouxeram para a nossa sociedade está o questionamento da representatividade dos meios de comunicação tradicionais como intérpretes da opinião pública. Para Castels⁸³,

“a habilidade ou inabilidade de as sociedades dominarem a tecnologia e, em especial, aquelas tecnologias que estrategicamente decisivas em cada período histórico, traça seu destino a ponto de podermos dizer que, embora não determine a evolução histórica e a transformação social, a tecnologia (ou a sua falta) incorpora a capacidade de transformação das sociedades, bem como os usos que as sociedades, sempre em um processo conflituoso, decidem dar ao seu potencial tecnológico.”

O Talk Show na Escola traz os meios de comunicação – suas origens e sua programação - para a o ambiente escolar a fim de que os alunos os interpretem, atribuam-lhes novos significados e os usem a seu favor. Para uma das primeiras oficinas editamos trechos do “Programa do Jô” para que os alunos comentassem, criticassem e pensassem a respeito da produção e dos bastidores das cenas exibidas. Este é um dos primeiros passos de “desconstrução” do Programa do Jô, exibido na TV Globo, com os alunos. Em praticamente todos os momentos do projeto – da organização das pautas, à elaboração dos roteiros e passando até mesmo pela composição da plateia –, o programa foi discutido criticamente pelo grupo. O Talk Show na Escola permite o debate com o cotidiano dos alunos, com a vida e as informações que chegam a eles pelos meios de comunicação ou pelas redes sociais. Numa atividade como esta, é possível articular questões de poder, mídia, audiência, lógica de mercado e sociedade. O projeto evidencia o potencial transformador dos conteúdos recebidos pelos alunos e dá voz aos estudantes. Nas duas experiências do talk show, tanto no colégio Marista Arquidiocesano quanto na Escola Técnica de Sapopemba, ao realizarem seus próprios talk shows, os alunos valorizaram as referências culturais que lhes eram mais próximas, reforçando a ideia de que o uso dos meios de comunicação favorecem a cultura do aluno. Em ambas experiências, os estudantes escolheram entrevistar seus professores favoritos. Até mesmo os professores entrevistados foram colocados numa nova condição, afastados do protagonismo de quem detém o conhecimento e está à frente da sala. O Talk Show promove

⁸³ CASTELLS, Manuel, A Sociedade em rede, Vol 1 2ª edição – São Paulo, Paz e Terra, 1999, p.26

uma rigidez menor de hierarquias e abre espaço para uma visão de meritocracia em que outras competências, não necessariamente contempladas no currículo escolar, ganham relevância. O aluno pouco valorizado quando inserido em um ambiente que enfatiza notas em testes avaliativos pode se destacar por habilidades musicais, estéticas e comunicativas, e também pela capacidade de trabalhar em grupo, por exemplo. Na dinâmica de aprendizagem corriqueira da sala de aula tudo está codificado: o lugar do professor é aquele do suposto saber, de quem detém a palavra final do código de conduta. O Talk Show quebra esses códigos e propicia novos papéis aos participantes, que têm também a chance de levar ao grupo suas expectativas e angústias, incluindo as aflições de natureza profissional, comum à faixa etária.



Alunos do talk show Curto Prazo entrevistam a professora Rita Arantes, 2017
Foto: Denis Le Senechal Klimiuc

Os jovens envolvidos nas experiências executadas no Arquidiocesano e na ETEC optaram por dar voz a pessoas da comunidade próxima, cujo espaço seria negado em outros canais de comunicação. Os alunos queriam saber mais sobre a mulher que estava encarando de maneira positiva o câncer e praticava esportes, Maria Ivonete Gomes da Silveira – entrevistada no Talk Show do Arquidiocesano – ou ouvir a história de uma aluna de Harvard cuja família tem origem num bairro periférico de São Paulo – Tabata Amaral – entrevistada do Talk Show Curto Prazo, do grupo da ETEC de Sapopemba. Tais entrevistadas não teriam voz nos veículos de mídia tradicionais.

Figaro⁸⁴ nos fala sobre a comunicação no Brasil:

⁸⁴ FIGARO, Roseli. Atividade de comunicação e de trabalho. Trabalho, Educação e Saúde 6.1 (2008), p. 136.

“A comunicação mediática no Brasil tem especificidades, porque hegemonicamente é produzida por empresas que atuam no mercado e têm um produto à venda (informação) como outras empresas quaisquer, embora a Constituição Federal trate da informação, da arte e da cultura como um direito do cidadão. Por isso, elas ocupam um lugar determinado nesse esquema de polos. Localizam-se, como as demais empresas, no polo da confrontação o público/mercantil (embora todas elas tenham as três dimensões já citadas). É deste lugar que elas produzem suas falas, ou seja, os produtos mediáticos. No entanto, como produzem produtos muito especiais – a informação cultural – suas falas parecem originar-se de um outro lugar, como se se localizassem na dimensão do viver em comum, das leis e valores”.

Nos programas produzidos pelas grandes empresas de comunicação fala-se muito do sucesso e pouco do fracasso. Não há espaço para narrativas locais e autênticas. Até mesmo quando pessoas aparentemente desconhecidas são levadas aos programas, como no caso dos reality shows, trata-se de estereótipos. Elegem-se formas de expressão e visões de mundo como se estas fossem as únicas a serem consideradas. Os talk shows de Danilo Gentili, Tatá Werneck e Pedro Bial não têm espaço para a realidade dos adolescentes ou para a discussão de falhas. Apenas reforçam a lógica das desigualdades e acentuam sensação de impotência de quem os assiste. A escola é o local da exploração, do acolhimento e do erro, sem o qual não há aprendizado. No projeto “O Talk Show na Escola” o educador pode valer-se dos erros como uma oportunidade pedagógica, de respeito à diversidade de conhecimentos e como uma ferramenta de aproximação e diálogo do grupo.

Pierre Bourdieu, sociólogo francês celebrado por seus estudos sobre a sociologia da educação, renovou o pensamento na área no que diz respeito às funções e ao funcionamento dos sistemas de ensino nas sociedades contemporâneas. Os processos de dominação apontados por Bourdieu nasceram no pós-guerra. Na França, com a massificação da educação escolar, os diplomas não cumpriam a promessa de ascensão social, deixando para trás uma geração que almejava melhores condições sociais por meio do estudo. Em 1964 Bourdieu publicou, com Jean-Claude Passeron, o livro *Os herdeiros*, tratando destas questões.

Em sua bibliografia, o autor destacou as relações que diferentes grupos sociais mantêm com o saber e a escola e questionou, nas sociedades de classe, o porquê de pequenos grupos conseguirem se apoderar dos meios de dominação, construindo visões de mundo às

quais todos os outros são obrigados a se referir. O “capital cultural” adquirido na esfera doméstica, pelos filhos da burguesia, assegurava a estes um privilégio considerável no destino escolar e profissional. Para Bourdieu⁸⁵:

“o poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder: só pode passar para além da alternativa dos modelos energéticos que descrevem as relações sociais como relações de força e dos modelos cibernéticos que fazem delas relações de comunicação, na condição de se descreverem as leis de transformação que regem a transmutação das diferentes espécies de capital em capital simbólico e, em especial, o trabalho de dissimulação e de transfiguração (numa palavra, de eufemização) que garante uma verdadeira transubstanciação das relações de força fazendo ignorar-reconhecer a violência que elas encerram objetivamente e transformando-as assim em poder simbólico, capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia”.

No Brasil de hoje a escola representa uma possibilidade de se ter acesso ao capital simbólico sem ser pela herança. É papel da escola, e também dos educadores, tornar os conteúdos mais democráticos. No grupo de alunos do colégio Marista Arquidiocesano, estavam também quatro alunos oriundos da ONG Ismart (Instituto Social para Motivar, Apoiar e Reconhecer Talentos). Trata-se de uma entidade privada, sem fins lucrativos, que identifica jovens talentos de baixa renda, e lhes concede bolsas em escolas particulares de excelência. Os quatro alunos na ONG, por sua condição socioeconômica, trouxeram um olhar diferenciado a respeito das questões debatidas entre o grupo, o que enriqueceu significativamente as conversas estabelecidas entre os jovens. Os quatro alunos do projeto integraram-se e foram “descobertos” pelo grupo graças ao projeto do talk show, que garantiu um espaço privilegiado de interação e de diálogo destes alunos com o grupo.

⁸⁵ BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico, 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p.15

8.1 Leitura crítica e o debate suscitado pela visita dos alunos da Etec à TV Globo

Um dos encontros do workshop previa uma visita à TV Globo para acompanhar a gravação de um talk show. Quando da aplicação do projeto O Talk Show na Escola no colégio Marista Arquidiocesano, os alunos mostraram-se muito empolgados ao saber da visita à emissora. Na ETEC, a reação foi diferente. Num primeiro momento fizeram silêncio, sem maiores manifestações de entusiasmo. Instigados, relataram que a família, ao saber que a visita à empresa fazia parte do projeto, havia ficado muito empolgada. Mas o grupo não estava animado por considerar a empresa pouco isenta em relação às notícias que exhibe. Conteí a eles das minhas próprias reservas e críticas e concordei com eles em relação à falta de isenção da emissora em determinados momentos históricos. Aproveitei para pontuar que nenhuma empresa é isenta em relação às notícias que exhibe. Sempre haverá a decisão de escolher ou não uma pauta, o enfoque, a abordagem, a produção e a edição da informação. Até mesmo o dia e o horário de veiculação da notícia na grade horária da emissora é relevante. Falamos dos interesses ligados aos donos das emissoras e dos interesses dos patrocinadores. Aproveitei o momento para colocar a ideia de explorar e conhecer o que pode haver por trás da uma informação. Falamos a respeito da importância de fazer uma leitura crítica dos meios de comunicação. Conversamos sobre as concessões de TV, os interesses das grandes emissoras e também das iniciativas da mídia alternativa.



Alunos e professores da Etec de Sapopemba durante a visita à TV Globo, 2017
Foto: Globo Universidade

O Talk Show na escola se mostra também uma oportunidade de fazer com que os jovens observem o universo da televisão e dos meios de comunicação sob outra perspectiva. A comunicação acompanha o desenvolvimento social. Não importa qual seja o aparelho tecnológico por meio do qual as trocas comunicacionais sejam operadas. Se estamos tratando da mediação entre os homens, estamos também tratando da evolução da sociedade.

No centro das mudanças do capitalismo vivenciado hoje está a tecnologia da informação, alterando o trabalho, a noção de valor, as relações sociais e a economia. Qual o papel da escola frente às correntes de piadas preconceituosas, inverdades e notícias sensacionalistas que circulam nas redes sociais e aplicativos de celular? O ambiente escolar tem espaço suficiente para tratar da relativização da verdade típica da modernidade? Lippman⁸⁶ sepulta a ideia de que o jornalismo oferece a verdade a seus leitores:

“A hipótese, que me parece a mais fértil, é que notícia e verdade não apenas não são a mesma coisa como precisam estar claramente separadas. A função da notícia é sinalizar um evento. A função da verdade é trazer luz para fatos ocultos, relacioná-los a outros, e traçar um retrato da realidade a partir do qual os homens possam atuar”.

Mas em qual momento, dentro da grade de disciplinas do Ensino Médio, os alunos poderão discutir jornalismo, relativização da verdade e *fake news*? Mesmo com o bombardeio diário de um volume enorme de notícias, a escola tem dado pouco espaço para a reflexão destas questões. No prefácio do livro *Dialética do Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer⁸⁷ falam da inquietação de entender

“por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano está se afundando em uma nova espécie de barbárie”.

O livro é uma análise feita depois da segunda Guerra Mundial, em condições históricas específicas. Apesar de não ser um teórico da comunicação, Adorno refletiu sobre os fundamentos da mídia. Os questionamentos dos autores da escola de Frankfurt são presença significativa para pensarmos hoje a comunicação e a cultura. Vivemos num tempo de avanços

⁸⁶ LIPPMANN, Walter. *Public Opinion*. New York: Free Press Paperbacks (Simon and Schuster), 1997, p.204.

⁸⁷ ADORNO, T. HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 1985, p.11.

tecnológicos inimagináveis, mas não conseguimos resoluções para problemas essenciais da humanidade como a fome e as guerras. Como chegamos nisso? Para Adorno⁸⁸,

“O aumento da produtividade econômica, que por um lado produz as condições para um mundo mais justo, confere por outro lado ao aparelho técnico e aos grupos sociais que o controlam uma superioridade imensa sobre o resto da população. O indivíduo se vê completamente anulado em face dos poderes econômicos. Ao mesmo tempo, estes elevam o poder da sociedade sobre a natureza num nível jamais imaginado”.

Habermas, herdeiro de Walter Benjamin, investigou a possibilidade da emancipação humana representada pela realização de interesses públicos. Com a política como norte, abordou os problemas que os meios de comunicação trazem quando perdem a noção de seu papel social e privilegiam seus interesses econômicos. As novas mídias modificaram as formas de comunicação na sociedade. A Escola, enquanto espaço privilegiado para o debate e a construção de sentidos, precisa buscar oportunidades para que os jovens possam refletir a respeito das inúmeras informações distribuídas. Em seu livro *Mudança Estrutural da Esfera Pública*, Habermas⁸⁹ cita C. W. Mills para apontar critérios úteis para definir opinião pública e mostrar como as opiniões perdem em termos de caráter público à medida em que estão presas ao contexto de comunicação de massa.

“Numa massa, (1) muito menos gente expressa opiniões do que as recebe, pois a comunidade do público torna-se uma coleção abstrata de indivíduos que recebem impressões dos meios de comunicação de massa. (2) As comunicações que prevalecem são organizadas de tal modo que é difícil ou impossível para o indivíduo responder de modo imediato ou com qualquer eficácia. (3) A efetivação da opinião em ação é controlada por autoridades que organizam e controlam os canais de tal ação. (4) A massa não tem autonomia frente às instituições; pelo contrário, agentes de instituições autorizadas penetram essa massa, reduzindo qualquer autonomia que ela possa ter na formação de opinião através de discussão”.

Para Habermas, a solução encontra-se na restauração das formas de comunicação num espaço público estendido ao conjunto da sociedade. A democracia é um valor supremo da modernidade e a esfera pública precisa de consenso entre a pluralidade de vozes. A

⁸⁸ ADORNO, T. HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 1985, p.14

⁸⁹ HABERMAS, Jürgen. *Mudança Estrutural da Esfera Pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984, p. 289.

construção desse consenso se dá em lugares ideais de fala, lugares onde se possa negociar esses consensos. A Escola se mostra uma arena especial de debates para os jovens, propícia para as discussões coletivas e para a formação de cidadãos demandantes de seus direitos. De acordo com Habermas, há um processo circular entre a esfera da comunicação e o mundo da vida. As pessoas se comunicam tendo como pano de fundo um conjunto de significados, conhecimentos e convicções, uma espécie de acervo cultural. Mas elas também se servem desse acervo toda vez que se põem em comunicação. Portanto, o mundo da vida possibilita a comunicação, mas ao mesmo tempo a comunicação interpreta e enriquece o mundo da vida. No projeto Talk Show na Escola, a partir de um engajamento conversacional, buscou-se favorecer a expressão dos alunos e seu papel enquanto cidadãos. Para Bakhtin⁹⁰,

“quanto mais forte, mais bem organizada e diferenciada for a coletividade no interior da qual o indivíduo se orienta, mais distinto e complexo será o seu mundo interior”.

Projetos educacionais privilegiam o diálogo e a convivência, fortalecendo seus participantes individualmente e também enquanto grupo. Nas redes interconectadas vemos muitos jovens socializando e “aprendendo” sozinhos. Hoje convivemos com uma apologia das possibilidades das novas tecnologias de comunicação desacompanhada de uma crítica à altura. Acreditamos que o melhor caminho para trazer o debate à escola seja por meio da educação. Por meio do formato do Talk Show buscamos engajar os estudantes numa iniciativa que visa a leitura crítica da mídia e a apropriação dos meios de comunicação por parte dos alunos. O panorama histórico e a investigação a respeito do surgimento da imprensa, da formação da opinião pública, da propaganda, da noção de público e privado e de esfera pública apontados por Habermas em sua tese de livre docência em 1961, foram de extrema valia para refletir essas questões na atualidade e também no diálogo com os alunos.

Guy Debord cunhou o conceito de *Espectáculo* para criticar um mundo em que o poder econômico subjugava a política, e em que a sociedade estava alienada e vulnerável à sedução dos produtos e à vertigem das imagens. Do seu livro *A sociedade do espetáculo* (1967) ainda é possível retirar argumentos que permitem explicar o avanço do capitalismo sobre as relações sociais e a cultura, e a transformação dos meios de comunicação em produtos de consumo. Para Debord⁹¹, alienação e reificação são as características da

⁹⁰ BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2002, p. 115.

⁹¹ DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p.24

sociedade moderna, submetida às imagens e ao jogo de aparências que substitui a realidade e a vida.

“A alienação do espectador em favor do objeto contemplado (o que resulta de sua própria atividade inconsciente) se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo. Em relação ao homem que age, a exterioridade do espetáculo aparece no fato de seus próprios gestos já não serem seus, mas de um outro que os representa por ele. É por isso que o espectador não se sente em casa em lugar algum, pois o espetáculo está em toda parte”.

Para Debord, a sociedade permeada pela comunicação de massa impede os indivíduos de se fazerem ouvir e construir sua história. Um projeto educacional como o Talk Show na Escola permite uma visão crítica do espetáculo televisivo destituído de espetacularização.

Ainda que a sociedade e as tecnologias de informação e comunicação tenham mudado muito, a obra de Debord segue instigante e necessária para debater sobre o poder dos meios de comunicação e o culto à aparência e ao hedonismo que marcam hoje as nossas vidas. As transformações das comunicações e nosso atual estágio do capitalismo demandam também novos conceitos para uma análise.

O professor da Escola de Comunicações e Artes da USP, Eugenio Bucci, nos traz o conceito da Instância da Imagem ao vivo. De acordo com esse raciocínio, nós, sujeitos da sociedade midiática, agimos movidos pelo desejo inconsciente. Bucci afirma que estamos todos vivendo ao sabor desse processo e que ninguém tem de fato controle da comunicação. Bucci chama a nossa atenção para o fato do sujeito do teleespaço público agir segundo a “ordem do desejo inconsciente” a que se refere Debray⁹².

“Não há consumidor capaz de ditar, com decisões racionais, os destinos da produção e da circulação de bens – e não há independência do consumidor pelos mesmos motivos que não há a alegada racionalidade presidindo a comunicação no teleespaço público”.

⁹² DEBRAY, Régis, Vida e morte da imagem. Petrópolis: Vozes, 1993, p.358.

Se não há racionalidade específica da comunicação pode-se dizer que há uma racionalidade do capital e do poder. Uma racionalidade da indústria do entretenimento contemporâneo, que é própria do modo de produção capitalista, do espetáculo. Marilena Chaui, no prefácio do livro *Videologias*, explica o ensaio de Maria Rita Kehl⁹³ sobre a TV, onde ela nos mostra a relação necessária entre imagem, imaginário e violência. Para Kehl, as imagens são elaboradas e transmitidas a fim de:

“não só substituir o real, mas sobretudo para oferecer um suposto gozo imediato do telespectador e, com isso, impedir os processos psíquicos e sociais de simbolização, sem os quais o desejo não pode ser transfigurado e realizado e o pensamento não pode efetuar-se, isto é, a dúvida, a reflexão e a crítica, o diálogo encontram-se totalmente bloqueados. Paralisia do desejo no narcisismo, impossibilidade de simbolização e ausência de pensamento, a imagem televisiva, em sua imediatez persuasiva e exclusiva, só é capaz de propor e provocar atos sem mediação e é exatamente nisso que ela é violenta e sua violência transita livremente no interior dos indivíduos da sociedade”.

Na mesma obra, Bucci⁹⁴ trata do efeito do imaginário midiático sobre o espaço público. Ele recusa a compreensão do fenômeno pela oposição entre verdade e mentira e também pela ação deliberada das empresas de comunicação; mas enfatiza o vínculo entre fetiche (sedução, gozo, narcisista), mercado (publicidade e consumo) e privatização como expressão do desaparecimento do espaço público republicano e democrático.

“Vivemos uma era em que tudo concorre para a imagem, para a visibilidade e para a composição de sentidos no plano do olhar. É nessa perspectiva que falamos em videologia, ou seja, na perspectiva de que a comunicação e mesmo a linguagem passam a necessitar do suporte das imagens num grau que não se registrou em outro período histórico. Os mitos, hoje, são mitos olhados, são pura videologia”.

Marc Augé cunhou o conceito de supermodernidade, cuja principal característica – dada a partir das relações de produção e consumo – seriam os excessos. Na supermodernidade há uma superabundância de acontecimentos, imagens e referências individuais e espaciais. Os “não lugares” de Augé permitem uma grande circulação de pessoas, coisas e imagens num único espaço e transformam o mundo em um espetáculo com o qual mantemos relações a partir de imagens. Somos espectadores de um lugar codificado do qual ninguém faz

⁹³ BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. *Videologias*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004, p.11.

⁹⁴ *Ibidem*, p.12

verdadeiramente parte. O espetáculo chama para si os sujeitos. Não mais pela razão (emancipadora), mas pelo desejo (inconsciente). As relações dessa sociedade são as relações do mercado, da indústria da comunicação e do modo de exploração capitalista. São relações regidas por mecanismos que passam pelo inconsciente e pela linguagem.

Nesse ambiente guiado pelo irracional e cheio de excessos do teleespaço público tentamos nos formar e conformar. Ao mesmo tempo em que a supermodernidade valoriza a produtividade de sujeitos multitarefas, ela também preconiza seres capazes de distinguir prioridades, manter o foco e a concentração. Mas como alcançar tudo isso? A escola tem um papel a cumprir nesse cenário e os projetos educacionais podem contribuir sobremaneira para a construção de sentidos nesse universo de irracionalidade, excesso de informações e de demandas.

No dia 4 de setembro de 2017 os alunos da ETEC de Sapopemba foram acompanhar uma gravação de talk show na TV Globo. Assistiram ao programa conduzido por Pedro Bial, o “Conversa com Bial”, que havia substituído o Programa do Jô. A visita propiciou a eles a oportunidade de conhecer outros programas e conversar com diretores e técnicos da emissora. Em parceria com o Globo Universidade, área da empresa que recebe e dá apoio a visitas de projetos acadêmicos, organizamos um amplo tour pelos bastidores da empresa. No ônibus enviado pela emissora para transportar o grupo estavam 19 alunos o vice-diretor Denis Le Senechal Klimiuc e as coordenadoras Roseli Lovato Terrani e Rita Arantes. Os alunos apreciaram muito a visita, especialmente quando viram os profissionais desempenhando as funções que eles mesmo haviam escolhido dentro do projeto. Depois da visita à TV Globo os alunos disseram sentir-se mais seguros e vislumbrar com mais facilidade a possibilidade de ingressar num curso superior.

Muitas das tarefas dos bastidores do talk show da TV têm afinidades com competências do mundo acadêmico: *conceder ou fazer* uma entrevista; *redigir* um monólogo de abertura, *pesquisar as possibilidades* de pautas, *selecionar* assuntos, *descobrir* maneiras de abordar potenciais entrevistados, *escrever* o roteiro, *escutar* as músicas, *relacioná-las* com o tema abordado, *coordenar* tarefas, *trabalhar em equipe*, *interagir* com os colegas em seus respectivos processos, *contornar* adversidades. Outro diferencial do projeto “O Talk Show na Escola” refere-se à exibição do trabalho feito pelos alunos. Diante da perspectiva de “falar” para os colegas ou para a comunidade, o compromisso e engajamento dos alunos tornou-se

maior. A produção estará também impactando a identidade daqueles alunos frente à comunidade escolar e não servindo apenas como parâmetro para a nota dada por um professor.

Começamos este trabalho falando da importância das iniciativas da Educomunicação para a educação escolar e formal. Depois de desenvolver a pesquisa e analisar seus resultados concluímos que, além de trazer novas oportunidades de relação entre os participantes das instituições escolares – professores e alunos, essas iniciativas favorecem a educação para os meios, vista a partir da Educomunicação, ou seja, de desespetacularizar a relação com os meios de comunicação e seus produtos. O Talk Show na Escola mostrou o potencial de utilizar a cultura midiática em processos educativos permitindo ao educando a apropriação de suas fórmulas e sintaxes e a sua utilização em propostas em que se evidenciam propósitos pedagógicos, de identidade e auto-conhecimento.

Esperamos com isso estar abrindo espaço para que outras iniciativas sejam levadas a cabo, aproximando o universo escolar do entretenimento, das linguagens audiovisuais e da cultura midiática na qual os educandos estão imersos.

CAPÍTULO 9 - CONCLUSÃO

A experiência educomunicativa do talk show Curto Prazo, realizado na ETEC de Sapopemba, aplicou em uma escola pública uma iniciativa ligada ao entretenimento televisivo, permitindo que os alunos se apropriassem de um gênero típico desse meio de comunicação e ampliassem a visão da realidade e de si mesmos. A cultura comunicacional, quando mediada por um educador e abordada a partir de um projeto planejado - e não improvisado -, é extremamente enriquecedora.

Para Morin⁹⁵:

“a educação deve contribuir para a auto formação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver) e ensinar como se tornar um cidadão. Um cidadão é definido, em uma democracia, por sua solidariedade e responsabilidade em relação a sua pátria. O que se supõe nele o enraizamento de sua identidade nacional” (...) “Somos verdadeiramente cidadãos quando nos sentimos solidários e responsáveis. Solidariedade e responsabilidade não podem advir de exortações piegas nem de discursos cívicos, mas de um profundo sentimento de filiação (affiliare, de filius, filho), sentimento matripatriótico que deveria ser cultivado de modo concêntrico sobre o país, o continente, o planeta”.

Para além das propostas e discussões particulares que arejam o pensamento sobre a comunicação, esta dissertação traz um conjunto de etapas de uma metodologia que estimula mudanças e insinua rotas críticas em relação à nossa atual realidade educacional. Por meio da interação e do diálogo, o Talk Show na Escola deu voz e oportunidade de expressão aos alunos. Durante a pesquisa pudemos observar o quanto as práticas educomunicativas desenvolvem e disseminam o olhar crítico e a capacidade de questionamento do estudante a respeito do mundo que o cerca.

Vivemos numa sociedade em plena transformação cultural. Mas, por tudo que aqui desenvolvemos e, ainda que o projeto O Talk Show na Escola tenha sido aplicado a universos bastante restritos - uma escola particular religiosa de São Paulo, o Colégio Marista Arquidiocesano e uma escola pública de São Paulo localizada num bairro distante do centro, a

⁹⁵ MORIN, Edgar, A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento, 8ª edição, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003, p.64 e 74

ETEC de Sapopemba,- parece razoável afirmar que a localização, a estrutura física da escola ou o nível sócio econômico do público das oficinas em nada alterou a execução do projeto. Vale destacar aqui que as Escolas Técnicas Estaduais (ETECs) constituem uma ilha de excelência dentro do universo mais amplo do ensino público brasileiro. A via de entrada para novos alunos se dá por meio de um exame seletivo, o que resulta em um alunado, na média, mais bem preparado para os desafios do ensino médio. Os resultados das oficinas nas duas escolas foram alcançados. Os alunos puderam trabalhar com a cultura em que estão inseridos, fazendo uso de um modelo de produção característico da TV aberta. Para Costa⁹⁶,

“alcançar o outro no universo da cultura é expandir a nossa vivência para além dos limites estabelecidos por nossa individualidade, acrescentando a ela a visão e a experiência alheias, de um ponto de vista novo, de outro modo inatingível”.

Os meios de comunicação têm se tornado cada vez mais abrangentes; no Brasil, porém, a televisão ainda é o principal veículo de informação. A Pesquisa Brasileira de Mídia 2016 – Hábitos de Consumo de Mídia pela População Brasileira⁹⁷, divulgada pela Secretaria de Comunicação Social do governo mostra a preponderância da televisão nos lares brasileiros. Os dados da pesquisa apontam que quase 90% da população se informa pela TV, sendo que 63% têm nesse veículo seu principal meio de informação. A internet surge em segundo lugar, como meio preferido de 26% dos entrevistados, e é citada como uma das duas principais fontes de informação por 49% dos entrevistados. Nesse sentido, é importante fomentarmos iniciativas que desespetacularizem a TV.

⁹⁶ COSTA, Cristina. Ficção, comunicação e mídias. São Paulo: Senac, 2002, p.11.

⁹⁷ <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016.pdf/view>

P01) Em que meio de comunicação o(a) sr(a) se informa mais sobre o que acontece no Brasil? E em segundo lugar? (ESTIMULADA - ATÉ DUAS MENÇÕES)

Base: Amostra (15050)	1ª MENÇÃO	1ª+2ª MENÇÕES
TV	63%	89%
Internet	26%	49%
Rádio	7%	30%
Jornal	3%	12%
Revista	0%	1%
Meio externo (placas publicitárias, outdoor, ônibus, elevador, metrô, aeroporto)	0%	0%
Outro (Esp.)	0%	2%
NS/ NR	0%	0%

Tabela de pesquisa sobre mídia mostra TV como meio preferido do brasileiro para se informar, 2016.

Foto: reprodução

O Talk Show na Escola mostra que a escola pode ser um espaço transdisciplinar de cidadania, criatividade e expressão. Ao desenvolver o talk show, os alunos também organizaram informações, resignificando-as e sistematizando-as. O grupo exercitou a responsabilidade, o senso crítico e o diálogo. Apoiados em Freinet⁹⁸, podemos dizer que o aprender deve passar pela experiência de vida e isso só é possível pela ação, através do trabalho.

A vivência do trabalho em grupo e das discussões para a tomada de decisões em conjunto contribuiu para preparar os jovens para debates futuros, quando se confrontarão com propostas políticas, sociais e artísticas mais amplas. O ambiente escolar é um espaço privilegiado para que os jovens treinem e aprendam a debater ideias na busca de consensos entre a pluralidade de falas. Com atividades educacionais que englobem debates emancipatórios, a tradição educacional de boa parte de nossas escolas – que busca disciplinar e transferir conteúdos – pode ser transformada. Durante a experiência do Talk Show Curto Prazo, muitos jovens mudaram de opinião, alteraram as relações pessoais com os demais membros do grupo e saíram transformados dos encontros.

Ao revelar outras habilidades, a intervenção educacional modificou o consagrado, alterou expectativas, criou o inusitado e abriu a possibilidade de ser diferente,

⁹⁸SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker. *Freinet, Evolução histórica e atualidades*. São Paulo: Scipione, 2007, p.10

fazer algo distinto do senso comum. Jenkins⁹⁹ nos fala que um projeto educacional pode fazer com que “os jovens tenham uma atuação crítica e transformadora de sua própria realidade e a de seus pares, o que envolve muitas outras competências que não são as restritas à habilidade no manejo técnico”. Diante da perspectiva de “falar” para os colegas ou para a comunidade, o compromisso em relação à produção de texto ou imagem se tornou maior uma vez que a produção também terá impacto sobre a identidade daqueles alunos frente à comunidade escolar, e não apenas sobre parâmetros que definirão a nota final recebida do professor.

Em nossas experiências, pudemos constatar que a utilização da cultura comunicacional em sala de aula, quando mediada por um educador, é extremamente enriquecedora para a aprendizagem, para a construção da cidadania e para o fortalecimento da liberdade de expressão. A tecnologia pode se transformar, mas não substitui o homem. Ela será sempre um instrumento do qual ele se utiliza para relacionar-se com o mundo. Daí a necessidade de a Educomunicação estar sempre presente, renovando suas ações de acordo com as interfaces que se apresentem. Também podemos concluir que as práticas educacionais demandam tempo: tempo para preparar as aulas, tempo para estar com os alunos, tempo para escutá-los, tempo para sistematizar e refletir sobre os encontros. Tal reflexão, muitas vezes relegada ou desprezada em nossa vida cotidiana, embaça a nossa visão de mundo. O moto-contínuo de nossa vivência, especialmente nas grandes cidades, é o mesmo vivido pelos adolescentes. Esse viver sem tempo para a reflexão acaba por dificultar a nossa tomada de decisões e a construção de sentidos. A Educomunicação pode ser um espaço para ajudar nessa transformação. Talvez o maior desafio das escolas hoje seja acolher as experiências dos alunos, problematizá-las e “lutar” contra a velocidade da vida, no gerúndio das coisas que ficam “acontecendo”. Acreditamos que o projeto O Talk Show na Escola possa ser desenvolvido por outros profissionais. Para tanto, não almejamos um professor com formação tecnológica, mas sim alguém capaz de construir um compromisso político-cultural e educativo com a comunicação e a cultura do seu tempo.

Com os dados obtidos na pesquisa, podemos chegar às seguintes conclusões: abertura, acolhimento, diálogo e tolerância serão sempre os motores de uma atividade Educomunicativa que busque formar cidadãos cientes de seus direitos, resistindo assim a toda

⁹⁹ JENKINS, H. Confronting the challenges of participatory culture – Media Education for the 21st Century disponível em: <https://mitpress.mit.edu/sites/default/files/titles/free_download/9780262513623_Confronting_the_Challenges.pdf> Último acesso: 9 maio, 2016 [atualmente fora do ar]

forma de censura. A Educomunicação é uma prática para os professores renovarem o espaço de ensino tenham uma visão abrangente da sociedade, enxergando a Escola e seus alunos como partes integrantes e constitutivas de um contexto social mais amplo. Na democracia, todos temos liberdade de expressão. Mas não podemos esquecer que vivemos numa sociedade economicamente desigual, seja na distribuição da renda, seja na oportunidade de ter “voz” e participação. Insere-se aí uma das chaves para a relevância de projetos que busquem a apropriação da mídia por parte dos jovens: alcançar melhores níveis de equidade social.

Com o Talk Show na Escola percebemos a viabilidade de que a cultura midiática, na qual estão inseridos os alunos da escola pública e privada, possa ser utilizada para a renovação das práticas pedagógicas trazendo para a educação formas de relação mais interativas, informais e participativas que, entre outros fatores, garantem o acesso dos meios de comunicação. Os bons resultados na participação dos alunos, interesse, comprometimento, desenvolvimento da criatividade e da imaginação, na relação da escola com a sociedade civil que a envolve nos possibilita antever iniciativas mais abrangentes, em nível de políticas públicas.

Nossa familiaridade com o modelo de Talk Shows, foco de nossa pesquisa, nos levou a escolhê-lo neste projeto que visa primordialmente analisar os benefícios das relações comunicativas dos meios de comunicação quando colocados a serviço das práticas pedagógicas. Entretanto, o repertório dos meios de comunicação é vasto e diverso e a experiência aqui relatada aponta para os imensos benefícios para o aprendizado escolar e para o desenvolvimento de uma leitura crítica da produção midiática. Esperamos ter apresentado as possibilidades do talk show, assim como de outros programas radiofônicos e televisivos, estabelecem uma ponte entre educação e sociedade midiática com ganhos quer para uma, quer para a outra.

É em torno de experiências como essas que podemos vislumbrar as possibilidades de políticas públicas que alimentam essa relação entre educação e comunicação, como dissemos, com benefícios múltiplos para a produção midiática e para as práticas pedagógicas. Embora tenhamos nos atido a uma amostra reduzida do universo que aqui abordamos – a educação brasileira – procuramos fazê-lo pensando constantemente nas suas possibilidades multiplicadoras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T. HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 1985.
- BACCEGA, Maria Aparecida. Meios de comunicação: dos homens para os homens, **Revista Comunicação e Educação**, Ano II, no 6, maio/agosto, 1996.
- _____. Maria Aparecida. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica in CITELLI, A.O. e COSTA, M.C.C. (org). **Educomunicação – construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem** 7 ed. São Paulo, SP, Hucitec, 1981.
- BARBERO, Jesús Martin. Desafios culturais da comunicação à educomunicação in CITELLI, A.O. E COSTA, MC.C. (org). **Educomunicação – construindo uma nova area de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001
- BETING, Graziella. Professor, **Caderno Globo**, 14, nov. 2018.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**, 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BRITO, Gláucia da Silva; PURIFICAÇÃO, Ivonélia da. **Educação e novas tecnologias: um (re)pensar**. Curitiba: IBPEX, 2011.
- BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.
- BUCKINGHAM, David. **Watching Media Learning: making sense of media education**. Londres: The Falmer Press, 1990.
- CASTELLS, Manuel, **A Sociedade em rede**, Vol 1 2ª edição – São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CITELLI, Adilson (org). **Educomunicação. Imagens do professor na mídia**. São Paulo: Paulinas, 2012.
- _____. Adilson Odair (org). **Educomunicação - Comunicação e Educação – Os desafios da aceleração social do tempo**. São Paulo: Paulinas, 2017.
- _____. Adilson Odair. **Educomunicação – construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- _____. Adilson. **Educação e Mudanças: novos modos de conhecer** In. CITELLI, Adilson, (org.) Outras linguagens na escolar. São Paulo: Cortez, 2000.
- COELHO, Rui. **Dias em Trujillo – um antropólogo brasileiro em Honduras**. São Paulo: Perspectiva, 2000
- COLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**, 2ª edição, Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

- COSTA, Maria Cristina Castilho. Educação e comunicação: textos, imagens e redes. **Comunicação & Educação**, São Paulo, ano 17, n.2 (jul/dez.2012),1994.
- _____. Cristina. *Educação, imagem e mídias*. São Paulo: Cortez, 2013.
- _____. Cristina. *Ficção, comunicação e mídias*. São Paulo: Senac, 2002.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DEBRAY, Régis, *Vida e morte da imagem*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- FIGARO, Roseli. Atividade de comunicação e de trabalho. Trabalho, Educação e Saúde 6.1 (2008).
- FREDERICO, Celso. *Ensaio sobre Marxismo e Cultura*. Rio de Janeiro, Morula: 2016.
- FREIRE, Paulo, in Moacir Gadotti, *Paulo Freire: Uma Bibliografia*, 1996.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança Estrutural da Esfera Pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2008.
- LECLERC, Gérard. *A Sociedade de Comunicação*, Lisboa, Instituto Piaget, 1999.
- LIBÂNEO, José Carlos. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 38, n.1, 2012.
- LIPPMANN, Walter. *Public Opinion*. New York: Free Press Paperbacks (Simon and Schuster), 1997.
- LOPES, A. *Mal-estar na docência? Visões, razões e soluções*. Porto: ASA, 2001.
- LOPES, Maria I. V. Pesquisa de Comunicação: questões epistemológicas, teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v. XXVII, n. 1, p.18, jan./junho de 2004
- MACHADO, Arlindo, “Televisão: a questão do repertório”. **Imagens**, Campinas, n.8, p.0-19, maio/agost. 1998.
- MARCÍLIO, M.L. *História da Escola em São Paulo e no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2014.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *A comunicação na educação*, São Paulo, Contexto, 2014.
- MELO, S.A. A Escola de Vigotski. In: CARRARA, K. (org) *Introdução à Psicologia da Educação: epistemologia seis abordagens*. São Paulo: Avercap Editora, 2007.

MOGADOURO, C.A. Educomunicação e escola: o cinema como mediação possível (desafios, práticas e proposta), 2011, 428f. Tese de Doutorado, ECA, USP, maio 2011.

MORIN, Edgar, *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*, 8ª edição, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003

PALMA FILHO, João Cardoso. Pedagogia Cidadã - **Cadernos de Formação - História da Educação** – 3.ed. São Paulo: Prograd/Unesp/Santa Clara Editora, 2005 p. 49-60.

PARO, Vitor Henrique. Parem de preparar para o trabalho, Reflexões acerca dos efeitos do neoliberalismo sobre a gestão e o papel da escola básica, publicado em FERRETTI, Celso João et alii; orgs. *Trabalho, formação e currículo: para onde vai a escola*. São Paulo, Xamã, 1999.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. Cinema e propaganda política no fascismo, nazismo, salazarismo e franquismo. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n.38, Editora UFPR, 2003.

ROCHA, Maria Aparecida dos Santos. *A educação pública antes da independência*, disponível em <<http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/104>> ultimo acesso em julho2019.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da educação no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1987.

SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker. *Freinet, Evolução histórica e atualidades*. São Paulo: Scipione, 2007.

SAYAD, Alexandre Le Voci. *Idade Mídia: a comunicação reinventada na escolar*. São Paulo: Aleph, 2011.

SERVA, Leão. *A mídia antes do dilúvio e nos últimos tempos*. São Paulo: Mandarim, 1997.

SIILVA, Geraldo Bastos. *A Educação secundária: perspectiva histórica e teoria*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1969.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação*. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira “Metodologias da Educação para Comunicação e Gestão Comunicativa no Brasil e na América Latina”, in BACCEGA, Maria Aparecida (org) *Gestão de Processos Comunicacionais*. São Paulo: Atlas, 2002

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez2011, p.20.

VILALOBOS, João Eduardo. *O problema dos valores na formação e no funcionamento do sistema educacional brasileiro*. Revista Brasileira de estudos Pedagógicos, Rio de Janeiro, v. 33, n76, p. 34-49, out-dez.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS:

ASSUNÇÃO, Ada Ávila et All, Educatel Brasil, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <https://site.medicina.ufmg.br/nest/wp-content/uploads/sites/79/2018/07/A-pesquisa-Educatel.pdf> . Acesso em fev. 2019.

CARVALHO, José Sergio. O discurso pedagógico das diretrizes curriculares nacionais: competência crítica e interdisciplinaridade. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742001000100008>. Acesso em fev 2019

JENKINS, H. Confronting the challenges of participatory culture – Media Education for the 21st Century disponível em https://mitpress.mit.edu/sites/default/files/titles/free_download/9780262513623_Confronting_the_Challenges.pdf. Acesso: 9 maio, 2016.

MUSEU DAS COMUNICAÇÕES, A brief history of the tv talk show. In: Museum of broadcast communications. Disponível em : <http://www.museum.tv/eotv/talkshows.htm>>. Acesso em 1º de maio de 2018.

ROTHER, Larry. Brazilian talk show host is a renaissance man. The New York Times. Disponível em http://articles.chicagotribune.com/2002-12-05/features/0212050084_1_humor-brazilian-tonight-show-band >. Acesso em: 15 maio 2015.

Anexos

10.1 Anexo: Trechos do Programa do (pen drive)

10.2 Anexo: Modelos de monólogos de abertura do Programa do Jô.

Os monólogos de abertura e roteiros do Programa do Jô eram escritos em letras maiúsculas para facilitar a leitura no teleprompter¹⁰⁰. Abaixo, dois exemplos de monólogos de abertura usados no Programa do Jô com as especificações de pausas (T) para aplausos e risos da plateia. A partir destes exemplos os alunos escrevem seus próprios monólogos

PROGRAMA DO JÔ NO. 05 – (5216) – PROGRAMA DAS MENINAS

(25/11/14)

ROTEIRO GERAL

BOA NOITE! NO AR, MAIS UMA APRESENTAÇÃO DAS “MENINAS DO JÔ”. (T) COM AS JORNALISTAS: CRISTINA SERRA. LILIAN WITTE FIBE. ANA MARIA TAHAN. LÚCIA HIPÓLITO. E, HOJE, DIRETAMENTE DE BRASÍLIA, VIA TELÃO, CRISTIANA LÔBO. (T) COMO SE SABE, O BRASIL NÃO TEM UMA BOA POSIÇÃO EM ALGUNS ITENS DO DESENVOLVIMENTO. ESCOLARIDADE, SAÚDE, SEGURANÇA, TRANSPORTES, REDE DE ESGOTO... NISSO, A GENTE OCUPA UM LUGAR BEM MODESTO. EM COMPENSAÇÃO, EM OUTROS ASSUNTOS A GENTE CHEGA NA POLE POSITION. EM CORRUPÇÃO, POR EXEMPLO. SAIU NO GLOBO DE HOJE QUE UMA EMPREITEIRA APRESENTOU AS NOTAS FISCAIS DAS PROPINAS PAGAS À DIRETORIA DE SERVIÇOS DA PETROBRÁS NO VALOR DE OITO MILHÕES E OITOCENTOS MIL REAIS. QUE DIZER, NÓS ACABAMOS DE INVENTAR A CORRUPÇÃO COM RECIBO. E COM IMPOSTO DECLARADO E PAGO. MAIS DESENVOLVIDO DO QUE ISSO, NEM NA SUÉCIA... (T) PRA COMENTAR ESSE E OUTROS ASSUNTOS BEM “CABELUDOS”, EU E AS MINHAS “MENINAS” VOLTAMOS JÁ. (T) BEIJO DO GORDO.

VINHETA DE ABERTURA (COM LETREIROS)

PRIMEIRO BLOCO – AS MENINAS DO JÔ

¹⁰⁰ Teleprompter é um equipamento acoplado às câmeras de vídeo do estúdio que exhibe o texto a ser lido pelo apresentador. A imagem do monitor é refletida num espelho montado num ângulo de 45° com relação à lente da câmera .

PROGRAMA DO JÔ NO. 05 – (5206) – PROGRAMA DAS MENINAS
(11/11/14)
ROTEIRO GERAL

BOA NOITE! HOJE, DIRETAMENTE DOS NOSSOS ESTÚDIOS EM SÃO PAULO, ESTAMOS APRESENTANDO, PELA GLOBO E PELA CBN, MAIS UMA APRESENTAÇÃO DAS “MENINAS DO JÔ”. (T) COM AS JORNALISTAS: CRISTINA SERRA. LILIAN WITTE FIBE. ANA MARIA TAHAN. LÚCIA HIPÓLITO. E CRISTIANA LÔBO. (T) PESQUISA QUENTINHA DA FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, QUE SAIU ONTEM NA MÍDIA, REVELA QUE 81% DOS BRASILEIROS ACHAM QUE É FÁCIL BURLAR AS LEIS DO PAÍS, OU SEJA, ELES PREFEREM ACREDITAR NO “JEITINHO”. E O ÍNDICE MAIS ALTO DESSES BRASILEIROS DESCRENTES, CERCA DE 84%, FOI EM BRASÍLIA. SERÁ QUE A PROXIMIDADE DO PODER PROVOCA ESSE SENTIMENTO DE DESCONFIANÇA? EU ATÉ VOU FAZER UMA PESQUISA AQUI NA PLATEIA... QUEM ACHA QUE DAR UM JEITINHO É MELHOR DO QUE SEGUIR AS LEIS, LEVANTA A MÃO! (APURA NA PLATEIA) AGORA, QUEM PREFERE CONFIAR NAS LEIS? (APURA NA PLATEIA) É, ACHO QUE ALGUMA COISA ESTÁ ERRADA... (T) E OUTRO ASSUNTO QUENTE É QUE COMO AS AÇÕES DA PETROBRÁS TAMBÉM SÃO NEGOCIADAS NA BOLSA DE NOVA YORK, A PETROBRÁS AUTOMATICAMENTE ESTÁ SUJEITA ÀS LEIS DE LÁ E, POR CAUSA DISSO, O PETRO-ESCÂNDALO TAMBÉM VAI SER INVESTIGADO PELOS AMERICANOS. DIZEM QUE JÁ TEM GENTE PREOCUPADA, ALEGANDO QUE, COMO ROUBOU EM REAIS, NÃO PODE SER INVESTIGADO EM INGLÊS. (T) AGORA, UM INSTANTINHO SÓ E NÓS VOLTAMOS COM AS “MENINAS DO JÔ”. BEIJO DO GORDO.

VINHETA DE ABERTURA (COM LETREIROS)

PRIMEIRO BLOCO – AS MENINAS DO JÔ

1º. INTERVALO

10.3 Anexo: Exemplos de pautas

Na lista abaixo alunos podem verificar como eram sugeridos os nomes dos possíveis entrevistados ao programa do Jô na reunião de pauta.

- **Dedé Santana** – de família circense, Dedé foi ajudante de palhaço durante um bom tempo. Seu nome verdadeiro, Manfred, foi inspirado no alemão que doou sangue para sua mãe durante a gravidez. O ator pode lembrar diversas histórias sobre “Os Trapalhões”, como por exemplo, as aventuras vividas numa viagem à África.
- **Christiane Torloni** - a atriz protagoniza o espetáculo “Master Class”, baseado na vida da cantora lírica Maria Callas. Pode falar da peça, da carreira e de sua militância a favor da Amazônia, recomendando a todos, inclusive, a leitura da encíclica do papa Francisco, “Laudato si”, conhecida como “encíclica verde”.
- **Luiz Felipe Pondé** - o filósofo fala sobre a importância da espiritualidade e da esperança na vida. Está lançando o livro “Os dez mandamentos (+um), pela editora Três Estrelas. Na obra ele analisa os dez mandamentos e cria um 11º. Segundo ele, o mandamento mais difícil de ser cumprido é o “não cobiçar a mulher do próximo”.
- **Nadia Bochi** - a jornalista criou o quadro “Tem visita”, do programa “Mais Você”, em que viaja a lugares remotos do país e dorme na casa de pessoas diferentes. Antes de ser repórter do programa, Nadia foi a primeira repórter do “Profissão repórter”, comandado por Caco Barcellos. Lá, fez uma reportagem sobre o trabalho nos canaviais do interior, quando trabalhou como cortadora de cana.
- **Mônica Iozzi** – a humorista e atriz é quem mais recebe cartas apaixonadas na TV Globo. Apesar da nova realidade, ela diz que no passado era difícil levar cantadas. Além de interpretar, Mônica sempre gostou de cantar – na adolescência ela imitava Sandy e Elis Regina.

10.4 Anexo: Carta convite aos pais

CONVITE PARA A OFICINA “O TALK SHOW NA ESCOLA”

Senhores pais e/ou responsáveis e alunos,

A compreensão a respeito da produção de um talk show pode ampliar os conhecimentos da linguagem televisiva, dos meios de comunicação e também mostrar um pouco sobre o que há por trás das câmeras nesse tipo de programa. Os participantes farão um programa de entrevistas passando por todas as etapas: da pauta inicial à produção de roteiro até a gravação da entrevista. Além de produzir um talk show, a proposta dessa oficina é incentivar nos estudantes o desenvolvimento da criatividade e da comunicação ao planejar ou ao responder a uma entrevista.

A oficina “O Talk Show na Escola” faz parte do projeto de mestrado em Educomunicação na Escola de Comunicações e Artes da USP da jornalista Myrian Clark. A jornalista trabalhou por 17 anos na produção do talk show “Programa do Jô”, na TV Globo.

A oficina acontecerá de 18 a 31 de agosto de 2017, com aulas diárias, menos nas quartas-feiras. Os 8 encontros terão cerca de uma hora e meia de duração, das 16h30 as 18h, na própria ETEC.

Com o objetivo de organizar a oficina solicitamos que os estudantes interessados deixem seus nomes na lista da secretaria da ETEC e tragam a autorização de participação assinada pelo responsável. Dúvidas: myrianclark@gmail.com

Limite de vagas: 20 alunos. As vagas serão preenchidas por ordem de inscrição ou sorteio, dependendo do número de interessados.

Custo: gratuito

Myrian Clark é jornalista, mestranda e especialista em Educomunicação pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Durante 17 anos foi produtora, roteirista e editora do Programa do Jô, na TV Globo. Dirigiu vídeos de apoio ao livro didático e ao professor para a editora FTD. Fez reportagens internacionais nos EUA, Zaire, Israel, Venezuela, França, Eslovênia e Argentina. Trabalhou no SBT, TV Cultura, TV Bandeirantes, Canal Futura e Notícias Populares.

10.5 Anexo: Lista de alunos selecionados pela ETEC



GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO

ALUNOS AUTORIZADOS A ENTRAR NA ESCOLA A PARTIR DAS 15:15 PARA PROJETO.

DIAS: 18/08, 21/08, 22/08, 24/08, 25/08, 28/08, 29/08, 31/08 E 01/09

Lista dos selecionados para o TALK SHOW NA ESCOLA			
Qtde	Nome	Serie	Idade
1	Lucas Kyota da Costa	2º A	16
2	Bruna Leão Freitas	2º A	16
3	Davi de Lima Bezerra	2ºA	16
4	Carlos Eduardo Z Rodrigues	2ºC	17
5	Guilherme Reis R. do Nascimento	3º A	17
6	Nicolle Cardozo	3ºB	16
7	Yandra de Araujo B. Pereira	3ºB	17
8	Guilherme A. Kerlin	3ºB	17
9	Barbara do Nascimento Pereira	3ºB	17
10	Daniel de Oliveira S. Vargas	3ºB	17
11	Cintia Azevedo Rodrigues	3ºB	17
12	Jonathan Ferreira	3ºB	16
13	Vinicius Jesus Rodrigues	3ºB	16
14	Daniel Yuji Kobayashi	3ºB	17
15	Giovana de Carvalho Guimarães	3ºB	17
16	Iris Minhano Vidoi	3ºB	17
17	Gabriele Barbosa de Oliveira	3ºB	17
18	Arthur Santos de Oliveira	3ºC	16
19	Victor dos Reis Souza	3ºC	16
20	Abraão M A. Leite	3ºC	17

10.6 Anexo: Monólogo de abertura do Talk Show Curto Prazo

Abaixo, reprodução do monólogo de abertura escrito e lido pelos apresentadores na gravação no teatro da ETEC Sapopemba. Apesar de não disporem de teleprompter, os alunos mantiveram as letras maiúsculas para facilitar a leitura e memorização do texto

MONÓLOGO DE ABERTURA CURTO PRAZO

GABI) BOA TARDE!, VEM VINDOS AO NOSSO TALK SHOW: CURTO PRAZO! (T) OBRIGADA À NOSSA BANDA E A VOCÊS PELA PRESENÇA. NÓS VAMOS SER BREVES NESTA APRESENTAÇÃO. VOU COMEÇAR FALANDO DO MEU NASCIMENTO... DE LÁÁÁÁÁ...

ABRAÃO) TÁ MALUCA?! EU QUERO É FALAR LOGO DESSA FASE DA NOSSA VIDA. PORQUE QUANDO VOCÊ É SÓ UMA CRIANÇA VOCÊ NÃO PRECISA FAZER AS SUAS PRÓPRIAS ESCOLHAS. SE TIVER QUE TOMAR UMA DECISÃO, ALGUÉM RESOLVE POR VOCÊ. VIDA FÁCIL, SABE A FASE 5 DO JOGO?

GABI) TÁ BOM, MAS NUM PISCAR DE OLHOS EU CRESCI. (ZOANDO UM POR SER MAIOR QUE ELE). A VIDA ADULTA TÁ BATENDO ALI NA PORTA. SÓ QUE EU NÃO ESTOU QUERENDO ABRIR, SABE? VOCÊ TEM A CHAVE?

ABRAÃO) CLARO QUE NÃO! E NESSE MOMENTO DE ESCOLHER UMA CARREIRA E PRESTAR VESTIBULAR VOCÊ PENSA: "NÃO POSSO ERRAR"

GABI) MAS SERÁ QUE NÃO PODE ERRAR MESMO? OUTRO DIA EU LI UMA PESQUISA QUE 72% DAS PESSOAS DO MUNDO NÃO TRABALHAM COM O QUE GOSTAM. SE FOR LEVAR O DADO AQUI PRA ESSA PLATEIA... TUDO UM BANDO DE PERDIDO, Ó LÁ! NÃO É SÓ VOCÊ!

ABRAÃO) TÁ BOM, TÁ BOM, MAS SE PODE ERRAR, NÃO É ISSO QUE PARECE!

GABI)É, A GENTE SENTE UM A"GORA OU NUNCA" EM TODOS OS LADOS: NA FAMÍLIA, NA ESCOLA... ATÉ ENTRE A GENTE MESMO! DAÍ VOCÊ TENTA SE PASSAR POR UMA PESSOA CONFIANTE, QUE ESTÁ NO CONTROLE, MAS LÁ NO FUNDO AINDA SE APEGA NAQUELA CRIANÇA.

ABRAÃO) É QUE AS PERGUNTAS NÃO TE DEIXAM EM PAZ.

GABI)VAI FAZER FACULDADE?

ABRAÃO)VAI FAZER HUMANAS?

GABI) OU QUER GANHAR DINHEIRO?

ABRAÃO) QUERO QUE VOCÊ FAÇA O QUE TE FAZ FELIZ, MAS VOCÊ TEM CERTEZA?

GABI) NÃO VAI PERDER O PRAZO DA INSCRIÇÃO. OLHA O PRAZO, OLHA O PRAZO, HEIN!?

ABRAÃO) FOI POR ISSO QUE A GENTE CHEGOU NESSE NOME AQUI: CURTO PRAZO, ENTENDERAM?

GABI) É, O PRAZO TÁ CURTO MESMO. O FINAL DO ANO PRATICAMENTE JÁ CHEGOU. E NÓS AQUI COM TODAS ESSAS MINHOCAS NA CABEÇA! ISSO TEM SAÍDA?

AP2) SEGUINTE: A PRIMEIRA SAÍDA QUE EU ENCONTREI FOI FALAR DISSO. É..., PÔR PRA FORA MESMO! DIVIDIR COM OS OUTROS, NEM QUE SEJA COM A SABRINA, A CACHORRA MASCOTE DA ETEC. EU CONVERSO COM ELA, SABIA? SABE QUE EU ME SENTI MELHOR!? FOTO DA CACHORRA NO TEÃO (T)

GABI) VOCÊ SABE QUE ELA É SURDA, NÉ? (T)

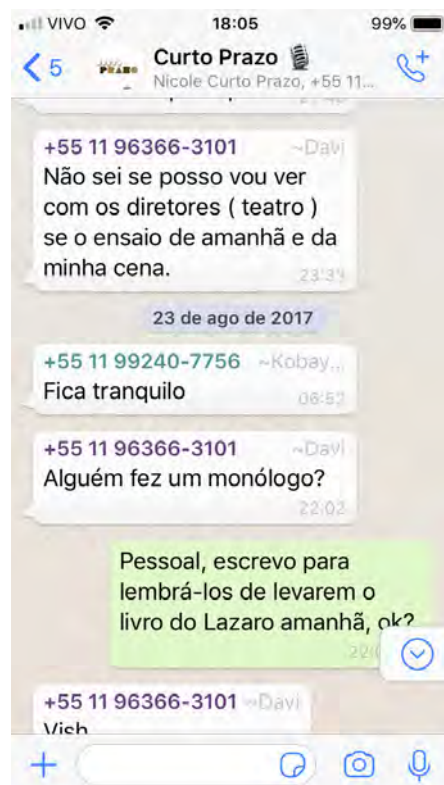
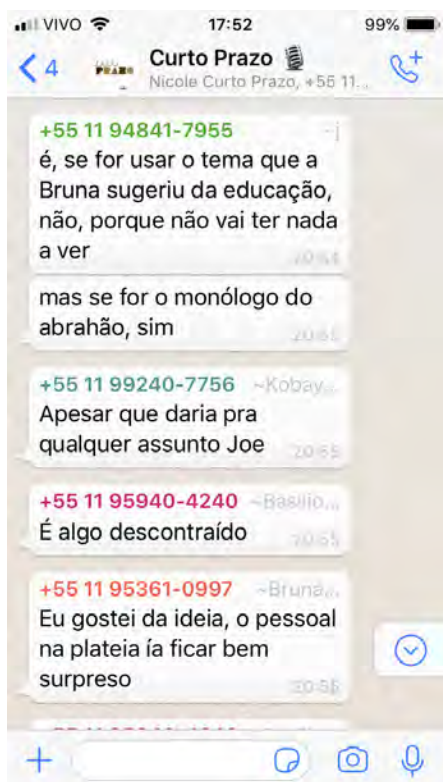
ABRAÃO)TÁ, EU SEI, MAS A VERDADE É QUE ALIVIA SABER QUE TÁ TODO MUNDO NA MESMA SITUAÇÃO. SERÁ QUE OS NOSSOS ENTREVISTADOS JÁ SENTIRAM UMA PRESSÃO COMO ESSA? COMO SERÁ QUE FOI ESSA FASE DA VIDA PRA ELES?

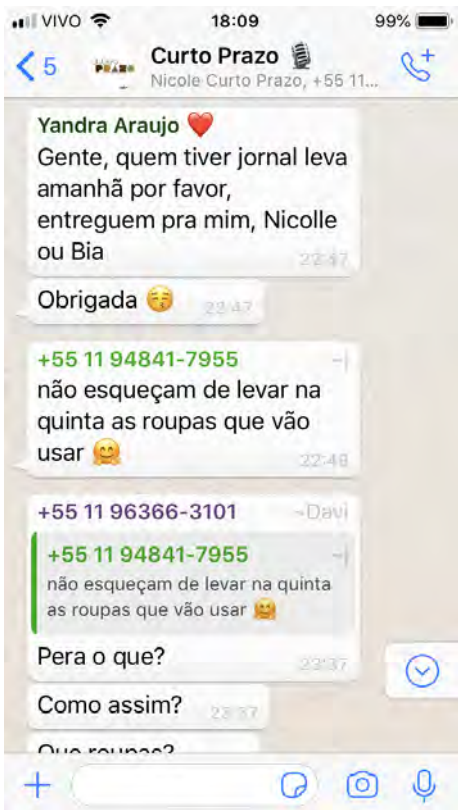
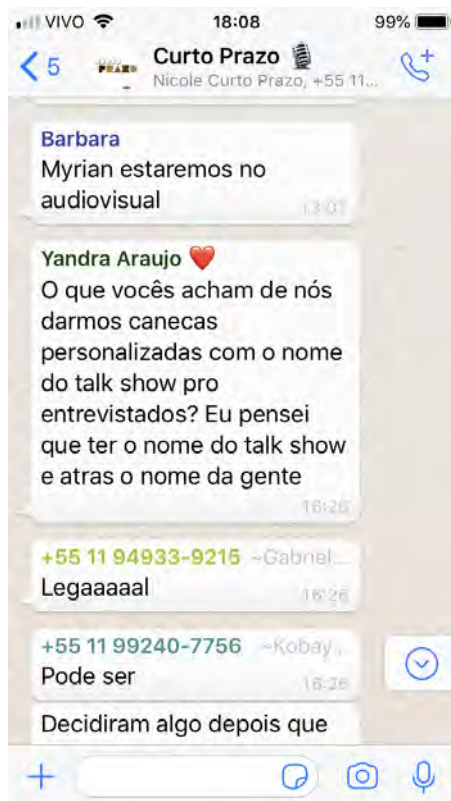
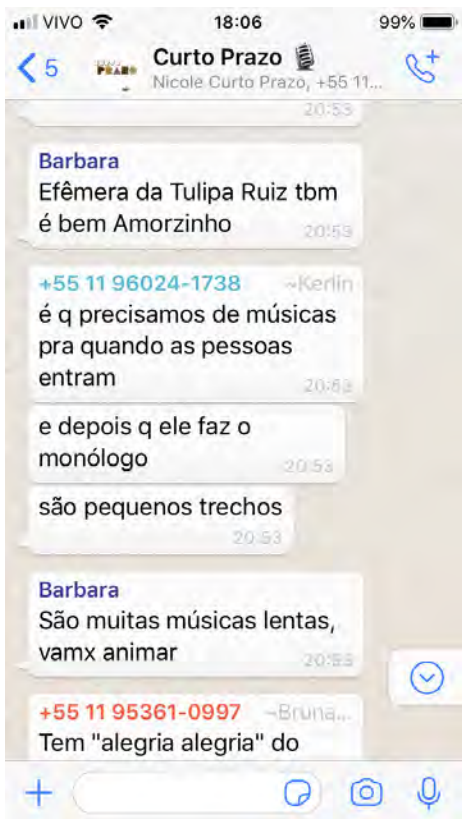
GABI) ENTÃO VAMOS LÁ DESCOBRIR ISSO LOGO PORQUE ESSES CARAS VIVEM CORRENDO. O PRAZO É CURTO, OU SEJA, CURTO PRAZO!

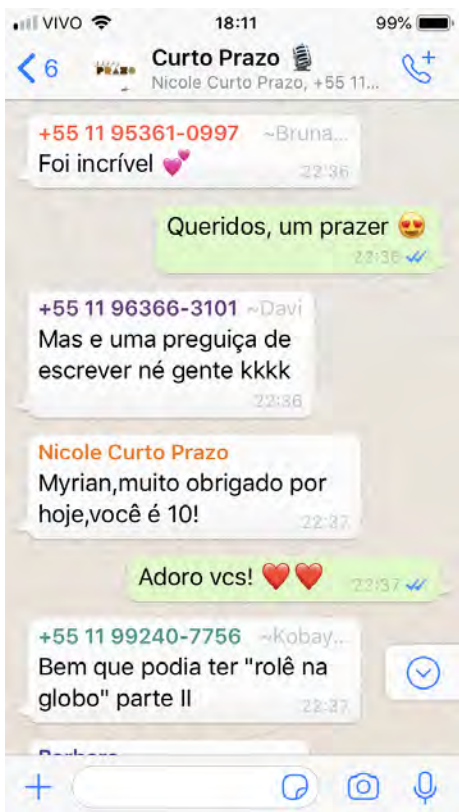
ABRAÃO) ENTÃO EU PEÇO PALMAS DA PLATEIA PARA OS NOSSOS CONVIDADOS DE HOJE.

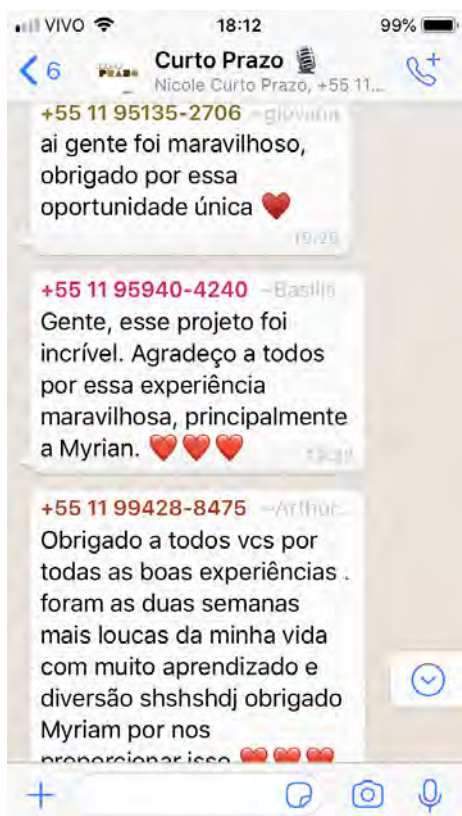
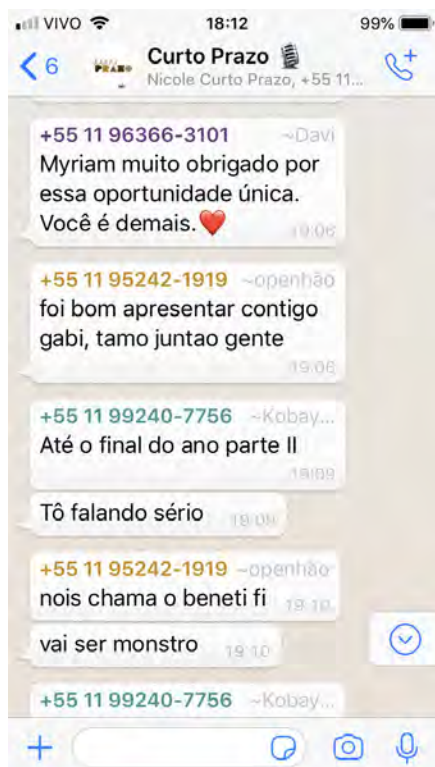
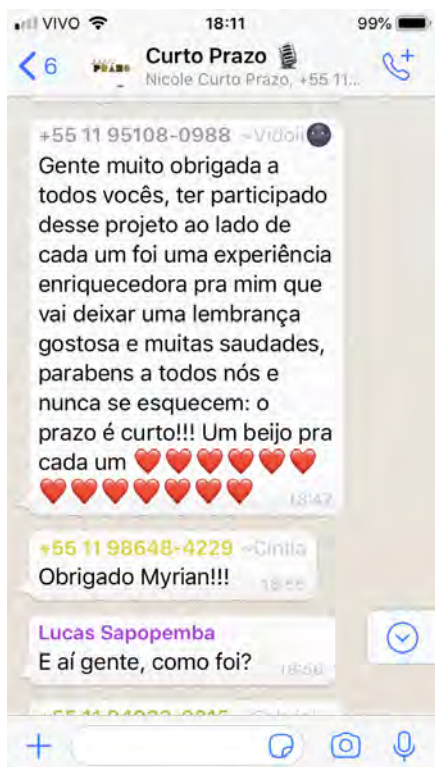
(TEMPO PARA AS PALMAS)

10.7 Anexo: Trocas de mensagens pelo aplicativo Whatsapp









10.8 Anexo: Exemplo de sugestão trazida pelos pauteiros da ETEC

JOUT JOUT

Categoria: Celebridade

Canal: JoutJout, Prazer.

Contato da Agente: luciana@lucianapimentel.com.br

Email do Canal: joutjoutprazer@gmail.com

Página do Facebook: <https://www.facebook.com/prazerjoutjout>

Página do Instagram: <http://instagram.com/joutjout>

Julia Tolezano nasceu em Niterói, no Rio de Janeiro em 14 de Março de 1991, onde se formou em jornalismo pela PUC-RJ.

Ela começou a gravar vídeos para o YouTube em 2014 com a intenção de perder o medo das críticas, e em 2015 estourou com o vídeo "Não tira o batom vermelho", onde aborda questões feministas.

Em 2016 lançou seu primeiro livro intitulado "Tá Todo Mundo Mal", onde ela reuniu as suas "melhores" angústias em textos tão divertidos e inspirados quanto os vídeos de seu canal no YouTube, "Jout Jout, Prazer".

Família, aparência, inseguranças, relacionamentos amorosos, trabalho, onde morar e o que fazer com os sushis que sobraram no prato são algumas das questões que ela levanta. Além de nos identificarmos, Jout Jout sabe como nos fazer sentir melhor, pois nada como ouvir sobre crises alheias para aliviar as nossas próprias.

Ela participou da Bienal do Livro e foi uma das estrelas da campanha publicitária promovida pelo Youtube Novos Tempos, Novos Ídolos, no mesmo ano mudou-se para São Paulo. No fim de 2016, Jout Jout foi notícia em várias manchetes por ter terminado o namoro com Caio Franco, que trabalhou junto com ela desde o início do canal, após a polêmica Júlia confirmou que Caio iria continuar trabalhando com ela no canal.

Júlia se declara abertamente feminista, e fã da série dos anos 2000 Gilmore Girls, além de ter bastante conhecimento sobre o seu público alvo e facilidade de comunicação com os mesmos.



Foto: reprodução da youtuber Julia Tolezano trazida para a reunião de pauta do Talk Show Curto Prazo, 2017

10.9 Anexo: Texto do mural da ETEC sobre o Talk Show na Escola

Talk Show Etec de Sapopemba:

pausa para criar

Por Denis Le Senechal Klimiuc

Seria cômico se não fosse trágico a pressão que os jovens sentem ao cursarem o terceiro ano do ensino médio e enxergarem, ao mesmo tempo, um muro gigantesco e o mundo inteiro à sua frente.

Essa é, definitivamente, uma das fases mais complicadas da vida de um jovem brasileiro, cujos propósitos e escolhas de toda a vida recaem em suas cabeças, abertas e desafiadoras, enquanto o mundo exige deles a mais completa disciplina. Afinal, os próximos anos definirão o que farão pelo resto de suas vidas, correto?

Não.

Ser adolescente em pleno século XXI é muito mais do que cursar uma escola técnica ou ter aplicativos de todos os tipos à disposição a apenas um toque de distância. O mundo mudou muito neste novo século; os jovens também.

A dinâmica de ser adolescente significa florescer em meio ao caos de pensamentos contraditórios a todo momento. E a pressão, como fica? Fica lá, todos os dias, batucando a cabeça dos jovens, já cheia de dúvidas, plantando a discórdia entre o que querem ser e o que se espera de cada um.

Viver é mesmo complicado, mas a adolescência e seus dezesseis ou dezessete anos é muito mais. A complexidade está na pressão, nas escolhas, em cada esquina que se deparam com a possibilidade de alguma coisa – e tudo se transforma de novo, em um ciclo sem fim de acontecimentos simultâneos e dúvidas, dúvidas, dúvidas...

Com esta constatação, o encontro entre jovens de diversas classes da Etec de Sapopemba tornou o fenômeno de adolecer em algo espetacular de ser assistido. Não à toa, a mesa redonda com a jornalista Myriam Clark calhou de começar no mesmo dia em que o eclipse solar deslumbra a todo o planeta. A união de mentes tão diferentes tem disso, essa sucessão de fatos e opiniões que calham na exposição do que cada um está sentindo.

Por alguns momentos, não houve diferenças de idade e sala de aula; por alguns instantes, enquanto o dia precedia o eclipse e o mundo pararia para assisti-lo, um grupo de vinte jovens conversava abertamente sobre suas necessidades, anseios e angústias: a pressão nesta idade ganhou o primeiro lugar.

O vestibular bate à porta de cada um, carregando nas costas um fardo de responsabilidades que oficializarão a vida adulta. Todos sabem disso, mas preferem responsabilizar-se pela transparência à qual se sujeitam durante o papo, com a certeza de que a veterana jornalista ali presente lhes ouviria de peito e braços abertos; acertaram em cheio!

Em meio ao projeto de um talk show desenvolvido com os alunos da Etec de Sapopemba, é visível o crescimento moral e técnico em cada um dos participantes, intrigando e orgulhando a mentora de tal ação, que os apronta não só para o dito cujo programa de televisão, mas para que, sobretudo, a interação permaneça assim, transparente, honesta, em uma crescente sem eclipsar o talento de ninguém.

10.10 Anexo: Carta convite aos entrevistados

Prezado, _____

A ETEC de Sapopemba, em parceria com a Fábrica de Cultura de Sapopemba, gostaria de te convidar para dar uma entrevista, no **dia 5 de setembro, as 15h30 no teatro da Fábrica de Cultura**. O nosso talk show chama-se Curto Prazo e toda a comunidade estará lá para prestigiar a gravação. A orientadora desse projeto é a jornalista Myrian Clark, que trabalhou como roteirista e produtora no programa do Jô Soares, Bem-Estar, em programas do SBT, TV Cultura etc. O projeto do talk show Curto Prazo é parte do mestrado na USP da nossa orientadora. Todo o processo é feito por nós, jovens da ETEC. Trata-se de uma atividade acadêmica, sem fins lucrativos. Nós escolhemos o seu nome **pela sua representatividade e talento**. Outras duas figuras importantes serão entrevistadas no mesmo dia. Você teria disponibilidade nessa data? Gostaríamos de ter a sua confirmação o mais rápido possível para acertarmos os detalhes da sua vinda. Caso tenha alguma dúvida é só escrever para nós ou para a Myrian Clark, OK? Aqui vai o celular dela: 11- 991732653. Muito obrigada pela sua atenção.

Esperamos você!

Abração da equipe nossa equipe do CURTO PRAZO!

10.11 Anexo: Exemplo de tabela com detalhamento dos encontros

AULA 1	AULA 2
DIÁLOGO/APRESENTAÇÃO FORMATO TALK SHOW EXIBIÇÃO DE VÍDEOS PARA ANÁLISE -O MONÓLOGO DE ABERTURA -O QUE É EDUCOMUNICAÇÃO	O PAPEL DE CADA PROFISSIONAL NA PRODUÇÃO TRIAGEM DAS PAUTAS SUGESTÕES DE PAUTA A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO EM EQUIPE
1- EXERCÍCIO: CRÍTICA DOS VÍDEOS 2- EXERCÍCIO: CRIAR UM MONÓLOGO	1-EXERCÍCIO: CRIAR UMA PAUTA 2-LEITURA DE ARTIGO
MATERIAIS: VÍDEO COM TRECHOS DE CENAS INESPERADAS VÍDEO COM MONÓLOGOS/TEXTO ESCRITO JORNAIS DO DIA, MANCHETES DA SEMANA	MATERIAIS: RECORTE DE JORNAL: “O TRIUNFO DOS PORCOS”, DE JOÃO PEREIRA COUTINHO

*Nesta tabela estão organizados, por tópicos, os objetivos e materiais a serem usados nos encontros. Um recurso de apoio ao educador

10.12 Anexo: Modelo de autorização para visita técnica à TV Globo



CENTRO PAULA SOUZA



ETEC DE SAPOPEMBA
Visita Técnica – Emissora Rede Globo

Senhores Pais/Responsáveis

A Etec de Sapopemba em parceria com a Fábrica de Cultura de Sapopemba realizará a gravação do Talk Show chamado Curto Prazo e toda a comunidade escolar estará lá para prestigiar.

O projeto Talk Show Curto Prazo é parte do mestrado de Myrian Clark, jornalista que trabalhou no programa do Jô Soares e em diversos veículos da mídia. O processo é realizado por 20 jovens do Ensino Técnico Integrado ao Médio desta Unidade Escolar. Trata-se de uma atividade acadêmica, sem fins lucrativos, que visa falar sobre os problemas encontrados pelos jovens em sua transição para a vida adulta.

Para que a experiência seja ainda mais enriquecedora os alunos selecionados farão uma visita monitorada as instalações da Rede Globo e assistirão à gravação de um programa de TV.

OBS: haverá transporte oferecido pela emissora.

DIA 04 /09 /2017

SAÍDA 12h Etec de Sapopemba

RETORNO 21h no mesmo local

Não haverá custo

Uso obrigatório da camiseta da escola

Entregar autorização até 04/09/2017

AUTORIZAÇÃO PARA VISITA TÉCNICA

Autorizo meu(minha) filho(a) _____ nº _____ °ETIM _____

participar da visita monitorada para a Emissora Rede Globo no dia **04/09/2017** das 12h às 21h

acompanhada(o) dos professores: Rita e Roseli.

Responsável _____

Fone _____ RG (do aluno) _____

10.13 Anexo: Entrevistas com Professores da ETEC

10.13.01 Entrevista Professora Roseli Lovato Terrani

1- Vocês usam TV na escola?

Sim, mas com o intuito de passar um filme, vídeo ou para quando o professor prepara uma aula no power point. Também usamos porque o Centro Paula Souza tem a Rede do Saber, que é do Estado, e que faz parceria com a gente. Eles ministram cursos de instrução para o departamento pessoal, por exemplo. Daí eles passam para gente palestras ou algum curso on line para a internet. Daí também usamos a TV como uma tela para os cursos. Mas não usamos a TV com os conteúdos de uma programação.

2- Qual programa de TV ou internet você acha que os alunos gostariam de assistir ou de executar na escola nos moldes do projeto do Talk Show? Por que? Eles falam de algum programa de TV/internet na sala de aula?

Lá na escola nunca usamos um canal específico de internet com os alunos. Às vezes o professor de informática pede que eles vejam algum material no youtube. Daí eles fazem isso no laboratório de informática. Eu dou aula de banco de dados para alunos de desenvolvimento de sistemas e aplicativos informatizados no marketing e contabilidade. Durante a aula ou quando eles já terminaram, eles falam bastante do Netflix e alguma coisa do Youtube. Eles também gostam muito de música coreana, de canal K-pop¹⁰¹. Vejo que a TV perdeu muito espaço também pela minha casa. Se não fosse a minha sogra, que vê GNT, meus filhos só querem saber das séries, porque não tem comercial.

3- Na sua opinião, acha que seria possível implantar um projeto como o Talk Show na Escola de forma regular?

Sim, acho que seria possível. Já tivemos outras iniciativas de trazer experiências profissionais para os alunos. Tivemos também um projeto, o “Pense grande”, da Telefônica, que fez oficinas com os estudantes. Nesse projeto eles trabalharam aplicativos. Um dos projetos, que eu me lembre, ganhou repercussão e saiu até na capa do Diário Oficial do ano passado. A aluna tinha uma irmã com síndrome de down que fugiu de casa e a família ficou desesperada. Daí surgiu a ideia de criar um aplicativo para localizar pessoas com foto e etc. Esse projeto

¹⁰¹ K-pop é a abreviação de Korean pop, música popular coreana, um gênero musical originado na Coreia do Sul, que se caracteriza por uma grande variedade de elementos audiovisuais. Esse estilo musical incorporou tendências do ocidente como pop, rock, jazz, hip hop, R&B, reggae, folk e country à música sul coreana.

não foi na nossa unidade, foi feito lá no Centro Paula Souza em 2016/2017. São metodologias ativas, como o Talk Show. Acho que é bacana quando os alunos pegam o que eles tem de conhecimento através de oficinas e fazem um projeto. Alguns alunos fizeram um projeto para pessoas que moram em apartamentos poderem ter um kit de temperos na janela. São coisas para a comunidade que surgiram de ideias aqui da ETC. Isso tudo o Centro Paula Souza fez, reuniu os alunos, levou-os para conhecer uma incubadora, levou para passeios no Centro Cultural... tudo isso abre a cabeça do alunos.

4- Quais modificações você considera que aconteceram no processo de aprendizado?

Acho que o Talk Show na escola contribuiu muito com a autonomia dos alunos. Na época, a gente tinha uma aluna que estava em processo de depressão. Ela chegava muito atrasada, estava desanimada com a escola. Com o projeto ela parou de se atrasar, melhorou muito, foi escolhida para um papel importante no Talk Show e quando nós a vimos no palco lá na Fábrica de Cultura... foi fantástico. Os pais vieram falar com a gente, como é que tínhamos conseguido essa mudança uma vez que ela já vinha com um histórico depressivo. Ela estava numa sala problemática e ela mesma não queria que ninguém soubesse que ela estava depressiva. O Talk Show ajudou muito. Mesmo ela não tendo a assiduidade esperada para entrar no Talk Show a gente resolveu dar uma chance. E foi muito positivo. Pensamos assim: “vamos colocá-la nesse projeto pra ver se isso aí dá um up.” A gente disse que só escolheria as melhores notas e maiores frequências, mas também encaixamos algumas escolhas nossas. No processo, teve um dia que ela foi ao médico e me ligou pedindo pra entrar atrasada na aula do Talk Show, na aula da Myrian. Achei aquilo muito bom. Eles não queriam perder a sua aula. Sentiram-se valorizados e importantes por terem sido “escolhidos”. Aquela aluna só precisava de um empurrãozinho e o Talk Show chegou em boa hora. Depois ela terminou bem o ano, mas não sei se veio buscar o diploma.

5- Acha que esse tipo de prática é mais acessível a um grupo de alunos, independentemente da bagagem cultural?

Qualquer um pode fazer. E eles fazem, viu? A partir do momento que eles se determinam a fazer, eles fazem. Acho que eles fizeram muitas coisas a partir do conhecimento prévio que eles já tinham, como as pesquisas, as boas ideias. Tudo isso partiu de um conhecimento pré-existente deles, mas que você soube organizar e trazer pra fora. Às vezes a gente não conhece a realidade deles. A gente não tem como dimensionar isso. Eles também surpreendem.

6- O que você acha que a experiência do Talk Show na escola mostrou sobre a prática educativa?

Eles ficavam ali com você por 1h30, fora do horário de aula, sem serem obrigados e se comprometeram muito. O desenvolvimento do projeto foi muito legal. Dá para ser legal, né? No começo poderiam ficar só pela curiosidade, mas você segurou todo mundo. Cada dia tinha uma coisa nova. Eles estavam sempre esperando alguma coisa. Isso é muito válido. Até mesmo os bolinhos. Os bolinhos geravam muita expectativa. Depois teve a questão do cenário, cada encontro era uma coisa. Acho que isso os cativou e motivou muito. Não sei muitos detalhes, mas posso dizer pelo que eles falam do projeto lá nas minhas aulas. O Talk Show tinha elementos pra motivar os alunos. Isso é importante na educação.

7- Na sua opinião, seria possível repetir um projeto como o Talk Show na Escola com outros programas? Gostaria de sugerir algo?

Sim, é possível. E eles são criativos. Eles gostam dessas novidades. Na minha disciplina eu nunca tinha pensado nisso. O que a gente faz nas aulas de informática, por exemplo, poderia ter como resultado final um vídeo. Há muito tempo eu fiz um projeto sobre o rádio e a TV e eles tinham que me apresentar, em formato de rádio ou vídeo, um jornal. Seria como contar a história no rádio. Fiz isso em 2010, busquei algumas referências e eles produziram. Um grupo fez uma rádio novela contando um conto. Eles são muito criativos.

8- Já fizeram alguma vez o mapeamento das práticas comunicacionais das aulas?

Nunca fizemos isso não. Acho que isso deve ser sobre como vamos conseguir a comunicação com o aluno? Se fizemos, deve ter sido com outro nome. Aqui na escola temos também algumas dinâmicas de reuniões de professores em que a Rita, coordenadora, convoca os professores a contarem nas reuniões as coisas legais que conseguiram fazer com as turmas. Como é que os professores conseguem acessar os alunos? Como ele fez? Que resultado atingiu? Foi positivo, por que? Também dividimos os resultados negativos.

9- Como você avalia a comunicação entre professores e alunos na escola?

De zero a dez, eu daria um sete. Nem sempre o professor entende a prática e nem sempre o aluno entende o professor. Temos falhas na nossa comunicação. Às vezes o aluno não entende o objetivo do professor. Tem momentos em que a conversa não se alinha e até a coordenação

precisa intervir. Depende muito do que o professor faz e fala. Tem também um ego do professor, acho que isso às vezes também atrapalha.

10- Existe algum método ou prática para melhorar a comunicação dos professores e alunos na escola? Ou esta comunicação depende da relação que cada professor tem com as suas turmas?

Temos as duas situações. Se o professor tem bom relacionamento com a sua turma e consegue falar e dar a aula, os alunos entendem o objetivo que ele propôs, a turma aceita os conteúdos, claro que tudo funciona melhor. E também é claro que nem todo mundo vai aprender sempre. Tem aqueles que não estão num bom momento... Mas há situações em que simplesmente não rola. Os alunos ficam com cara de interrogação. Acho que a boa comunicação vem do laço de amizade do professor com o aluno. Se o professor não fizer bem esse laço, não consegue ensinar. Tem professor que tem tantos alunos que não consegue criar o laço ou não tem o perfil pra estabelecer esse laço. Daí qualquer coisa que o aluno não entende, eles acham que é o professor. Daí vem a indisciplina. E o professor também tem a sua parte na história. Ele não vê que o aluno não prestou atenção nele. Acha que eles não entendem porque não gostam da matéria e não gostam dele. Acho que a culpa pela falta de comunicação é dos dois lados.

11- Quais são os maiores entraves para a implantação de um projeto educacional? O currículo? A falta de formação dos professores? O desinteresse da turma? A falta de conhecimento sobre projetos? Outro motivo?

Acho que os maiores entraves seriam o interesse e a disponibilidade dos professores. Trabalho com crianças de 15 anos que exigem muito. Não posso falar por todo mundo, nem posso julgar. Mas tem professor que não tem a disponibilidade. Tem professor que dá aulas e trabalha em quatro ETECS. A nossa coordenação propõe oficinas para os professores aos sábados, com certificados. Mas nem todo mundo participa. Os professores não tem disponibilidade e isso acaba matando o interesse.

12- Você teria interesse e disponibilidade para fazer uma formação educacional? E quanto aos professores da sua equipe?

Sim, claro. Aqui as horas de formação não são remuneradas, mas são pontuadas. Quem participa recebe um certificado. Essa pontuação ajuda, por exemplo, para quando o professor for escolher as aulas. Quem tem maior pontuação tem prioridade de escolha. Isso é importante pro professor. Para ele ter uma evolução na carreira, no dinheiro... até mesmo para pedir um aumento salarial. Esses pontos contam e ajudam muito.

13- Para coordenadores: qual a reação dos professores quando apresentados a um projeto inovador? E quanto aos alunos?

Oferecer para os professores é bem parecido com oferecer algo novo para os alunos. Tudo vai depender de como eu vendo o peixe. Se o professor, especialmente aquele das áreas técnicas, não achar relação com a disciplina dele, ele vai perguntar: “mas pra que é que eu tenho que fazer isso? O que é que isso vai me trazer de benefício?” Com os alunos é quase a mesma coisa. Na área dos professores da base comum já é diferente. Eles aderem mais facilmente se o projeto encaixar com o que eles querem fazer, com a filosofia de ensino deles. Uma ideia de projeto assim precisa ser muito bem elaborada. Precisaria pensar grande, numa parceria com o Centro Paula Souza.

14- O que poderia ser melhorado no projeto do Talk Show na Escola?

Ai, melhorado? Difícil dizer, viu? Uma comunidade na periferia como a nossa, no entorno, tem o aluno carente e o que não é carente. A gente tá sempre voltada pro aluno carente. E essa carência já nem é mais a questão material. Tem a questão afetiva, os problemas da casa... a gente tem de lidar com questões que vão muito além dos problemas pedagógicos ou financeiros. São muitos problemas familiares, de pai e mãe. Temos questões de suicídio, dos adolescentes que ficam se mutilando, se cortando com Gillette, temos problemas de alunos com o álcool... Puxa, são muitos problemas com a bebida. Às vezes o aluno já vem alcoolizado para escola. Todas essas questões permeiam os alunos e são a nossa realidade. Seria interessante a inclusão destas questões, termos mais espaço para o diálogo com um universo maior de alunos. Se tivéssemos um espaço aqui na escola, como é o auditório da Fábrica de Cultura, isso certamente seria um incentivo para eles. O uso da Fábrica de Cultura foi um “empréstimo.” Se tivéssemos um espaço assim na escola isso também seria uma realidade, teríamos como incentivar projetos ligados ao rádio e à TV.

10.13.02 Entrevista Denis Le Senechal Klimiuc - Vice-diretor de serviço da área acadêmica

1- Vocês usam TV na escola?

Sim, para atividades relacionadas às aulas cuja utilização de audiovisual se faz necessária. Mas não usamos em relação a canais de TV, pois não há antena na ETEC.

2- Qual programa de TV ou internet vocês acham que os alunos gostariam de assistir ou de executar na escola nos moldes do projeto do Talk Show? Por que? Eles falam de algum programa de TV/internet na sala de aula?

O projeto Talk Show ficou muito bem falado entre os alunos, chegando, inclusive, aos cursos noturnos. Isso significa que eles têm interesse por projetos relacionados a comunicação, sobretudo programas como o The Noite, da Tatá Werneck e afins. Além disso, são bastante antenados em youtubers, como Whinderson, Jout Jout e Kéfera, além de apresentarem perfil bastante politizado.

3- Na sua opinião, acha que seria possível implantar um projeto como o Talk Show na Escola de forma regular?

Sim, acho possível porque esta escola oferece cursos técnicos, o que indica um perfil de alunos que precisam se preparar para o mercado de trabalho e exercitar, acima de tudo, habilidades relacionadas à comunicação. Além disso, até mesmo o ensino médio desta unidade de ensino é vinculado ao técnico, o que condiz com a proposta de um Talk Show. O projeto mostrou ao aluno de periferia que a proximidade com celebridades e/ou personalidades importantes de determinadas áreas pode, sim, ser acessível.

4- Quais modificações você considera que aconteceram no processo de aprendizado?

O aluno de periferia, mesmo o de escola técnica, cuja entrada é garantida através de um processo seletivo chamado Vestibulinho, o que determina, teoricamente, a força de vontade de quem quer estudar; este aluno precisa ter contato com formas de comunicação e de entretenimento como ferramentas de trabalho, pois o costume de gerações de regiões como a da ETEC de Sapopemba é a elitização daqueles que têm acesso às oportunidades ligadas a televisão, rádio, cinema e afins. Isso indica que é necessário abrir portas para ambos os lados: o aluno precisa enxergar que é possível ser radialista ou roteirista ou ator; as empresas de comunicação precisam enxergar que há muito talento desperdiçado em portas fechadas. Esta

miopia precisa acabar. O projeto Talk Show na Escola se fez presente como um verdadeiro divisor de águas na vida dos alunos que participaram. Posteriormente, muitos deles entraram em faculdades e, de vez em quando, tenho contato. Sempre surge o assunto “Talk Show” e “Myrian Clark” – sempre com carinho e gratidão. Esta é a diferença de alguém que abriu uma porta para eles enxergarem o trabalho de quem faz um talk show.

5- Acha que esse tipo de prática é mais acessível a um grupo de alunos, independentemente da bagagem cultural?

Sim, é acessível a todos e fundamental para o desenvolvimento de diversas habilidades, além de quebra de barreiras e paradigmas culturais e sociais.

6- O que você acha que a experiência do Talk Show na escola mostrou sobre a prática educativa?

O aluno assimilou formas de leitura e comunicação verbal à prática de um programa de televisão, o que mostrou a eles, estudantes de ensino médio e técnico, como é o mercado de trabalho – seja diante ou atrás das câmeras. O aprendizado os formou como seres humanos mais críticos, além de expandir o leque de conhecimento a áreas que, em muitos casos, não se julgavam serem capazes como a escrita e o canto.

7- Na sua opinião, seria possível repetir um projeto como o Talk Show na Escola com outros programas? Gostaria de sugerir algo?

Acredito que o projeto Talk Show na Escola poderia ser anual, mas dividido por turmas. Por exemplo: a partir deste ano, a ETEC de Sapopemba tem 5 turmas de ensino médio, ao invés das 3 anteriores. Poderíamos ter uma turma de cada sala exercitando o projeto e apresentando-o, finalizando com uma espécie de premiação com os melhores do ano: melhor apresentador, melhor piada, melhor convidado de humor, melhor canção e por aí vai. Isso pode ganhar proporções maiores do que apenas o reconhecimento dos alunos e, com a estrutura de nossa parceira com a Fábrica de Cultura, estimular atividades similares na região.

8- Já fizeram alguma vez o mapeamento das práticas comunicacionais das aulas?

Esta pergunta não me habilito a responder por não ser docente.

9- Como você avalia a comunicação entre professores e alunos na escola?

Tendo experiência nesta escola em três departamentos, avalio a comunicação como contínua, havendo constantes tentativas por parte do corpo docente, mas, ainda assim, havendo ruídos

justamente pelas diferentes ideologias dos professores. O aluno, no final das contas, torna-se confuso e julga, em muitos casos, sem saber o que de fato está acontecendo. Precisamos melhorar a comunicação.

10- Existe algum método ou prática para melhorar a comunicação dos professores e alunos na escola? Ou esta comunicação depende da relação que cada professor tem com as suas turmas?

Pelo que vejo, a comunicação depende da relação de cada professor com suas respectivas turmas. Mas, ainda assim, há o acompanhamento pedagógico constante.

11- Quais são os maiores entraves para a implantação de um projeto educacional? O currículo? A falta de formação dos professores? O desinteresse da turma? A falta de conhecimento sobre projetos? Outro motivo?

Enxergo como maiores entraves a carga horária dos alunos e o mapeamento de aulas dos professores. A formação dos horários de aula é bastante complexa, tendo em vista orientações pedagógicas e o seguimento de legislações vigentes para não impedir os direitos e os deveres dos docentes. O resultado é um espaço de tempo bastante apertado para o desenvolvimento de atividades extracurriculares fora do horário de aula. Para que isso ocorra de maneira efetiva em uma ETEC, é necessário constar no plano de curso ligado ao Centro Paula Souza. Porém, para existir como atividade extracurricular, basta organizar horário com alunos, coordenação de cada curso, coordenação pedagógica, orientação educacional e direção escolar, criando termos de responsabilidade e cronograma para ocupação de espaços físicos da escola – tudo como ocorreu no projeto piloto, em 2017.

12- Você teria interesse e disponibilidade para fazer uma formação educacional?

Apesar de não ser docente, tenho em meus planos profissionais entrar na área e, pelo projeto que conheci na ETEC de Sapopemba, sim, tenho interesse.

13- Para coordenadores: qual a reação dos professores quando apresentados a um projeto inovador? E quanto aos alunos?

Deixo a resposta dos professores para as coordenadoras Roseli e Rita. Quanto aos alunos, pude perceber que eles aderem massivamente a projetos inovadores. A concorrência com o Talk Show foi grande. Ano passado, tivemos a visita de todas as salas ao Facebook Hack, na Avenida Paulista. Tive a oportunidade de acompanhar uma turma do segundo ano e vi que o resultado foi bastante produtivo.

14- O que poderia ser melhorado no projeto do Talk Show na Escola?

Não há o que melhorar, mas sim adaptar à realidade da ETEC de Sapopemba. Cito isso apenas observando o microuniverso do qual faço parte, pois acredito que cada escola tenha a sua realidade. Portanto, acredito que seja um projeto com potencial gigantesco para os alunos, tanto do ponto de vista profissional como pedagógico.

10.13.03 Entrevista Rita Arantes - Coordenadora Pedagógica**1- Vocês usam TV na escola?**

Programa de TV não, mas os nossos monitores são televisões. Alguns professores passam aulas ou slides. Alguns acessam o Youtube ou gravam coisas para passar na aula.

2- Qual programa de TV ou internet vocês acham que os alunos gostariam de assistir ou de executar na escola nos moldes do projeto do Talk Show? Por que? Eles falam de algum programa de TV/internet na sala de aula?

Eu não saberia te dizer, mas o talk show foi muito falado. Eles curtiram muito. O pessoal do marketing também gostaria muito de poder participar, já vieram falar comigo, pedir uma nova oportunidade do talk show.

3- Na sua opinião, acha que seria possível implantar um projeto como o Talk Show na Escola de forma regular?

Acho que sim, mas neste momento estamos passando por um processo de transição de gestor. A Sandra, (Sandra Regina Ferraz de Campos dos Reis, diretora na época da realização do projeto) vai sair e o ambiente aqui está muito difícil, sem podermos dar andamento ao que já deu certo. Estas transições na direção atrapalham muito a nossa gestão. Não sabemos como será com o novo diretor. Mas claro que sim, poderíamos o ter o talk show como um projeto curricular.

4- Quais modificações você considera que aconteceram no processo de aprendizado?

No talk show teve a questão de pesquisa. Senti os alunos muito responsáveis nesta área. Eles foram a fundo mesmo e isso transbordou das oficinas para as aulas dos outros professores. A questão do trabalho em grupo, do trabalho em equipe, também mexeu muito com aquela

turminha. Até hoje penso no fato da Tabata Amaral¹⁰² ter vindo até a nossa ETEC. Ela ganhou uma faixa de presidente dos alunos, depois ela se candidatou e agora está em Brasília. Quem poderia imaginar? Aquilo tudo foi muito forte. Isso ainda é muito falado por aqui. Todo mundo lembra que ela passou por aqui, ela é muito querida.

5- Acha que esse tipo de prática é mais acessível a um grupo de alunos, independentemente da bagagem cultural?

Sim, claro, totalmente independente da bagagem cultural. Ele atinge a todos. O projeto tinha muita dinâmica e também era muito educacional. Isso foi favorável a todos os alunos. O projeto partia de uma linguagem simples e atrativa e por isso consegue atrair a todos. Acho que o Talk Show é um projeto cultural com um assunto muito interessante.

6- O que você acha que a experiência do Talk Show na escola mostrou sobre a prática educativa?

Eu considero que as metodologias ativas e com propostas pedagógicas diferentes funcionam. Eu estive lá junto com vocês e vi alunos que, na sala de aula normal, estavam dando trabalho e no Talk Show eles se destacaram e deram um banho. É muito importante trazer algo diferente, tornar o aluno protagonista do projeto de verdade. Embora você estivesse ali à frente, você deu um suporte, mas eles é que foram lá e fizeram. Isso foi muito bonito.

7- Na sua opinião, seria possível repetir um projeto como o Talk Show na Escola com outros programas? Gostaria de sugerir algo?

Sou super a favor. Se você vier aqui, eu super te apoio. Sabe aquele esquema do programa do Serginho Groisman¹⁰³? Aqui um programa como aquele seria tudo de bom. E nós poderíamos pegar os talentos de fora e ao mesmo tempo os talentos da escola. Temos um material muito bom que muitas vezes é desperdiçado por falta de oportunidades.

8- Já fizeram alguma vez o mapeamento das práticas comunicacionais das aulas?

¹⁰² Tabata Amaral filiou-se ao PDT e foi eleita a sexta candidata mais votada no estado de São Paulo com 264.450 votos nas eleições de 2018

¹⁰³ Sérgio Groisman é um jornalista e apresentador de televisão. Seu programa, Altas Horas, é voltado para um público jovem e os assuntos abordados incluem o universo da dança, música e entrevistas.

Alguns professores fazem das aulas uma coisa mecânica: só usam o livro e a lousa. Outros têm metodologias mais atrativas. Mas não tem muita diversificação. A comunicação de que dispomos para a escola é o nosso mural, as falas dos alunos, e o site da escola, onde colocamos algumas práticas para dar um “up” nas atividades. Nestes espaços os professores expõem os trabalhos dos alunos. Fizemos, por exemplo, uma semana só sobre Paulo Freire. Procuramos abrir o diálogo para diferentes saberes. Mas isso depende muito do esforço de cada professor.

9- Como você avalia a comunicação entre professores e alunos na escola?

Estou fazendo uma tese de doutorado sobre isso no momento. Me apaixonei pela gestão e consegui estabelecer uma linha de comunicação com os profissionais da ETEC. A comunicação interna aqui é muito falha. Temos de lidar com a questão do ego do professor, da satisfação... Mas não dá pra um professor estar 100% satisfeito. Para chegar nisso precisamos melhorar a comunicação e 50% compete a um esforço interno e 50% a um esforço externo. Quando eles vão comunicar um projeto de própria autoria, OK, mas se o projeto é de um colega, não há o mesmo empenho. Falta uma ligação maior entre os professores. Só uma minoria executa um trabalho interdisciplinar. No dia da apresentação do Talk Show, na Fábrica de Cultura, eu tive de tomar cuidado para não causar problemas com os professores, porque os alunos precisavam ser dispensados para sair da sala e os professores não gostam disso. Existe uma ciúmeira entre os professores, existe uma questão de ego entre os profissionais. O raciocínio é assim: se a ideia não é minha, pra que é que eu vou comprá-la?” Temos que superar tudo isso e o caminho seria melhorar a comunicação.

10- Existe algum método ou prática para melhorar a comunicação dos professores e alunos na escola? Ou esta comunicação depende da relação que cada professor tem com as suas turmas?

A relação depende de cada um. Deve existir um método, mas não aplicamos aqui. O problema maior não é nem o professor e nem o aluno. O problema passa pela gestão. Por exemplo: com a saída da atual diretora, a Sandra, alguns professores estão criticando muito a gestão dela e fazem isso também para os alunos. Isso faz com que o ambiente fique muito ruim, deixa uma marca negativa e atrapalha as boas iniciativas. O ambiente fica contaminado, todos parecem estar torcendo contra. Como é que você vai desenvolver novos projetos num ambiente assim?

11- Quais são os maiores entraves para a implantação de um projeto educomunicativo? O currículo? A falta de formação dos professores? O desinteresse da turma? A falta de conhecimento sobre os projetos? Outro motivo?

A primeira coisa que eu apontaria é a falta de conhecimento. Isso é primordial, depois vem a falta de boa vontade dos professores em querer conhecer e compartilhar as novas iniciativas e depois ainda é preciso vencer a barreira do professor que não quer se comprometer com aquilo que é diferente da rotina que ele sempre executou. Eles precisariam entender que, mesmo não estando a fim, eu preciso fazer porque isso é importante para a formação do aluno. O professor não pode estacionar na sua prática. O conhecimento é tudo.

12- Você teria interesse e disponibilidade para fazer uma formação educomunicativa?

Tenho muito interesse e disponibilidade. Até fiz algumas capacitações aqui na escola. Já trouxemos palestrantes e precisamos conseguir fazer disso algo constante. Temos aqui 98 professores e apenas 20 compareceram para uma palestra sobre cultural digital. A palestrante falou sobre estar conectado/plugado ou desconectado/desplugado. Os professores que vieram, ganharam muito. Foi um evento agendado previamente com os professores. Marcamos num sábado, no horário de uma reunião pedagógica. Mas choveu e isso já desanima muita gente. Além disso, estamos enfrentando todo este processo de troca do diretor.

13- Para coordenadores: qual a reação dos professores quando apresentados a um projeto inovador? E quanto aos alunos?

Os alunos são mais abertos, ficam mais motivados. Mas poucos professores têm interesse. Eles não querem nem saber de novidade. Sem nem conhecerem o projeto já dizem que é mais do mesmo... Essa reação tem a ver com o desafio, com lidar com o diferente. Os professores também não pensam no lado da razão e sim da emoção. Às vezes são resistentes aos projetos porque querem atingir a direção, porque trabalham em várias ETECs. Precisaríamos chegar numa forma atrativa de chamá-los. Normalmente os professores recebem o convite para este tipo de evento pelo e-mail.

14- O que poderia ser melhorado no projeto do Talk Show na Escola?

Os alunos sentiram que foi uma iniciativa muito muito forte, mas muito mais gente gostaria de ter participado. Gostaríamos de oferecer vagas para todos. Mas tivemos de escolher. Ainda que a seleção principal tenha focado nas notas e frequência, também escolhemos outros casos. Alguns alunos que assistiram a gravação do Talk Show final ficaram com a expectativa de

que teríamos um repeteco do projeto, que abriríamos o Talk Show para toda a escola. Também acho que precisaríamos de mais tempo para fazer o talk show. Foi bem “curto prazo” mesmo, né? Mas, vai ver foi por isso que funcionou tão bem.